

PERcursos Linguísticos

Revista de Estudos Linguísticos

Vol. 3, n. 7, 2013

PPGEL – UFES

PERcursos Linguísticos

Esta revista é um periódico semestral.

Reitoria

Reitor: Reinaldo Centoducatte

Vice-Reitor: Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Júnior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretor: Renato Rodrigues Neto

Vice-Diretor: Júlio Bentivoglio

Departamento de Línguas e Letras

Chefe: Jurema José de Oliveira

Subchefe: Virginia Beatriz Baesse Abrahão

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Mestrado em Estudos Linguísticos

Coordenadora: Maria da Penha Pereira Lins

Coordenador Adjunto: Alexsandro Rodrigues Meireles

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

PERcursos linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. – v. 3, n. 7 (2013)- . – Dados eletrônicos. – Vitória: UFES, 2011-Semestral.

ISSN: 2236-2592

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://periodicos.ufes.br/percursos>>

1. Linguística – Periódicos. 2. Linguística – Estudo e ensino. I. Programa de Pós-graduação em Linguística. II. Universidade Federal do Espírito Santo.

CDU: 81(05)

Ficha catalográfica elaborada por:

Saulo de Jesus Peres

CRB6 – Reg. 676/ES

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910

Vitória – ES

Tel: 027 4009-2801

EQUIPE EDITORIAL

Ana Regina Seno (coordenadora)

Débora Aparecida Furieri

Filipe Siqueira Fermino

Larissa Picoli

Maria Carolina Porcino

Patrick Rezende

CONSELHO EDITORIAL

Alexsandro Rodrigues Meireles (UFES)

Ana Cristina Carmelino (UFES)

Carmelita Minelio Silva Amorim (UFES)

Edenize Ponzó Peres (UFES)

Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (UNESP)

Erasmus d'Almeida Magalhães (USP)

Fernanda Mussalim G. L. Silveira (UFU)

Gregory Riordan Guy (New York University)

Hilda de Oliveira Olímpio (UFES)

Ingedore Grunfeld Vilaça Koch (UNICAMP)

Janayna Bertollo Cozer Casotti (UFES)

Janice Helena Chaves Marinho (UFMG)

José Augusto Carvalho (UFES)

José Olímpio de Magalhães (FALE/UFMG)

Júlia Maria da Costa de Almeida (UFES)

Juscelino Pernambuco (UNESP/UNIFRAN)

Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)

Luciano Vidon (UFES)

Luís Fernando Bulhões Figueira (UFES)

Luiz Antonio Ferreira (PUC/SP)

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

Maria Flavia de Figueiredo (UNIFRAN)

Maria Luiza Braga (UFRJ)

Maria Regina Momesso (UNIFRAN)

Maria Silvia Cintra Martins (UFSCar)

Marina Célia Mendonça (UNESP)

Marta Scherre (UNB/UFES)

Micheline Mattedi Tomazi (UFES)

Rivaldo Capistrano Jr. (UFES)

Virgínia Beatriz Baesse Abrahão (UFES)

SUMÁRIO

Expediente

Expediente	PDF
<i>Editor Gerente</i>	2-5

Apresentação

Apresentação	PDF
<i>Editor Gerente</i>	6-7

Artigos

"E EU TÔ AQUI SOFRENDO": UMA ENTREVISTA E OS VÁRIOS FENÔMENOS SOCIOLINGÜÍSTICOS INTERACIONAIS	PDF
<i>Mariana de Castro Atallah, Mayara de Oliveira Nogueira</i>	8-28
ATLAS TOPONÍMICO DO TOCANTINS (ATT): CRIAÇÃO DE UM SOFTWARE PARA A CATALOGAÇÃO DOS DADOS DAS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS	PDF
<i>Karylleila Santos Andrade</i>	29-41
UM ESTUDO DOS ASPECTOS ENUNCIATIVOS NOS EDITORIAS DA REVISTA SUPERINTERESSANTE	PDF
<i>Sabrina Gabriela Vicentini</i>	42-60
A EXPLICITAÇÃO COMO TRAÇO DE UM HÁBITUS TRADUTÓRIO PARA BRASILEIRISMOS TERMINOLÓGICOS EM LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO NO CORPUS DA OBRA O POVO BRASILEIRO DE DARCY RIBEIRO	PDF
<i>Talita Serpa, Diva Cardoso de Camargo</i>	61-80
PLURILINGUISMO, MULTILINGUISMO E BILINGUISMO: REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE LINGÜÍSTICA MOÇAMBICANA	PDF
<i>Leonarda Jacinto Menezes</i>	81-91
UMA DESCRIÇÃO DAS EXPRESSÕES FIXAS E O PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO	PDF
<i>Alzira da Penha Costa Davel</i>	92-111

Política Editorial

Política Editorial	PDF
<i>Editor Gerente</i>	112-116

APRESENTAÇÃO

Para contribuir com a publicação científica do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, este número da revista eletrônica **PERcursos Linguísticos** dá continuidade ao nosso objetivo de divulgar os resultados de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, que se dedicam aos estudos linguísticos em diferentes níveis, sejam eles doutores, pós-graduandos ou alunos de Iniciação Científica.

A revista é, portanto, canal aberto a contribuições sobre questões de interesse em qualquer subárea da Linguística. O seu Conselho Editorial é composto, principalmente, de docentes do próprio programa, mas conta também com alguns membros externos de expressão na comunidade científica nacional e internacional.

A partir desse número, a Equipe Editorial está composta por atuais alunos da pós-graduação e também por ex-alunos, agora já mestres em Estudos Linguísticos.

O primeiro artigo, de autoria de Mariana de Castro Atallah e Mayara de Oliveira Nogueira, ancora-se numa concepção Sociolinguística Interacional e analisa fenômenos de enquadre, *footing*, organização sequencial de fala e, em especial, a fala institucional a partir de entrevista feita pelo método etnográfico de pesquisa em campo, e transcrita com base nos estudos da Análise da Conversa.

“Atlas Toponímico do Tocantins (ATT): criação de um software para a catalogação dos dados das fichas lexicográfico-toponímicas” é o título do segundo artigo, escrito por Karylleila Santos Andrade. A autora apresenta-nos importante contribuição propondo a criação de um software para catalogar as informações registradas nas 120 fichas lexicográfico-toponímicas, resultado do trabalho de coleta e análise de dados provenientes dos mapas dos 139 municípios do estado do Tocantins. Com isso, auxilia na descrição da identidade cultural e linguística do território tocantinense, compilando os dados por meio de fichas lexicográfico-toponímicas.

O terceiro artigo, de Sabrina Gabriela Vicentini, seleciona para análise, sob viés dos estudos da Linguística Enunciativa, os editoriais comemorativos da revista Superinteressante, explorando os dêiticos, as categorias discursivas e as mudanças das marcas de subjetividade identificadas nesses editoriais, publicados ao longo de 20 anos de existência daquela revista.

Leonarda Jacinto Menezes nos apresenta, no quarto artigo, a realidade linguística moçambicana com o estudo “Plurilinguismo, Multilinguismo e Bilinguismo: Reflexões sobre a Realidade Linguística Moçambicana”. A autora nos presenteia com estudo detalhado sobre a variedade plurilingual e pluricultural coexistente em Moçambique, país que possui variações na língua portuguesa que incluem aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e retóricos, em função das várias etnias e culturas ali cohabitantes.

Já no quinto artigo, Talita Serpa e Diva Cardoso de Camargo investigam o comportamento linguístico-social (o *habitus*) de um tradutor diante dos limites culturais na tradução, analisando o uso de traços de explicitação no processo tradutório para o inglês de brasileirismos terminológicos desenvolvidos por Darcy Ribeiro, na obra *O povo brasileiro*. A metodologia utilizada foi dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus, da Linguística de Corpus e da Terminologia.

E, por fim, o sexto artigo, de Alzira da Penha Costa Davel, analisa o processo de construção de expressões cristalizadas, com a estrutura Verbo + Nome, observando a extensão do sentido metafórico que contribui para a compreensão do significado de textos. Ao aplicar alguns critérios formais de ordem morfossintático-semântica e de transformação, a autora nos mostra a dificuldade de o linguista delimitar determinados itens quando se depara com aspectos relacionados à composicionalidade, à ambiguidade, além da intuição linguística, que podem interferir no julgamento da aceitabilidade.

Esperamos que os leitores tenham uma boa leitura e aproveitamento.

Aproveitamos para lembrar a todos que já estão abertas as submissões para 2014, podendo ser feitas no próprio site da revista.

Equipe Editorial

Ana Regina Seno (coordenadora)
Débora Aparecida Furieri
Filipe Siqueira Fermino
Larissa Picoli
Maria Carolina Porcino
Patrick Rezende

“E EU TÔ AQUI SOFREDO”: UMA ENTREVISTA E OS VÁRIOS FENÔMENOS SOCIOLINGUÍSTICOS INTERACIONAIS

Mariana de Castro Atallah¹

Mayara de Oliveira Nogueira*

Resumo: Propomo-nos, no presente trabalho, a analisar um fragmento de uma entrevista realizada no ano de 2012, na cidade de Serra, município integrante da Grande Vitória (estado do Espírito Santo), gravada em vídeo e áudio, com uma idosa que vive em uma instituição de longa permanência (de caráter filantrópico) desta cidade. Tencionamos explorar, numa perspectiva que se alinha à Sociolinguística Interacional, fenômenos tais quais o de enquadre, *footing* (GOFFMAN, 1964; 1974), organização sequencial de fala (SACKS, JEFFERSON E SCHEGLOGG, 1974; PSATHAS, 1995) e, em especial, a fala institucional (JUNG; LORDER, 2009). A entrevista foi feita pelo método etnográfico de pesquisa em campo e transcrita com base nos estudos da Análise da Conversa; a interação foi realizada numa sala médica existente no interior da instituição e contou com quatro participantes: as duas pesquisadoras, uma idosa e uma enfermeira. Buscamos, outrossim, apresentar alguns conceitos-chave da Sociolinguística Interacional e empregá-los em nossa análise.

Palavras-chave: Sociolinguística Interacional. Análise da Conversa. Entrevista.

Abstract: We propose, in this study, analyse a fragment of an interview conducted in 2012 in the city of Serra, in Grande Vitoria (Espírito Santo), recorded on video and audio, with an elderly woman who lives in a rest home (philanthropic). We intend to explore a perspective that aligns the Interactional Sociolinguistics, such phenomena like frame, footing (GOFFMAN, 1964, 1974), sequential organization of speech (SACKS, AND JEFFERSON SCHEGLOGG, 1974; PSATHAS, 1995) and, in particular, institutional speech (JUNG; LORDER, 2009). The interview was made by the method of ethnographic field research and the transcription is based on studies of Conversation Analysis; interaction was conducted in a medical room inside the institution and featured four participants: the two researchers, an elderly woman and a nurse. We seek, instead, to present some key concepts of Interactional Sociolinguistics and employ them in our analysis.

Keywords: Interactional Sociolinguistic. Conversation Analysis. Interview.

INTRODUÇÃO

Tencionamos, no presente artigo, aplicar alguns conceitos da Sociolinguística Interacional, com interface na Análise da Conversa, ao *corpus* selecionado, qual seja: uma interação entre uma participante que vive numa instituição de longa permanência e duas

¹ Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. Bolsista CAPES. nanatallah@hotmail.com

* Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. Bolsista FAPES. nogueiradv@hotmail.com

estudantes de mestrado do curso de Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (autoras do presente trabalho). Para tanto, serão abordados alguns posicionamentos teóricos acerca desse tipo de dado e a consequência de uma análise interpretativa, no item denominado “entrevista sociolinguística”. Baseando-nos no paradigma interpretativo, abordaremos a entrevista sociolinguística nas perspectivas de autores como Passuelo e Ostermann (2007), Labov (2007) e Levinson (2005).

No item seguinte, apresentamos os pressupostos teóricos que sustentam nosso estudo, pressupostos estes que optamos por dividir do seguinte modo: contexto; enquadres e *footings*; e fala institucional. Tais categorias são apresentadas por aparecerem nos dados escolhidos para a análise.

Posteriormente, descrevemos a metodologia comumente realizada nas pesquisas de campo da Sociolinguística Interacional da segunda tendência, a qual “volta-se para a fala, o discurso, como forma de compreender as unidades linguísticas aí encontradas, traduzindo o interesse específico em compreender como as unidades linguísticas funcionam nas conversações.” (PEREIRA, 2002, p. 08)

Por fim, analisamos os dados levantados, de acordo com as categorias ora apontadas. A gravação que compõe o *corpus* de análise se refere a uma interação entre duas estudantes (*Mariana e Mayara*), uma participante ficticiamente denominada como *Maria* (nome fictício) e uma quarta participante, que foi intitulada, neste trabalho, por uma de suas identidades sociais como *enfermeira*. O estudo da fala de idosos numa instituição asilar mostrou-se relevante tanto por possibilitar a compreensão da interferência do ator sócio-institucional na conversa quanto por trazer à tona marcas linguísticas que sinalizam a situação de abandono. Assim exposto, apresentamos, ao cabo, nossas considerações finais.

Entrevista Sociolinguística

Formado por dados gerados em entrevistas, o *corpus* de análise do presente artigo consiste em gravações – em áudio e vídeo – executada e elaborada pelas próprias autoras deste trabalho. No que tange às indagações idealizadas para a entrevista, preparamos, previamente, uma série de perguntas que nos levasse a compreender como os idosos vivem (e enxergam sua condição) na específica situação de se viver numa instituição asilar. Para tanto, questionamo-lhes a respeito de aspectos relativos à vida pessoal, profissional, anterior e atual. Apesar da formulação de algumas perguntas para a entrevista e sua posterior incorporação na

conversa, procuramos, de fato, conduzi-la do modo mais natural possível, fazendo com que os próprios interlocutores se esquecessem da gravação.

Harold Garfinkel nos anos 60, quando publicou sua obra intitulada *Studies in Ethnomethodology*, inicia um “novo olhar” aos estudos da linguagem aplicando em suas análises a Etnometodologia, que por sua vez, traz um paradigma interpretativo. A mudança principal ocorreu fundamentalmente em investigar a fala-em-interação, de modo que tencionava entender a organização da produção dos discursos das pessoas e a maneira como essas relações são relevantes no contexto situado. A chamada Análise da Conversa (*doravante AC*) advém desse estudo e, a mais importante característica para essa ascensão, na construção teórica, foi a tentativa de demonstrar “que a conversa não é uma ação tão caótica quanto parece e que as pessoas se organizam socialmente através da fala” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 03). Assim, os estudiosos interessados nesse tipo de teoria, os chamados analistas da conversa, começaram a observar o *micro*, entendido como discursivo e situacional, fazendo gravações e transcrições a partir desta metodologia. Observando, por fim, que há uma ordem no discurso.

A partir de então, muitos autores defenderam a ideia de que a entrevista, por exemplo, é um tipo de gênero que não deve ser analisado pela AC, já que essa teoria se presta ao estudo, prioritariamente, da conversa cotidiana, gênero que tem por uma de suas características centrais a naturalidade (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 04). Inseridos nesta mesma corrente, outros pesquisadores não consideram que o gênero *entrevista* possa fazer parte dos estudos de conversa espontânea justamente pelo fato de ser, ao menos, semiestruturada antes do encontro.

Creemos, no entanto, que a categorização/interação específica das pessoas que estruturam o turno P/R/P/R/P/R, nomeadas por entrevistador e entrevistado, relacionam-se, na medida em que realizam a tarefa em conjunto, coconstruindo os sentidos ali produzidos. Nesse esteio, em Schneider (2000, p. 162 *apud* PASSUELO; OSTERMANN, 2007, p. 244), “os entrevistadores não são mais entendidos simplesmente como os condutores para respostas, mas como altamente envolvidos na produção das respostas”. Ademais, levando em conta aquilo que inicialmente foi denominado por Labov (1972) como o *paradoxo do observador*, alguns estudiosos partem de tal questionamento (de origem variacionista) e se pautam no paradigma sociointeracional (linha interacional), valendo-se de algumas técnicas para que a entrevista em si não se torne um fator de distanciamento para um estudo de conversa espontânea. Uma destas técnicas é conhecer os participantes antes de gravar a entrevista e,

caso seja possível, passar ao menos um dia com os participantes antes de efetuar uma gravação. Este momento anterior à coleta dos dados é, na verdade, de cunho subjetivo, uma vez que o entrevistador perceberá – sem, necessariamente, estar pautado rigorosamente por dada teoria – quando o entrevistando se sentirá à vontade para uma conversa espontânea. Outra estratégia é considerar prioritariamente os dados após sete minutos de gravação (LABOV, 1972), momento em que, acredita-se, o entrevistando estará mais distanciado do monitoramento dos instrumentos de gravação. As estratégias ora apontadas refletem, na verdade, o esforço do pesquisador em tornar a conversa mais natural possível.

Considerando o fato de que mesmo em conversas do dia-a-dia, isto é, aquelas menos monitoradas e mais espontâneas, não tomamos a palavra em qualquer momento, acreditamos que a entrevista não deixa de ser uma interação válida e passível de análise, tendo em vista que, muitas vezes, poderá tal gênero ser caracterizado também em razão da espontaneidade por parte dos participantes.

Levinson (2009) sugere, (que) a entrevista é composta de sequências de falas – tecnicamente conhecidas como turnos de fala – de perguntas e respostas. Turnos de fala podem ser definidos como enunciados contendo uma palavra, como sim, ou mesmo ahã, até enunciados bem mais longos e sintaticamente complicados. (PASSUELO; OSTERMANN, 2007, p. 244)

Gostaríamos de ressaltar, ainda, no que tange às questões teóricas e metodológicas ora apontadas, o fato de o gênero *entrevista* conter diversos pontos de vista, entre eles, o do sujeito que elabora e executa entrevista, bem como daquele a quem se dirigem os questionamentos (imagens construídas pelo entrevistado), desembocando, por fim, na percepção do analista. Nos dados deste artigo, a entrevista foi realizada por duas entrevistadoras, as quais correspondem, outrossim, às analistas do trabalho em questão.

Entendemos o risco que corremos na interpretação dos dados, entretanto, concordamos com a afirmação de Yves Winkin (1998), para quem “a posição de observador participante pode gerar sérias dificuldades pessoais e interpessoais”, contudo, “não invalida o estatuto científico do antropólogo” (WINKING, 1998, p. 160). A espécie de entrevista sociolinguística utilizada neste trabalho, todavia, pauta-se no método etnográfico de campo, que, em parte, é utilizado como estratégia adequada a conduzir a entrevista para uma conversa espontânea. Desse modo, a teoria sobre a qual nos basearemos para análise dos dados parte do pressuposto antropológico aplicado ao estudo linguístico, seguindo sua concepção atual que

tendem a explorar tópicos mais específicos e testar hipóteses particulares. Dentro dessa tendência, estão os sociolinguistas qualitativos, que se ocupam com o estudo do uso da linguagem, dando origem a muitas microetnografias, as chamadas etnografias da fala (HYMES, 1972). O estudo etnográfico teria como principais características: (i) o etnógrafo entra no seu campo de pesquisa como aprendiz; (ii) as questões de pesquisa surgem durante o processo de observação participante, bem como as hipóteses para responder a tais questões; e (iii) a descrição etnográfica deve ter como premissa que todos os fenômenos estão interconectados. (LADEIRA, 2007, p.45)

Necessário ainda salientar a importância de se compreender a noção de *competência comunicativa* proposta por Dell Hymes, na década 1970. Tal autor analisa a questão de competência e traz novos aportes para esse conceito, reformulando-o principalmente no que Chomsky chama de *apropriação, adequação*¹. Hymes critica tal postulado, defendendo que a competência não se refere a uma capacidade inata do homem de se valer da linguagem, como queria Chomsky, mas sim à análise de um contexto social, ou seja, o uso da língua em um contexto real e, por ser social, construído por uma dada sociedade num dado momento. Nesse sentido, os participantes de uma conversa, incluindo os do gênero entrevista, possuem a “competência” de se comunicar. Para Nasser e Oushiro (2010)

em situações conversacionais, os falantes sabem, de acordo com a competência adquirida, quando e o que falar, e para quem, quando, onde, de que modo. Dessa forma, na ocasião da entrevista sociolinguística, os participantes têm consciência dos papéis que lhe são atribuídos. (NASSER, OUSHIRO, 2010, p. 03)

Para tanto é preciso esclarecer que isso é apenas um dos pontos para analisar uma interação. Como afirma Marcuschi (2007, p. 119) “não podemos confiar apenas nas características estruturais da interação nem nas propriedades comunicativas da língua, nem dos contextos físicos (imediatos) de produção da interação”, devemos, no entanto, “estar atentos para o que os falantes fazem com tudo isso”. Isto quer dizer que, “o modelo interacional é muito menos dependente do código do que os outros e constitui um modelo que opera crucialmente com a *informação situada*” (MARCUSCHI, 2007, p. 119).

Pressupostos teóricos

¹ Chomsky (1971) apresenta dois conceitos: competência e desempenho. O ponto principal para entendê-los é saber que seu interesse está na competência dos falantes e no que as línguas têm em comum. Embora este autor tenha conseguido desenvolver um estudo teórico da relação entre a língua e o comportamento humano, foi bastante criticado, posteriormente, por deixar de lado os aspectos comunicacionais, por idealizar uma comunidade linguística como homogênea e por conceber um falante-ouvinte ideal.

O referencial teórico deste artigo, como anteriormente apontado, é a Sociolinguística Interacional, paradigma que segue o método qualitativo e interpretativo de análise. Tomamos como paradigma tal teoria por acreditarmos que possui uma ampla metodologia, de base interpretativa e qualitativa, adequada para análise dos fenômenos interacionais. O modelo em questão – que nada mais é que uma forma de fazer análise do discurso numa perspectiva interacional e que concebe a língua enquanto fenômeno social – é estabelecido a partir de contribuições de diversas áreas tais como a Linguística, a Sociologia e a Antropologia.

Na sociolinguística Interacional, são focalizadas interações situadas no relacionamento entre participantes de pequenos grupos de comunidades específicas ou no cruzamento cultural (cf. Bell, 1976:25-8). O estudo da relação entre língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos (cf. Ribeiro e Garcez, 1998:11). Podem ser considerados, para estudo, tanto gêneros espontâneos, como a conversa entre amigos, gêneros produzidos em contextos institucionais, como uma consulta médica, uma entrevista, um debate acadêmico, uma aula, um sermão religioso, uma negociação empresarial, dentre outros (cf. Tannen, 1992:9) (PEREIRA, 2002, p. 08)

São nos momentos de interação que as pessoas constroem, através da língua, o significado social. Dessa maneira, os estudos dessa corrente teórica se aplicam ao contexto interacional em curso. Seus objetos de análise se situam nos padrões linguísticos e paralinguísticos, no *aqui* e *agora* do momento interacional. O *aqui* direciona a interpretação para o contexto situacional, e o *agora* remete ao momento da interação em curso. Trata-se de uma análise que vai do *micro* (discursivo – entendido no sentido estrito; sequência de palavras no ato de fala e situacional – cenário e participantes) ao *macro* (histórico/cultural – em que momento estamos, os valores, a cultura do lugar).

Em *Convenções de Contextualização* (1998), Gumperz propõe a noção de *pistas* de contextualização (convenção contextualizada), as quais englobam as *pistas linguísticas* (análise da linguagem verbal) e as *pistas paralinguísticas* (análise centrada nas intenções comunicativas, como as hesitações, pausas, timbre de voz, etc). Tais conceitos serão usados como ponto de partida deste trabalho e auxiliarão na interpretação e análise das atividades comunicativas em situações de entrevista.

Focalizaremos-nos na *interação* não apenas no entrevistador e entrevistado (eu-tu), mas na relação coconstruída entre ambos, consideraremos, em nossa leitura, o fato de que o lugar em que o participante se encontra deve ser um dos primeiros elementos a se considerar, de sorte que analisar a situação sócio-discursiva em que o indivíduo se insere é fulcral. Ademais, a fim de atingir tal desiderato, abordaremos, a seguir, noções sobremodo significantes para o

paradigma interacional, quais sejam: enquadre, *footing* (GOFFMAN, 1964, 1974), organização sequencial de fala (SACKS, JEFFERSON E SCHEGLOFF, 1974) e a fala institucional (JUNG; LODER, 2009).

No que tange o contexto situacional, Tannen e Wallat (2002, p. 186) afirmam que para a compreensão da interação deveremos levar em conta um contexto específico. Assim, sempre que “as pessoas estão na presença uma das outras, todos os seus comportamentos verbais e não-verbais são fontes potenciais de comunicação”, no entanto, “suas ações e intenções de significado podem ser entendidas somente com relação ao contexto imediato, incluindo o que antecede e o que pode sucedê-lo” (ob. cit.). Tentaremos, em nossa análise, situar nosso leitor no contexto que remete ao momento da interação com a participante Maria (nome fictício).

Algumas das características que devem ser analisadas são o cenário e os participantes. A entrevista foi realizada na cidade de Serra, estado do Espírito Santo, no interior de uma instituição de longa permanência, intitulada Abrigo das Flores (nome fictício). A instituição se localiza próximo à principal avenida da cidade, acessível, portanto, por transporte público. Em janeiro de 2012, o quadro de funcionários era composto por 22 funcionários. Neste mesmo período 44 idosos estavam abrigados na instituição. A formação da instituição se deu após a morte de João (nome fictício), que tinha o sonho de construir um abrigo para idosos que necessitavam de cuidados. Seu filho doou o terreno para realizar o sonho de seu pai, construindo, assim, uma instituição filantrópica.

Tendo em vista que o sujeito com o qual interagimos é uma idosa que reside nesta instituição, cremos ser necessário trazer para nossa discussão a afirmação de Scharfstein (2006) a propósito do idoso e a imagem construída socialmente destes sujeitos por vezes marginalizados.

Nas sociedades tradicionais a figura do idoso é marcada por uma aura simbólica, tornando-o representante da sabedoria e da experiência vivida que se constituem em valores preciosos a serem transmitidos para as novas gerações. Este é o caso dos xamãs e dos pagés [sic] nas sociedades indígenas. Também na Grécia antiga, o chefe da *polis* era assistido por um conselho de anciãos. Tanto que, do ponto de vista semântico, as palavras gregas - *gera* e *géron*, designam não só a idade avançada, mas também o privilégio da idade, o direito de ancianidade. (SCHARFSTEIN, op. cit., p. 45)

De acordo com o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 14,5 milhões de idosos residem no Brasil, o que representa 8,6% de sua população total. Comparado aos anos anteriores, segundo dados desse mesmo instituto, nota-se um envelhecimento da população e, assim, um aumento do número de idosos no país. Em razão

do aumento da população nesta faixa, houve um crescimento, nas últimas décadas, de estudos relacionados à velhice como um problema social (PASQUALOTTI, 2008, p. 70). O surgimento, no início do século XX, de *asilos dos velhos* foi uma das formas de “administrar” o aumento da expectativa de vida, além da adoção de outras medidas, tais como o início da gerontologia como ciência sobre o envelhecimento e a implantação da aposentadoria (PASQUALOTTI, 2008, p. 71).

Paralelamente, a sociedade, de modo geral, e os núcleos familiares, de modo específico, vêm se transformando ao longo do tempo. Hoje, com o decréscimo da quantidade de membros das famílias brasileiras e com o crescente número de mulheres no mercado de trabalho (dados do mesmo censo), o idoso, que precisa de cuidados e atenção, fica desamparado. Dessa forma, o Estado passou a se responsabilizar, junto com os familiares, pelos idosos. De acordo com a Constituição Federal de 1988, no artigo 230, “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. Ainda de acordo com a Carta Magna, a família tem a responsabilidade de cuidar do idoso isto é, pela lei, a família deve necessariamente se encarregar de todos os cuidados necessários para sua subsistência, sua saúde e seu lazer. Por tais razões, em situações em que os familiares não têm condições de cuidar de seus idosos, devido a problemas financeiros, de saúde, de moradia, etc., o Estado *deve* assegurar sua proteção. Ainda neste atual contexto sócio-histórico, tem-se o surgimento de instituições privadas que abrigam essa população, no entanto, elas correspondem um privilégio das famílias abastadas.

Com o objetivo de mitigar o uso da palavra *asilo*, considerada delicada e dolorosa, atualmente tais instituições recebem diversos nomes, como *lar de velhos*, *casa de repouso* e *abrigo*, entre outros. Segundo é estabelecido pela Política Nacional do Idoso (Decreto nº 1.948, de 1996), em seu artigo terceiro, é entendido por modalidade asilar “o atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover a própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social”. No parágrafo único do mesmo diploma legal tem-se que “a assistência na modalidade asilar ocorre no caso da inexistência do grupo familiar, abandono, carência de recursos financeiros próprios ou da própria família”.

A sociedade ocidental criou este tipo de instituição com a finalidade de serem, ao menos na teoria, inclusivas e de refúgio voluntário; entretanto, como pudemos observar na pesquisa de campo, as pessoas que por elas são atendidas por este tipo de instituição não têm

escolha para onde ir, a não ser estar no abrigo de idosos, local que, na maior parte dos casos que nos deparamos, não corresponde ao seu desejo. A situação piora quando pensamos que, por direito, os idosos *devem* ser cuidados pela família. Um dos fatores que influenciam a escolha familiar é a situação econômica, de sorte que em núcleos familiares menos privilegiados economicamente questionamentos de ordem financeira como: “teremos tempo para um idoso, que não possui força de trabalho, não produz e gera gastos?”, são levantados.

Por outro lado, também pudemos perceber, na interação com esses idosos, elementos sociais comuns: em primeiro lugar, a maioria das mulheres era dona de casa ou possuía algum trabalho socialmente desprestigiado, como empregada doméstica, assim como os homens, os quais tinham por ofício serviços relacionados com construção civil e comércio varejista; em segundo lugar, todos possuíam um grau de escolaridade inferior ao Ensino Médio. Talvez o aspecto partilhado pelos membros desta comunidade mais relevante seja exatamente a condição econômica; condição esta capaz de impossibilitar que uma família assuma financeiramente e cuide afetivamente de um ente querido.

Após tratarmos do contexto em que se deu a conversa, passaremos, pois, a discorrer acerca das categorias denominadas *enquadre* e *footing*. Quando dizemos alguma coisa que queremos que seja interpretado como piada, esperamos que a outra pessoa envolvida na interação entenda o enunciado enquanto uma piada. É por isso, que Débora Tannen e Cynthia Wallat (2002) afirmam que “para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante) deve saber de qual enquadre ela foi composta, por exemplo, será que é uma piada? Será que é uma discussão?” (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 188). As autoras ressaltam que “a noção interativa de enquadre, então, refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem” (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 189).

A noção de *enquadre* foi primeiramente apresentada pelo teórico Gregory Bateson, mas foi desenvolvida posteriormente pelo Erving Goffman numa publicação de 1974 (RIBEIRO; GARCEZ, 1998, p. 70). Acreditamos que este dispositivo de análise corresponde a um dos conceitos mais importantes para a Sociolinguística Interacional, tendo em vista sua dimensão interacional e objetivo interpretativista.

O enquadre situa a metamsagem contida em todo enunciado, indicando como sinalizamos o que dizemos ou fazemos ou sobre como interpretamos o que é dito e feito. Em outras palavras, o enquadre formula a metamsagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem. Goffman afirma que, em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente introduzindo ou mantendo enquadres que organizam o discurso e os orientam com relação à situação

interacional. Indagam sempre “onde se situa esta interação?” e “o que está acontecendo aqui e agora?” (RIBEIRO; GARCEZ, 1998, p. 70).

Assim, o *enquadre* de Goffman (1974) auxilia analistas do discurso, a interpretar como as pessoas, no momento da interação, tentam exercer seu papel social dentro da conversa, bem como na percepção e busca de sentido dos próprios participantes da conversa. Nesse diapasão, importante noção para análise de método qualitativo é o que Goffman denominou por *footing*, o qual representa “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M., 1998, p. 70).

Por esta razão as duas categorias são interligadas umbilicalmente, assim, nas palavras de Tannen e Wallat (2002, p. 189), o sociólogo “introduziu o termo *footing* para descrever como os participantes enquadram os eventos e ao mesmo tempo negociam as relações interpessoais, ou “alinhamentos” que constituem os eventos”. Em outras palavras, quando há uma mudança de *footing* numa interação, Goffman afirma que esta mudança “está comumente vinculada à linguagem; quando este não for o caso, ao menos podemos afirmar que os marcadores paralinguísticos estarão presentes. Assim, os sociolinguistas podem contribuir ao estudo de *footing*, inclusive quanto aos exemplos mais sutis” (GOFFMAN, 1979, p. 75).

Lançadas tais noções, passamos a abordar a denominada *fala institucional*. Tal temática se faz presente neste artigo, pois em alguns momentos de nossos dados, há uma mudança de *enquadre* que reflete a coconstrução de identidade dos participantes em um cenário institucional. Segundo Paul Drew e John Heritage (1992, p. 03), interações institucionais podem ocorrer dentro de um designado contexto físico, por exemplo, uma escola, uma instituição asilar, um consultório médico, uma sala de tribunal, etc.. Entretanto, “they are by no means restricted to such settings” (DREW; HERITAGE, 1992, p. 03).

Just as people in a workplace may talk together about matters unconnected with their work, so too places not usually considered “institutional”, for example, a private home, may become the setting for work-related interactions. Thus the institutionality of an interaction is not determined by its setting. Rather, interaction is institutional insofar as participants’ institutional or professional identities are somehow made relevant to the work activities in which they are engaged (DREW; HERITAGE, 1992, p. 03).

Isso quer dizer que a fala institucional não é determinada pelo contexto físico, visto que pode haver momentos numa escola, por exemplo, considerada institucional, que os

professores estarão interagindo sobre um fato da família e não sobre qualquer coisa que tenha acontecido na escola, no papel de professor.

As interações institucionais orientam-se e são organizadas para o cumprimento de uma tarefa pertinente à instituição em questão. No caso de uma escola, a tarefa maior e que norteia as práticas seguidas é realizar aulas; em um tribunal, o objetivo é julgar processos legais, e em uma clínica médica, a ordem do dia é fazer diagnósticos e prescrever tratamentos. (DEL CORONA, 2009, p. 17)

Ainda que, segundo Garcez (2002, p. 58), a pragmática tenha mostrado que a “linguagem natural humana em uso é sempre guiada por metas”, ele afirma que no tipo de conversa institucional, “essas metas não são postulados universais em termos de uso da linguagem, mas são, isto sim, orientações compartilhadas entre os interlocutores nessa *situação*”. Baseado então, nas três características gerais da fala institucional dadas por Drew e Heritage (1992), “(i) orientação para o cumprimento do mandato institucional; (ii) restrições às contribuições aceitas; e (iii) inferência de enquadres e procedimento” (*apud* DEL CORONA, 2009, p. 16), Garcez conclui que essas metas são “específicas do encontro social em andamento e específicas, também, das identidades institucionais que os participantes tornam relevantes ao construírem esta interação que se desenrola aqui, agora” (GARCEZ, 2002, p. 58).

Contudo, o incessante trabalho de um analista do discurso, de procurar interpretar minuciosamente o diálogo exposto numa interação institucional, remete à necessidade de conhecer o contexto em que foi produzida a conversa e o envolvimento dos participantes nesses encontros.

Análise dos dados

Os dados a serem analisados correspondem a um trecho de aproximadamente cinco minutos de uma conversa com Maria (nome fictício), que apresenta características elementares para compreendermos o que pode acontecer na interação entre uma estudante e uma pessoa idosa, que vive numa instituição de longa permanência.

Estivemos com Maria no segundo dia em que fomos à instituição. Conversamos um pouco e ela se mostrou disposta a conversar. No dia seguinte, a convidamos para participar da entrevista e ela aceitou sem nenhum problema. Ela tem oitenta anos, está há seis meses na

instituição (em janeiro de 2012). Tem três filhos e nasceu e viveu no estado da Bahia, no interior, na roça, onde trabalhava cuidando de sua plantação. Segundo Maria, ela não sabe ler e só escreve o nome. Nanci, filha mais velha e que mora no estado da Bahia, vendeu o terreno da idosa, deixando a mãe sem lugar para morar; o filho do meio trabalha viajando pelo país; e o filho mais novo mora no estado do Espírito Santo, onde foi deixada por Nanci. Um mês depois que Maria estava na casa de seu filho mais novo, foi levada por ele ao Abrigo, onde permanece desde então. A entrevista durou 27 minutos e cinquenta e três segundos. Aqui apresentaremos o trecho de 5 minutos e vinte segundos até os 10 minutos e quarenta e quatro segundos. Ressaltamos, desde logo, que a transcrição de tal intervalo se encontra nos anexos do presente artigo.

(Tabela 01)

	02	Maria	é::: ele e aquele mais quatro filho, tem os dois filho rapaz... tem duas filha já solteira...tem uma chegando já ficando mocinha...tem outro mais pequeno..., tem os...os netos. Tá tudo dentro de casa mais ele.
	03	Mariana	nossa:: uma família grande, né?
	04	Maria	é::e eu to aqui SOFREND0!
	05	Mariana	Você ficou doente na casa dele?
	06	Maria	Ele nunca veio aqui...é.. me botou aqui = no dia que ele veio me trazer... ele e uma dona veio me trazer aqui = me botou aqui = e nunca mais pisaram o pé aqui. A dona ainda veio uma vez e ele não veio mais nunca.
	07	Mayara	E a Nanci veio te visitar?
	08	Maria	E é ma = e é fácil = e é perto daqui. Osmario...se chama Osmario.

Na linha 05 Mariana pergunta à Maria: *Você ficou doente na casa dele?* Referindo-se ao filho que morava com ela antes de deixá-la na instituição. Em resposta, a entrevistada não se refere ao que foi perguntado, mas parece dar continuidade ao pensamento da linha 04, quando ela diz que está SOFREND0. Mayara, então pergunta, na linha 07, *a Nanci veio te visitar?*, mencionando sua filha e relacionando com o que Maria disse na linha 06, em que o filho nunca foi visitá-la. Mesmo assim, na linha 08, Maria não responde a pergunta feita, dizendo, no entanto, que seu filho mora perto e o nome dele. Nesse tipo de situação a entrevistada parece querer reforçar o quanto ela está sofrendo e que seus filhos não se importam com ela. Pode-se perceber, nas mudanças de turnos que ao dizer que está SOFREND0, de maneira direta, ignorando as perguntas das entrevistadoras Maria reforça sua situação atual, não deixando dúvidas quanto ao contexto situado: uma pessoa que foi “abandonada” pelos filhos numa instituição.

(Tabela 02)

	11	Mariana	Ele nu... nunca veio te visitar?
	12	Maria	Não. ((negação com a cabeça))

Nesse trecho, talvez se não tivéssemos gravado a conversa em imagem, não poderíamos interpretar tal situação. Na transcrição, a sinalização da “negação com a cabeça” e a imagem assistida minuciosamente, permite-nos admitir um momento lúgubre da participante, leitura que só é possível por levar em conta fenômenos paralinguísticos que envolveram a conversa situada no contexto institucional e a lembrança insurgida do evento narrado. O gesto de negar com o corpo se manifesta de modo natural, numa sequência de três situações narradas: “a descrição das pessoas que moram na casa do filho”, o “sentimento atual” e “a descrição do dia que ela entrou na instituição”.

(Tabela 03)

	17	Mariana	A senhora era casada?
	18	Maria	Era... casada.
	19	Mariana	E se é... o seu marido ele mor...
	20	Maria	[O marido morreu... Tive dois marido, todos dois morreu.
	21	Mariana	Cê teve [quantos?
	22	Maria	[Um casada e o outro que amasiei que depois. o.o. largou eu... ele largou por causa de outra mulher, o casado. Aí eu me arru...rumei mais outro homi e vim morar... Graças a Deus.. era TÃO BOM.... era TÃO BOM... era... ÓTIMO ((cabeça levantada para cima)) E ele... e::: ele °morreu°. Morreu o casado morreu o amasiado.
	23	Mayara	Uhum.
	24	Mariana	E já tem quanto tempo que isso aconteceu?
	25	Maria	Heim?
	26	Mariana	Cê tá solteira a quanto tempo? ((Risos))
	27	Maria	Tem mais de (3.10) doze anos já.
	28	Enfermeira	Cês são o quê? Cês são o quê?
	29	Mariana	Estuhhdantehh.
	30	Enfermeira	Fazendo uma avaliação, né?
	31	Mariana	Éhh.
	32	Enfermeira	ela responde certim.
	33	Mariana	é... e::: o que que você faz durante o dia?
	34	Maria	Heim?
	35	Mariana	Que que cê faz durante o dia aqui? Que que tem [pra fazer?
	36	Maria	[Tra...ba... trabalhava na roça mais ele.
	37	Mariana	Ah::: an... antigamente, né?

Em dois momentos uma mesma enfermeira interrompeu nossa conversa. A primeira interrupção foi entre as linhas 28 e 32, quando muda o enquadre, por ela questionar às entrevistadoras quem são e o que estão fazendo ali. Depois, mesmo tentando mudar o enquadre para o presente, perguntando na linha 33, *o que você faz durante o dia*, Maria retoma o passado, já que estávamos falando sobre, antes da enfermeira interromper, da linha 15 até a linha 27. Desse modo, nessas linhas, de 28 à 32, há uma mudança de enquadre institucional. Há um afastamento da interação com a Maria, e o enquadre modifica para as estudantes e a enfermeira, quando esta última questiona quem somos e o que estamos

fazendo. Na linha 32, ao dizer *ela responde certim*, foi uma maneira de falar que ela colabora, construindo sua identidade de enfermeira.

Marcando uma mudança de turno, cuja estratégia comunicativa é sinalizar seu papel social e lugar que ocupa no espaço institucional, fazendo, de modo difuso, com que as pesquisadoras fossem situadas no espaço que a participante (enfermeira) lhes quer conferir.

Na linha 33, também podemos notar um auto reparo (é... e:). Uma sinalização que a conversa foi interrompida e acontece uma hesitação em querer continuar/voltar a conversa. Assim como, na linha 37, mas dessa vez um reparo regressivo, já que é perguntado à Maria o que ela faz atualmente e a participante responde o que ela fazia antigamente, sinalizado com “Ah:: an”.

(Tabela 03)

41	Mariana	Uhum. Cê gostava da vida que cê tinha, né?
42	Maria	Hum?
43	Mariana	Cê gostava de trabalhar na roça?
44	Maria	Ér... é...
45	Mariana	Gostava?
46	Maria	Gostava.
47	Mariana	Mas e aqui... o que... cê... você gosta de assistir televisão?
48	Maria	Heim?
49	Mariana	Cê gosta de assistir televisão?
50	Maria	Aqui?
51	Mariana	É..
52	Enfermeira	Fica a vontade.
53	Mariana	brigada.
54	Maria	Eles tem televisão aí, ó. Mas... sent... faz em quando... mas minha... minha visão... <u>eu vejo</u> lá passando lá, mas eu não posso... assim... ju... ju... julgar quem é... <não>... por causa da vista.

Outro momento de interrupção da enfermeira foi na linha 52, que sai da sala dizendo, *fica a vontade*. Antes disso, no momento em que ela entrou na sala, no trecho entre a linha 41 e 53 podemos perceber que Maria responde de uma maneira mais curta e isso pode se justificar pela presença da enfermeira. Levando em conta que estávamos na sala de enfermagem, onde as enfermeiras efetuam seus trabalhos, esse momento em que a enfermeira diz *fique a vontade* foi para registrar lexicalmente o seu espaço e que estávamos, de certa forma, invadindo o território sobre o qual ela tem poder. Assim que a enfermeira sai, na linha 53, Maria volta a responder com enunciados longos já na próxima linha 54.

Apesar de “o que define uma fala como institucional não é o contexto físico onde ela acontece” (DREW; HERITAGE, 1992, p. 3), toda a conversa aqui analisada quando a enfermeira fez suas interrupções, acreditamos que tenha ocorrido pelo contexto físico onde estávamos. Correndo risco de sermos criticadas por caracterizar categorias de identidade

social, como fazemos com a enfermeira, buscamos compreender o porquê de ela ser a única funcionária que entrou na sala enquanto fazíamos as entrevistas e a necessidade de interrupção duas vezes da nossa conversa com Maria. Além disso, toda a interação dirige a consequência de sua presença na instituição, fazendo sentido na construção do seu discurso como integrante e não satisfeita.

Algumas escolhas lexicais feitas por Maria fazem com que identifiquemos um enquadramento que condiz com o lugar situado, o cenário, palavras como, *sufrendo* (linha 04), *to aqui* (linha 69), *o jeito é morre aqui mesmo* (linha 64), *ele nunca veio aqui* (linha 06), *nunca vieram aqui* (linha 14).

(Tabela 04)

59	Mariana	Cê tem é - Quem foi que falou mesmo que era amiga dela.. ontem.. Foi a Maria Benedita, não foi?
60	Mayara	Foi
61	Mariana	Maria Benedita falou que... que quem ela gosta mais de conversar é a senhora.

A conversa fluiu de modo tão natural que as participantes em certo momento não estavam presas à forma tradicional de entrevista, em que o entrevistador faz uma pergunta para o entrevistado, e este responde, como podemos perceber na linha 59. Neste momento Mariana pergunta a Mayara (entrevistadoras), quem é a outra pessoa, com quem conversaram anteriormente. Esta última corrobora com a dúvida de Mariana de se tratar ou não de Maria Benedita, uma das amigas da entrevistada, saindo, assim, da tradicional P/R/P/R feita por entrevistador e entrevistado.

(Tabela 05)

	70	Mariana	E:: seus filhos nem li... é:: chegaram a ligar pra você alguma vez?
	71	Maria	Heim?
	72	Mariana	Seus filhos... é::: nem chegaram a ligar pra::: pra você alguma [<vez>...

Na linha 70, na sequência da conversa, em que Maria estava demonstrando insatisfação com o lugar e a situação em que se encontrava, Mariana pergunta se os filhos chegaram a ligar para a idosa alguma vez, mas antes, a entrevistadora inicia o enunciado do seguinte modo: *e seus filhos nem li...* Mariana hesitou ao falar de uma forma mais direta, acreditando que poderia ser grosseira e impolida na pergunta *e seus filhos nem ligam pra você?*, mostrando claramente a indignação. Para amenizar, preferiu perguntar de outra maneira, tentando não mostrar a insatisfação por sua parte, já que só reforçaria uma situação

difícil. Tal hesitação é o que poderíamos denominar de “auto reparo”. O contrário dessa situação ocorreu na linha 66, quando Mariana faz questão de reforçar que ela tem amiga na instituição, a Maria Benedita, que disse que adora conversar com ela:

(Tabela 06)

61	Mariana	Maria Benedita falou que... que quem ela gosta mais de conversar é a senhora.
62	Maria	((Risos))
63	Mariana	((Risos))
64	Mayara	((Risos))
65	Maria	((Risos)).. é..[Eu
66	Mariana	[Que ela gosta muito de você... a Maria Benedita. Ela falou que você é a pessoa que ela mais gosta de conversar!]

Noções-chave da Sociolinguística Interacional, tais quais de enquadre, de alinhamento e de reparo, se mostraram extremamente relevantes nos dados analisados por demonstrarem na conversa situada em instituição de longa permanência que há, de fato, um posicionamento do pesquisador em relação ao que está sendo objeto da conversa/objeto de estudo.

Mais do que isto, conceitos como tomada de turno sugeriram, no estudo em tela, que mais importante que o cumprimento da agenda delineada pelo pesquisador é a tomada da palavra por aquele que por vezes é silenciado ou que cuja voz não se tem interesse de ouvir. Tomar o turno, retornar ao que não foi exaustivamente falado, narrar um evento passado é também (re)construir identidades e (res)significar uma estória de vida.

Considerações finais

Este trabalho se pautou na perspectiva da Sociolinguística Interacional, de base qualitativa, na tentativa de analisar uma entrevista feita por duas estudantes com uma idosa. Percebeu-se que os fenômenos encontrados dentro da interação, tais como os diferentes enquadres, contexto, reparos e pistas linguísticas e para linguísticas, permitem a interpretação do que está acontecendo *aqui e agora*.

Vemos, então, que as situações comunicativas ajudam um profissional, na área da saúde, por exemplo, a entender o desejo, o sonho, a esperança, a raiva, a saudade, enfim, todo sentimento que cada indivíduo pode expressar numa determinada interação face a face. Nos discursos como um todo, percebemos que os idosos, ao interagir, admitem a difícil socialização dentro de uma instituição, inclusive Maria, participante da conversa analisada no presente trabalho.

Nesse sentido, este artigo discute importantes reflexões acerca da problemática social do idoso, principalmente aqueles que vivem em instituições de longa permanência. Sugerimos, então, o uso da interação, com base teórica na Sociolinguística Interacional para compreender cada indivíduo, estabelecendo uma união entre eles, proporcionando laços afetivos e alcançando melhores condições de vida. É claro que isso representa uma pequena parcela do que pode ser proposto para esses indivíduos. É necessária muita pesquisa e ação para mudarmos essa situação negligenciada. É necessário pensarmos, sobretudo, no nosso futuro.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 jun. 2012.

BRASIL. Decreto nº 1948, de 03 de Julho de 1996. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/-decreto/d1948.htm. Acesso em: 11 jun. 2012.

DEL CORONA, Márcia. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. In LODER, L.L. e JUNG, N.M. (orgs.), *Análises em fala-em-interação institucional: A perspectiva da análise da conversa etnometodológica*. Campinas, Mercado de Letras, 2009.

DREW, P. & HERITAGE, J. Analyzing talk at work: An introduction. In P. Drew & J. Heritage (orgs.), *Talk at work: Interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

GARCEZ, P. M. *Formas Institucionais de fala-em-interação e conversa cotidiana: elementos para a distinção a partir da atividade de argumentar*. *Palavra* (PUC-Rio), Rio de Janeiro, v. 08, p. 54-73, 2002.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, [1964] 2002. p. 13-20.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis*. Lebanon, NH: Northeastern University, [1974] 1986.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, [1979] 2002. p. 107-48.

GUMPERZ, J.J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998, pp. 98-119.

HYMES, D. Competence and performance in linguistic theory. *Acquisition of languages: models and methods*. Ed. Huxley and E. Ingram. New York: Academic Press, 1971, pp. 3-23

IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico – Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADEIRA, W.T. *Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional*. Revista de C. Humanas, V. 07, n 01, p. 43-46. Jan/Jun, 2007.
- LODER, L.L. e JUNG, N.M. (orgs.), *Análises em fala-em-interação institucional*. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica. Campinas, Mercado de Letras, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- NASSER, A.; OUSHIRO, L. *Perguntas e Respostas em entrevistas sociolinguísticas*. Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação II. São Leopoldo - RS : Casa Leiria, 2010. Disponível em http://usp-br.academia.edu/LiviaOushiro/Papers/1008535/Perguntas_e_respostas_em_entrevistas_sociolinguisticas. Acesso em: 26 de junho de 2012.
- PASSUELO, C. B., OSTERMANN, A. C. *Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção: considerações sobre o gerenciamento de impressões*. Estudos de Psicologia, 2007, n. 12 (3), pp. 234-251. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n3/a06v12n3.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2012.
- PASQUALOTTI, A. *Comunicação, tecnologia e envelhecimento: significação da interação na era da informação*. 2008. 198 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Programa de Pós Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- PEREIRA, Maria das Graças Dias (org). *Interação e Discurso: estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional/Áreas de interface*. Volume Temático, paLavra 8, 2002.
- PHILIPS, S.U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998, pp. 16-30.
- PSATHAS, George. *Conversation Analysis. The study of talk-in-interaction*. Thousand Oaks, Sage Publications, 1995.
- RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. *A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation*. Language, Baltimore vol. 50, nº 4, 1974, pp. 696-735.
- SCHARFSTEIN, E.A. *Instituições de Longa Permanência: uma alternativa de moradia para os idosos brasileiros na vida contemporânea*. Rio de Janeiro, UFRJ – Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado.
- SILVA, C. R., ANDRADE, D. N. P., OSTERMANN, A. C. *Análise da Conversa: uma breve introdução*. *ReVEL*, vol. 07, n. 13, 2009 [www.revel.inf.br]
- TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 2002, pp. 183-214.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. São Paulo, Papyrus Editora, 1998.

ANEXOS

a. Entrevista dos 5: 20'' até 10:44''

	01	Mariana	mas mora todo mundo na mesma casa?
	02	Maria	é:: ele e aquele mais quatro filho, tem os dois filho rapaz... tem duas filha já solteira...tem uma chegando já ficando mocinha...tem outro mais pequeno..., tem os...os netos. Tá tudo dentro de casa mais ele.
	03	Mariana	nossa:: uma família grande, né?
	04	Maria	é::e eu to aqui SOFREDO!
	05	Mariana	Você ficou doente na casa dele?
	06	Maria	Ele nunca veio aqui...é.. me botou aqui = no dia que ele veio me trazer... ele e uma dona veio me trazer aqui = me botou aqui = e nunca mais pisaram o pé aqui. A dona ainda veio uma vez e ele não veio mais nunca.
	07	Mayara	E a Nanci veio te visitar?
	08	Maria	E é ma = e é fácil = e é perto daqui. Osmario...se chama Osmario.
	09	Mariana	Ele nunca mais veio te visitar?
	10	Maria	Hum?
	11	Mariana	Ele nu... nunca veio te visitar?
	12	Maria	Não. ((negação com a cabeça))
	13	Mariana	Cê nunca recebeu visita desde que você entrou [aqui?
	14	Maria	[NUNCA vieram aqui... nem me... me... me... me olhar, nem perguntá se eu tinha morrido, se tava viva.nem de. se tava viva... °Doente° ... ?agora minhas vistas... eu to cum as vista tudo... eu enxergo POUCO. eu não to enxergando assim porque eu to disca... do:: da:: ne...ainda não vi... (que tá ruim)
	15	Mariana	Entendi. E... a senhora foi casada?
	16	Maria	Heim?
	17	Mariana	A senhora era casada?
	18	Maria	Era... casada.
	19	Mariana	E se é... o seu marido ele mor...
	20	Maria	[O marido morreu... Tive dois marido, todos dois morreu.
	21	Mariana	Cê teve [quantos?
	22	Maria	[Um casada e o outro que amasiei que depois. o.o. largou eu... ele largou por causa de outra mulher, o casado. Aí eu me arru...rumei mais outro homi e vim morar... Graças a Deus.. era TÃO BOM.... era TÃO BOM... era... ÓTIMO ((cabeça levantada para cima)) E ele... e::: ele °morreu°. Morreu o casado morreu o amasiado.
	23	Mayara	Uhum.
	24	Mariana	E já tem quanto tempo que isso aconteceu?
	25	Maria	Heim?
	26	Mariana	Cê tá solteira a quanto tempo? ((Risos))
	27	Maria	Tem mais de (3.10) doze anos já.
	28	Enfermeira	Cês são o quê? Cês são o quê?
	29	Mariana	Estuhhdantehh.
	30	Enfermeira	Fazendo uma avaliação, né?
	31	Mariana	Éhh.
	32	Enfermeira	ela responde certim.
	33	Mariana	é... e:: o que que você faz durante o dia?
	34	Maria	Heim?
	35	Mariana	Que que cê faz durante o dia aqui? Que que tem [pra fazer?
	36	Maria	[Tra...ba... trabalhava na roça mais ele.
	37	Mariana	Ah:: an... antigamente, né?
	38	Maria	Ma mais o. mais o ca mais o amasiado...e... o... trabalhava na roça mais ele. Depois que morreu, pronto...
	39	Mariana	Cê trabalhava na roça, então.

40	Maria	(Eu trabalhava mais)... o... na roça tinha cacau, tinha porção de fruta, nós plantava () feijão, feijão... arro... plantava cereais, né...
41	Mariana	Uhum. Cê gostava da vida que cê tinha, né?
42	Maria	Hum?
43	Mariana	Cê gostava de trabalhar na roça?
44	Maria	Ér... é...
45	Mariana	Gostava?
46	Maria	Gostava.
47	Mariana	Mas e aqui... o que... cê... você gosta de assistir televisão?
48	Maria	Heim?
49	Mariana	Cê gosta de assistir televisão?
50	Maria	Aqui?
51	Mariana	É..
52	Enfermeira	Fica a vontade.
53	Mariana	brigada.
54	Maria	Eles tem televisão aí, ó. Mas... sent... faz em quando... mas minha... minha visão... <u>eu vejo</u> lá passando lá, mas eu não posso... assim... ju... ju... julgar quem é... <não>... por causa da vista.
55	Mariana	E você tem amigos aqui? Cê tem com quem conversar?
56	Maria	Tem... ess[...
57	Mariana	[Cê já arrumou amigos... assim,][nessa...
58	Maria	[Essas mulher tudo conversa mais eu, né...]
59	Mariana	Cê tem é - Quem foi que falou mesmo que era amiga dela.. ontem.. Foi a Maria Benedita, não foi?
60	Mayara	Foi
61	Mariana	Maria Benedita falou que... que quem ela gosta mais de conversar é a senhora.
62	Maria	((Risos))
63	Mariana	((Risos))
64	Mayara	((Risos))
65	Maria	((Risos)).. é..[Eu
66	Mariana	[Que ela gosta muito de você... a Maria Benedita. Ela falou que você é a pessoa que ela mais gosta de conversar!]
67	Maria	é... TO AQUI..].
68	Mariana	E você gostaria de sair daqui... cê gostaria de voltar pra Bahia...
69	Maria	É... tinha vontade de ir me embora pra minha Bahia... mas como é que <u>vai</u> ? Tem jeito não ((balançando a cabeça negativamente)) ... O jeito é MORRÊ AQUI MERMO Tô fi.=agora que ele completo o final... da... da... da... da volta...
70	Mariana	E:: seus filhos nem li... é:: chegaram a ligar pra você alguma vez?
71	Maria	Heim?
72	Mariana	Seus filhos... é::: nem chegaram a ligar pra::: pra você alguma [<vez>...
73	Maria	[NÃO] a Nanci ainda liga de São Paulo ainda, e ele daqui °nem nunca ligou°. e mora perto daqui... mora aqui na Avenida Vitória... <u>aqui</u> em baixo.

b. Convenções de Transcrição (adaptadas de estudos da Análise da Conversa (Saks, Schegloff e Jefferson, 1974), com incorporações de Loder e Jung, 2009)

<i>Tempo</i>	
...	Pausa não medida
(2.3)	Pausa medida
(.)	Pausa de menos de 2 décimos de segundo
<i>Aspectos da produção da fala</i>	
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
,	Entonação intermediária, de continuidade
-	Parada súbita
Sublinhado	Ênfase em som
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	Fala em voz baixa
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
: ou ::	Alongamentos
[]	Fala sobreposta
↑	Som mais agudo do que os do entorno
↓	Som mais grave do que os do entorno
Hh	Aspiração ou riso
.hh	Inspiração audível
<i>Formatação, comentários, dúvidas</i>	
=	Eloquções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
()	Fala não compreendida
(palavra)	Fala duvidosa
(())	Comentário do analista, descrição de atividade não vocal
<i>Outros</i>	
“palavra”	Fala relatada

ATLAS TOPONÍMICO DO TOCANTINS (ATT): CRIAÇÃO DE UM SOFTWARE PARA A CATALOGAÇÃO DOS DADOS DAS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

Dr. ^a Karylleila Santos Andrade.

Resumo: Esta proposta é um recorte do ATT – Atlas Toponímico do Tocantins –, cujo objetivo geral é a criação de um software para catalogar as informações registradas nas 120 fichas lexicográfico-toponímicas, resultado do trabalho de coleta e análise de dados provenientes dos mapas dos 139 municípios do estado do Tocantins. A ficha apresenta aspectos linguísticos, históricos, geográficos, etimológicos e taxionômicos (natureza física ou antropocultural). Os elementos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica, especificada neste trabalho, são característicos do estudo onomástico. Ao identificarem-se os signos motivadores, suas origens e sua evolução toponímica, resgatam-se os valores inseridos na base histórico-social da região estudada. O levantamento dos dados para montagem da ficha estimula o saber-conhecer da história da comunidade, assim como auxilia na compreensão da cosmovisão individual e coletiva que forma a identidade cultural e linguística de uma região, no caso, o território tocaninense.

Palavras-chave: Atlas Toponímico do Tocantins. Toponímia. Ficha lexicográfico-toponímicas.

Abstract: This proposed work is a clipping from the toponymic atlas of the State of Tocantins, whose general objective is to create a software for cataloging the information recorded in the 120 lexicographical toponymictokens, result of the work of collecting and analyzing data from the maps of the 139 municipalities of the state of Tocantins. The tokens has aspects linguistic, historical, geographical, etymological and taxonomic (physical or antropocultural). The elements that make up the lexicographical toponymictoken, specified in this work are characteristic of the onomastic study. The values entered on the social and historic basis of the study area are redeemed when the motivators signs are identified, as well their origins and its toponymic evolution. Data collection for mounting of the token stimulates knowledge of the history of the community, as well as aids in understanding the individual and collective cosmovision that forms the cultural and linguistic identity of a region, in this case, the Tocantins territory.

Keywords: Tocantins Toponimic Atlas. Toponymy. Lexicographical toponymictokens.

Este estudo objetiva fortalecer a atividade de pesquisa no curso de Pós-graduação em Letras, Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína. Tal fortalecimento compreende, inclusive, o estreitamento da interlocução das atividades de pesquisa científica com outros pesquisadores de outras áreas

envolvidas com a temática a ser pesquisada e o produto a ser trabalhado: criação de um banco de dados para catalogação das informações das 126 fichas lexicográfico-toponímicas já produzidas nos anos de 2007 a 2012, período que compreende atividades de orientações de iniciação científica e projetos de pesquisa.

A pesquisa científica ainda não desempenha um papel significativo nas licenciaturas na UFT, o que talvez seja justificado pela existência de apenas dois cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*, na área de formação de professores, em todo território tocantinense, o Mestrado em Língua e Literatura e o Mestrado em Educação, respectivamente, localizados nos campus de Araguaína e Palmas da UFT.

Talvez as duas décadas de criação do Estado do Tocantins e os sete anos de criação da única universidade federal do estado justifiquem os esforços realizados pelos professores da Instituição para consolidar a UFT, composta por sete *campi*, sendo cada um conhecido pelas especificidades dos cursos que os compõem. Todos os *campi* possuem cursos de licenciatura. O Campus Universitário de Araguaína é conhecido na região como principal polo de formação de professores do Estado do Tocantins.

Este projeto está inserido na linha de pesquisa *Abordagens teóricas para o ensino de língua e literatura* do MELL¹, componente do referido mestrado acadêmico. A proposta de estudo também objetiva contribuir diretamente para o fortalecimento do grupo de pesquisa², registrado no CNPq, Atlas Toponímico do Tocantins – ATT –, linhas de pesquisa: A toponímia tocantinense no contexto da Belém Brasília; Atlas toponímico de origem indígena do Tocantins – ATITO; Atlas Toponímico do Tocantins: recorte da região do Bico do Papagaio.

O principal objetivo deste projeto é criar um banco de dados a fim de catalogar as informações que compõem as 126 fichas lexicográfico-toponímicas³ já sistematizadas com o objetivo de produzir o Atlas Toponímico do Tocantins. A ideia de produzir o ATT surgiu, preliminarmente, da escassez de material linguístico-toponímico no estado. O trabalho de campo (levantamento, descrição e análise dos dados), partiu das 114 cartas topográficas que abrangem a área geográfica do Tocantins, datadas de 1979, sendo que uma parte delas se encontrava no 22º Batalhão do Exército do Estado, a outra estava localizada no IBGE, isto

¹Mestrado em Ensino de Língua e Literatura. Mais informações no sítio <www.uft.edu.br/pgletras>. Acesso em 2 setembro de 2012.

² Informações no sítio <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/fontes/detalhegrupo.jsp?grupo=4609801KT5EMV7>. Acesso em 2 de setembro de 2012.

³Andrade (2010) adaptado de Dick (2004).

durante o início da pesquisa, no ano de 2002. Hoje, todos os municípios já possuem mapas digitalizados na base de dados do IBGE.

Todos esses mapas são fontes primárias e têm como objetivo consubstanciar a produção do ATT no que se refere aos aspectos teórico-metodológicos da onomástica-toponímica. O *corpus* já resulta em cerca de 1350 topônimos de origem indígena descritos, 71 fichas lexicográfico-toponímicas dos municípios com nomes indígenas, 24 fichas dos municípios localizados ao longo da BR 153/Belém-Brasília e mais 25 fichas referentes aos municípios da região do Bico do Papagaio. No momento, estamos trabalhando com a identificação e com a classificação dos topônimos por microrregiões: Dianópolis, Arraias, Taguatinga e Paranã. A análise do *corpus*, até o momento, aponta que os topônimos de natureza física, fitotopônimos e zootopônimos, são os mais presentes na cartografia tocaninense.

A discussão referente à toponímia tocaninense não se esgota nos resultados já obtidos pelo ATT. Consideram-se outros objetos de estudo: a contribuição da rodovia Belém-Brasília, ou BR 153, na criação de novos municípios; o estudo toponímico e a literatura dos viajantes estrangeiros e brasileiros na Província de Goiás, nos séculos XVIII e XIX; a influência dos rios Araguaia e Tocantins na produção dos topônimos tocaninenses; o estudo sobre a toponímia dos grupos indígenas que vivem no estado (Karajá, Apinajé, Krahô, Krahô-Kanela e os Xerente); estudo sobre a relação da toponímia e a memória nas comunidades remanescentes de quilombolas do estado. Esses são alguns dos objetos de investigação que podem contribuir para a elaboração e produção do ATT.

Atlas Toponímico do Tocantins: caminhos percorridos

Este projeto faz parte do macro projeto Atlas Toponímico do Brasil - **ATB**⁴. Como parte dessa pesquisa maior, estão em andamento o Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul - **ATMS**⁵, Atlas Toponímico de Minas Gerais - **ATEMIG**⁶, e o Atlas Toponímico do Tocantins⁷ - **ATT**. Como resultado deste último, a conclusão do Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins – **ATITO**, com um banco de dados de 1350 ocorrências. As atividades desenvolvidas em nível de Iniciação Científica (PIBIC 2007-2009) também fazem

⁴ Projeto coordenado pela professora Dra. Maria Vicentina de P. do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo.

⁵ Projeto coordenado pela professora Dra. Maria Aparecida Isquendo, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e da Universidade Estadual de Londrina.

⁶ Projeto coordenado pela professora Dra. Maria Cândida Seabra, da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷ Projeto coordenado pela professora Dra. Karylleila dos Santos Andrade, da Universidade Federal do Tocantins

parte dos resultados do ATT: a) estudo taxionômico de natureza antropocultural e física dos topônimos localizados às margens da BR Belém-Brasília⁸; b) análise e descrição das fichas lexicográfico-toponímicas dos nomes dos municípios à margem da BR Belém-Brasília.

Dando continuidade aos estudos do ATT, nos anos de 2010-2011 a proposta foi delimitada por microrregiões do estado, com um total de 18. Para essa pesquisa, em nível de PIBIC, realizamos um estudo toponímico sobre a região do Bico do Papagaio, localizada ao norte do estado, que abarca mais de 5 microrregiões. Como um recorte também do ATT, realizamos um estudo sobre a relação dos aspectos etnoculturais e etnotoponímicos no processo de povoamento das margens dos rios Araguaia e Tocantins na região, que hoje pertence ao estado do Tocantins, entre os séculos XVI e XIX, bem como um estudo toponímico dos viajantes naturalistas no século XIX na região da Província de Goiás, hoje Tocantins.

Para o projeto PIBIC 2011-2012, a ideia foi dar continuidade ao estudo anterior com dois recortes, sendo que o primeiro compreende um estudo dos nomes de lugares identificados nos mapas dos municípios localizados na região norte, conhecida como Bico do Papagaio: a) descrição etimológica dos nomes dos 25 municípios que compreendem a região do Bico do Papagaio; b) classificação, a partir da taxionomia proposta por Dick (1990a), dos topônimos (nomes dos municípios) em natureza antropocultural e física; e c) descrição de todos os acidentes físicos (rios, córregos, vales, morros, serras etc) e humanos (municípios, vilas, distritos, fazendas etc) dos 25 mapas digitalizados que fazem parte dessa região ao norte do estado. O segundo recorte compreende um estudo dos acidentes humanos e físicos dos topônimos (nomes de lugares) das microrregiões de Dianópolis, Paranã, Arraias e Taguatinga: a) catalogação e descrição dos acidentes humanos e físicos (topônimos) nos mapas digitalizados das microrregiões de Dianópolis, Paranã, Arraias e Taguatinga; e b) produção de 4 fichas lexicográfico-toponímicas para cada um dos municípios que compõem as 4 microrregiões em estudo.

O projeto PIBIC 2012-2013 compreende um estudo toponímico aplicado ao contexto do ensino, considerando a teoria da interdisciplinaridade, com duas vertentes: a) estudo dos nomes de lugares e sua relação com o ensino de História e Geografia no Ensino Fundamental a partir dos livros didáticos e documentos legais (PCN); b) estudo de uma proposta de caráter pedagógico com foco no estudo dos nomes de lugares em livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental, utilizados em escolas públicas do estado.

⁸ Esta rodovia também é conhecida como BR 153.

A partir dos produtos gerados a cada término das etapas, como, por exemplo, a produção de fichas lexicográfico-toponímicas de acidentes humanos e físicos que compõem a toponímia tocantinense, o objetivo é criar um banco de informações que possa gerar diversos tipos de dados (localização de topônimos por micro ou macrorregião, índices de topônimos por natureza física ou antropocultural; históricos e motivações; estudo sobre as entradas lexicais e estudos morfológicos e léxico-semânticos; entre outros) para o ATT.

Os pesquisadores da área Onomástica/Toponímia, até o presente momento, concentram seus estudos na produção de discussões teórico-metodológicas com o objetivo de produzir Atlas Toponímicos Regionais, parte deles vinculada ao ATB – Atlas Toponímico do Brasil –, coordenado pela professora Dra. Maria Vicentina de Paula do A. Dick, da Universidade de São Paulo. O ATT é parte integrante deste macroprojeto e tem como pretensão produzir um atlas com todas as especificidades: mapas por micro e macrorregiões; maior ou menor incidência de topônimos (natureza física ou antropocultural) por regiões. Pretende-se realizar, ao final da pesquisa, um mapeamento da realidade toponímica do estado do Tocantins.

Metodologia de trabalho

O percurso metodológico utilizado neste estudo, apresentado por Dick (1990, 1990a 2006), é o mesmo do ATB - Atlas Toponímico do Brasil: plano onomasiológico de investigação. Esse modelo apresenta aspectos a serem definidos, conforme aponta Dick (2006, 100 e 101): a) formulação da hipótese de trabalho; b) delimitação da área básica de estudos (nível da toponímia) ou do objeto de investigação (nível da onomástica), detalhamento temático, em extensão areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade do pesquisador, finalidade da demanda, vinculação a um projeto de pesquisa; c) tratamento dos dados ou do corpus; d) conclusão e bibliografia utilizada e de suporte.

As cartas geográficas fazem parte do acervo documental de análise e descrição dos dados: são consideradas fontes primárias para a análise do fenômeno onomástico. Durante o processo de análise dos topônimos, optou-se pelo método indutivo para que, ao longo das descrições onomásticas, se construam hipóteses de trabalho. Caso sejam confirmadas, servirão de subsídios para comprovar as hipóteses levantadas acerca do objeto de estudo.

A taxionomia desenvolvida por Dick (1990a) servirá como subsídio teórico-metodológico com o intuito de compor esse atlas, conforme o modelo utilizado no ATITO. Para a autora, um dos grandes problemas na definição de uma taxionomia mais precisa é o conceito de toponímia, definido como um depositário de fatos culturais e geo-históricos, o qual envolve a nomeação e a significação do nome de um lugar.

A seguir, o modelo taxionômico proposto por Dick (1990a).

<i>Taxionomia de natureza física</i>	<i>Taxionomia de natureza antropocultural</i>
Astrotopônimos	<i>Animotopônimos ou nootopônimos</i>
Cardinotopônimos	<i>Antropotopônimos</i>
Cromotopônimos	<i>Axiotopônimos</i>
Dimensiotopônimos	<i>Corotopônimos</i>
Fitotopônimos	<i>Cronotopônimos</i>
Geomorfotopônimos	<i>Ecotopônimos</i>
Hidrotopônimos	<i>Ergotopônimos</i>
Litotopônimos	<i>Etnotopônimos</i>
Meteorotopônimos	<i>Dirrematotopônimos</i>
Morfotopônimos	<i>Hierotopônimos</i>
Zootopônimos	<i>Historiotopônimos</i>
	<i>Hodotopônimos</i>
	<i>Numerotopônimos</i>
	<i>Poliotopônimos</i>
	<i>Sociotopônimos</i>
	<i>Somatotopônimos.</i>

Ficha lexicográfico-toponímica

A ficha lexicográfico-toponímica serve como instrumento de pesquisa e orienta o pesquisador ou o interessado, dando a ele a possibilidade de estudar o topônimo a partir da identificação do signo toponímico, ao considerar a sua motivação formadora. Essa formação pode estar relacionada a características encontradas no próprio espaço físico ou, ainda, relacionado a crenças, a impressões culturais, ou a sentimentos construídos ao longo do tempo pelo desenvolvimento do denominador.

A ficha apresenta tanto dados linguísticos como dados históricos, geográficos, etimológicos e taxionômicos (natureza física ou antropocultural), vistos da perspectiva interior de um contexto social, em um dado momento. O estudo desses dados pode auxiliar na criação da identidade local do município. Desse modo, a ficha tem uma relevância para os resultados da pesquisa, uma vez que, ao identificarem-se os signos motivadores, suas origens

e sua evolução toponímica, resgatam-se os valores inseridos na base histórico-social da região estudada.

O levantamento dos dados para montagem da ficha em questão estimula o saber-conhecer da história da comunidade, assim como a compreensão da cosmovisão individual e coletiva que forma a identidade cultural e linguística de uma região, no caso, o território tocaninense.

Os elementos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica, especificada neste trabalho, são característicos do estudo onomástico. O modelo de ficha lexicográfico-toponímica, elaborado pela coordenadora do ATB – Atlas Toponímico do Brasil, Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (2004 *apud* Andrade, 2010, p. 184), servirá de referência metodológica para a realização deste artigo.

Localização / Município – Este item remete à localização geográfica do município.

Topônimo – Considera o estudo dos nomes dos lugares da região do Bico do Papagaio, estado do Tocantins.

AH – Acidentes Humanos.

Etimologia - Trata da história ou origem das palavras e da explicação do significado de palavras por meio da análise dos elementos que as constituem. É o estudo da composição dos vocábulos e das regras de sua evolução histórica. Utilizamos, nesta ficha, os estudos etimológicos de Theodoro Sampaio para os topônimos indígenas. Os dicionários *Houaiss*, *Aurélio*, *Silveira Bueno*, *Eugênio de Castro*, *Rosário Ferâni Mansur Guérios* servirão de referência.

Taxionomia – As taxes toponímicas permitem interpretar os nomes dos lugares com maior segurança do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antropocultural (DICK, 1990).

Entrada Lexical – Elemento linguístico de base / entrada do topônimo.

Estrutura Morfológica – O topônimo por ser dividido em três categorias: elemento específico simples, elemento específico composto e elemento específico híbrido. Neste caso, apresenta-se uma descrição no plano morfológico do topônimo, caracterizando-o em unidades mínimas de significação: morfemas lexicais e gramaticais.

Histórico – Levantamento dos registros históricos dos municípios na base do IBGE. Os outros históricos foram coletados por meio de Leis/Decretos e sítios dos municípios, entre outros.

Informações Enciclopédicas – Caracteriza-se por acréscimo de informações coletadas em outros materiais de apoio: livros, dicionários, pesquisa na internet e outros.

Fontes– Serviram de subsídios para a análise dos dados o autor Theodoro Sampaio, os dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, *Silveira Bueno*, *Eugênio de Castro*, *Rosário Ferâni Mansur Guérios*, as cartas topográficas localizadas na base IBGE e Secretaria de Planejamento do estado e dados pesquisados na internet.

Pesquisador(a) – Aluno em nível de graduação ou pós-graduação

Revisora – Dr^a Karylleila dos Santos Andrade

Data da Coleta – Período de coleta dos dados

Apresentaremos, a título de exemplificação, uma ficha lexicográfico-toponímica⁹ já finalizada, considerando os seguintes elementos que contemplam o estudo toponímico-onomástico: localização geográfica do município, topônimo, etimologia, taxionomia, entrada lexical, estrutura morfológica, histórico, informações enciclopédicas, contexto situacional, fontes, nome da pesquisadora e revisora e a data da coleta dos dados. Lembramos que essa ficha corresponde a uma das 25 fichas lexicográfico-toponímicas do banco de dados da região do Bico do Papagaio.

Toda a documentação cartográfica referida, os documentos e registros bibliográficos coletados são instrumentos metodológicos que consubstanciam o estabelecimento das etapas relativas à desconstrução e à recriação dos próprios dados.

Implementação do software de catalogação¹⁰

Para implementação do software de catalogação foi necessário especificar os requisitos para a construção do banco de dados. Foi necessário traduzir as necessidades relacionadas anteriormente para uma descrição da funcionalidade a ser executada. Neste caso, todo o esquema dos dados, até a fase em que se encontra de montagem, está em fase de revisão para adequar às necessidades funcionais do projeto.

Após essa etapa, passamos para a escolha do modelo de dados (modelo conceitual), a fim de transcrever as necessidades e as informações coletadas para um esquema de banco de dados. O projeto conceitual gera o esquema conceitual nessa fase, mas ainda não se leva em conta o Sistema Gerenciador do Banco de Dados (SGBD) que será utilizado.

Em seguida, o projeto de sistema pretende traduzir esses requisitos em uma descrição de todos os componentes necessários à codificação do sistema. Nesse momento, será feito um estudo da melhor linguagem de implementação e do melhor banco de dados para o projeto proposto, realizando a escolha do melhor SGBD para a ocasião.

⁹ Ficha produzida pela aluna Verônica Ramalho, bolsista de iniciação científica (PIBIC 2010-2011).

¹⁰ Esta etapa de construção do banco de dados é uma parceria com o professor Eduardo Ribeiro e alunos do Curso de Ciência da Computação da UFT.

Os padrões de interface, neste momento, encontram-se em fase de seleção, a fim de que atendam aos requisitos, bem como possam proporcionar uma experiência agradável aos futuros usuários do sistema. Métodos de Engenharia de Software e Interfaces Homem Máquina deverão ser utilizados nesse processo.

Depois de definidos os materiais e os métodos, pretende-se iniciar a produção do código que controla o sistema e realiza a computação e a lógica envolvidas, bem como criar o banco de dados.

Durante todo o processo de implementação e testes, será produzida uma documentação completa do projeto, principalmente para futuras manutenções e aprimoramentos. As documentações mais importantes são das interfaces externas, que serão construídas e testadas com os usuários, para ratificar os requisitos e validar o modelo apresentado anteriormente. A seguir, protótipos que estão sendo construídos e testados para a verificação da satisfação dos requisitos iniciais pelo produto produzido.

A seguir, como exemplificação, uma das 120 fichas lexicográfico-toponímicas, já descrita e analisada.

Ficha Lexicográfico-Toponímica

ATT – Atlas Toponímico do Tocantins: variante da região do Bico do Papagaio

Município de São Bento do Tocantins

Atlas Toponímico do Tocantins

nome

Principal Etimologia/Origem Estrutura Morfológica Histórico Informações Enciclopédicas Pesquisadores

Município:

Micro Região:

População:

Area Unidade Territorial:

Gentílico:

Localização:

Topônimo:

Entrada Lexical:

Fonte:

Revisora:

Data Coleta:

Inserir **Limpar** **Cancelar**

Atlas Toponímico do Tocantins

Sair

Fichas Lexicográficas ▾

Cadastrar

↳ Visualizar





Desenvolvido por Clazzeani Almeida

Município: São Bento do Tocantins

Localização: I região administrativa do estado – Araguatins

Topônimo: São Bento do Tocantins

AH: Município

Taxionomia: Hagiotopônimo

Etimologia: ³lat. *sanus*, a, um ‘são, sadio’; ver san-.. ⁴*São*, do latim sanu. 1 – Que tem saúde, sadio, homem são. 2 – Reto, íntegro, justo. 3 – Puro, impoluto, imaculado.

³lat. *benedictus*, a, um ‘bendito’, part. Pás. De *benedicere*; verbom - e diz-.

¹*Tucan-tim*, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. *Tocantim*. ¹*Tim*, *Ti*, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de *tinga*, branco, alvo. V. *Ti*.

Entrada lexical: São Bento

Estrutura morfológica: Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido - **são** (morfema lexical) **bento** (morfema lexical + **do** (conectivo) + **tocantin-** → *tucan-tim* (morfema lexical tupi) + **-s** (morfema gramatical flexional).

Histórico: ⁶O primeiro topônimo dado a São Bento do Tocantins foi Lagoa de São Bento, associada ao ribeirão São Bento e de uma lagoa próxima ao povoado. Em 1959, o padre Vitório Brusaterra fundou a primeira capela com a ajuda da comunidade. O padroeiro da cidade é Bom Jesus da Lapa. Em 1966, o povoado passou à condição de Distrito Judiciário da Comarca de Araguatins. Lagoa de São Bento foi elevada à categoria de município com o nome de São Bento do Tocantins pela Lei Estadual nº 251/89. O município foi instalado no dia 1º de janeiro de 1993.

Informações enciclopédicas: ²*Tocantins* ou *Tucantins* “nariz de tucano”, nome de uma tribo que habitava as margens desse rio. ³*Tocantim* 1. indígena que teria pertencido aos *Tocantins*; 2. Relativo ao *tocantim* ou aos *Tocantins*, *Tocantins*. Etnol. 3. grupo indígena que teria habitado junto à foz do rio Tocantins PA, etnm.br: *Tocantim*.

Contexto: ⁷São Benedito nasceu em Núrsia, na Itália central, no ano de 480, e foi para Roma estudar em 499. A santidade de Benedito atraiu outros seguidores, e os discípulos começaram a aparecer de todos os lados para estudar com ele. Os monges, perto de Vicovaro, região da Itália, pediram-lhe para ser o seu Abade. Benedito aceitou, mas impôs regras severas: hoje chamadas de "Regras de Benedito". Atuando como Abade, Benedito aconselhou papas, líderes seculares, mas continuou com a sua rotina escolástica. Ele é conhecido por suas regras e como o fundador da Ordem dos Beneditinos. (Texto adaptado) Disponível em <http://www.cademeusanto.com.br/-sao_benedito_de_nursia.htm>. Acesso em 20 dez. 2010.

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

Pesquisadora: Verônica Ramalho Nunes

Revisora: Dr^a Karylleila dos Santos Andrade, 2011.

Data da coleta: Agosto de 2010 a Junho de 2011

Principais contribuições científicas ou tecnológicas da proposta

O ATT, como parte integrante do ATB, tem como intenção produzir um atlas com todas as especificidades: mapas por micro e macro regiões; maior ou menor incidência de topônimos (natureza física ou antropocultural) por regiões; observar, a partir deste levantamento, um mapeamento da realidade toponímica do estado do Tocantins. Para tanto, a criação deste banco de dados poderá propiciar aos pesquisadores envolvidos no projeto a facilidade na catalogação e na tabulação dos dados sobre a toponímia do Tocantins. Isto garantirá um desempenho mais automatizado na organização e sistematização dos dados com o intuito de conhecer o espaço-território toponímico do estado.

Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas Toponímico do Estado do Tocantins*. Goiânia: PUC, 2010.

CASTRO, Eugênio. *Ensaio da geografia linguística*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990a.

_____. *Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira*. In ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G.. *As Ciências do léxico*. v. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p.121-130.

_____. *Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil)*. In SEABRA, M. T. C. *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte/UFMG, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GUÉRIOS, Rosário Antônio Ferâni Mansur. *Nomes & Sobrenomes*. São Paulo: Artpress, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cartas topográficas*. Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Diretoria de Geodésia e Cartografia, Superintendência de Cartografia, 1970, cartas consultadas: 1970. 874, 875, 876, 952, 954, 1028, 1029, 1030, 1031, 1106, 1107, 1108, 1109, 1110, 1423, 1424, 1425, 1426, 1469, 1497, 1498, 1499, 1500, 1501, 1502, 1571, 1578, 1640,

1641, 1768, 1769, 1770, 1771, 1772, 1882, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1987, 1988, 1989, 1991, 1992, 1993.

IBGE. Disponível no sítio <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 25 set. 2012.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. Corrigida e aumentada. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

SILVEIRA BUENO, Francisco. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Vocábulo, expressões da língua geral e científica-sinônimos. 2. V. 2. e.d. São Paulo: Saraiva, 1960.

SEPLAN – *mapas e atlas*. Disponível em http://www.seplan.to.gov.br/seplan/br/index2.-php?area=download&id_m=153. Acesso em: 25 set. 2012.

UM ESTUDO DOS ASPECTOS ENUNCIATIVOS NOS EDITORIAS DA REVISTA SUPERINTERESSANTE*

Sabrina Gabriela Vicentini**

Resumo: Este trabalho propõe-se a analisar os editoriais comemorativos da revista *Superinteressante* sob o viés dos estudos da Linguística Enunciativa, principalmente no que tange aos estudos sobre a subjetividade apresentada pelos dêiticos nas suas categorias discursivas de pessoa, espaço e tempo dentro do fenômeno da enunciação. Para isso, é traçado um breve panorama dos estudos de Benveniste (1988, 1989) e outros autores que abordam a temática. Nos editoriais analisados, buscou-se identificar as principais estratégias de comunicação adotadas, além de perceber o modo como estão sendo construídas as informações das marcas de subjetividade nos textos. Como resultado, pôde-se perceber que os editoriais apresentam, até os dez primeiros anos, uma tentativa de demonstrar uma coletividade responsável pela revista e no último texto, de vinte anos, o que passa a existir é uma individualidade.

Palavras-chave: editoriais, Superinteressante, Linguística Enunciativa, dêiticos.

Abstract: This paper intends to analyze the *Superinteressante* magazine's celebrate editorials, from an enunciative point of view, especially to deal with subjectivity studies showed by deixis in its discursive category of person, place and time in the enunciation phenomenon. To do that, we make a short reflection about Benvenist's works (1988, 1989) and others authors that study this subject. In editorials analyzed, we identify the main communication strategies used, besides we observe the way the information about subjectivity are being built in texts. As result, we notice that editorials present, until the ten first years, an attempt at showing a collectivity responsible to magazine and in the last text that is twenty years, what exist is an individual characteristic.

Keywords: editorial, Superinteressante, Enunciative Linguistic, deixis.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma pesquisa dentro dos estudos da linguística enunciativa, principalmente, no que tange aos estudos da subjetividade apresentada a partir dos dêiticos, que sinalizam categorias discursivas de pessoa, espaço e tempo dentro do fenômeno da enunciação (cf. BENVENISTE, 1988, 1989; CERVONI, 1989; COURASOBRINHO, 2005; FIORIN, 1996).

* Um primeiro esboço deste trabalho foi desenvolvido na disciplina "Teorias do Discurso", Programa de Mestrado em Letras da UFSJ, ministrada pela professora Dra. Dylia Lysardo-Dias, a quem agradeço pelas primeiras observações sobre o trabalho.

** Mestranda em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei e bolsista CAPES/DS.

VICENTINI, S. G. – PROMEL/UFSJ, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. sabrinagvicentini@hotmail.com

A partir de todo esse aparato, averiguam-se os aspectos enunciativos de alguns editoriais da revista *Superinteressante*, visando investigar, com o subsídio do estudo da dêixis, o modo como estão sendo construídas as informações das marcas de subjetividade nos textos, identificando as principais estratégias de comunicação adotadas.

Os resultados apresentados aqui buscam incitar reflexões e discussões sobre questões relacionadas à subjetividade nos processos enunciativos e sobre a atuação desse fenômeno nos editoriais como forma de destacar o editor e suas ideias sobre o veículo.

Tal artigo se apresenta em quatro seções. Na primeira, apresentam-se os pressupostos teóricos que orientaram nosso estudo. Na segunda é exposta a metodologia empregada para o desenvolvimento do mesmo. Segue-se a análise dos dados obtidos através de um estudo do *corpus*, e por fim, encontram-se as conclusões que puderam ser tiradas com o trabalho.

Revisão de Literatura

A Linguística foi colocada como ciência a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, os quais definem a “língua” como o objeto. Saussure faz a distinção entre “língua/fala” (*langue/parole*), entendendo a “língua” como um *sistema* e a “fala” como um *uso social que se faz*.

Já a Linguística da enunciação procura fazer um estudo do funcionamento e uso da linguagem, isto é, seria um estudo das questões do âmbito da “fala”. Os estudos enunciativos representam uma crítica à “linguística da língua”, desenvolvida por Saussure, e buscam realizar uma análise da produção dos enunciados, voltando-se para os diferentes usos da linguagem, além de pensar o sujeito dentro do contexto social e histórico em que está inserido.

Diante desse variado campo de estudo, a presente pesquisa elenca a dimensão discursiva da dêixis como foco de análise. A categoria da dêixis é examinada a partir da teoria de Benveniste como fundamento da representação da subjetividade na linguagem.

Benveniste (1988), no capítulo “Da subjetividade da linguagem”, afirma que a subjetividade ocorre quando “o locutor propõe-se como sujeito”, deixando suas marcas no enunciado. A subjetividade é constitutiva da linguagem. É a partir da relação do locutor com a língua que se determinam os caracteres linguísticos da enunciação.

Deste modo, no capítulo “Aparelho formal da enunciação”, Benveniste (1989) vai distinguir as marcas de subjetividade dos locutores. Para ele, o aparelho formal da enunciação

é o conjunto dessas formas que indicam as marcas de subjetividade, que são colocadas no funcionamento da língua, sendo representadas pelos dêiticos.

Como toda enunciação implanta o outro, ela sempre postula um alocutário (*tu*), independente do grau de presença que se atribua a este outro. E ao observar a presença do locutor na enunciação, isso faz com que “cada instância de discurso constitua um centro de referência interno.” (BENVENISTE, 1989, p. 84) É nessa situação que se manifesta um “jogo de formas específicas” (dêiticos), os quais teriam a função de colocar o locutor em relação constante com sua enunciação.

Assim, a noção de dêiticos remete às marcas específicas que indicam traços dos processos enunciativos, são signos vazios que só são recuperados na enunciação. O primeiro processo dessa categoria, identificado por Benveniste (1989), é a “emergência dos índices de pessoa” (a relação *EU-TU*). O “eu” se refere a quem está se apropriando da linguagem, só se determinando na enunciação.

Para Benveniste (1988), o *eu* não denomina nenhuma entidade lexical:

eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. (p. 288)

De tal modo, Benveniste (1988) ainda argumenta que os pronomes pessoais se distinguem dos demais, pois não remetem nem a um conceito, nem a um indivíduo. E “a categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso” (FIORIN, 1996, p. 41). Entretanto, é importante ressaltar que Benveniste considera o “ele” como a “não-pessoa”, porque se refere a um objeto fora da alocação. A terceira pessoa é a forma que não se refere a si mesma. “A forma *ele*... tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por ‘eu’”. (BENVENISTE, 1988, p. 292). Para Cervoni (1989), a denominação de terceira pessoa é um “deslocutado”, é a pessoa apenas da qual se falou, apresentando um papel passivo no ato da linguagem. E as três pessoas (*eu*, *tu* e *ele*) têm em comum a apresentação de um objeto de fala.

Já Fiorin (1996) observa que o *eu* e o *tu*, em cada instância de comunicação, são em cada vez únicos, enquanto o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum.

Dessa forma, segundo Benveniste (1988),

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *dêixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomando como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que ia se enuncia. (p. 288)

Com isso, a segunda categoria, da mesma natureza, identificada por Benveniste (1989) é os “índices de ostentação” que aludem a um gesto indicando o objeto. Esses remetem às referências espaciais, que nada mais são do que uma projeção do espaço, do local da enunciação. São exemplos de “espaço”, pronomes demonstrativos (este (a), esse (a), etc.), advérbios (aqui, lá, etc.), locuções adverbiais (à esquerda, em frente, etc.). A próxima série de termos que diz respeito à enunciação é constituída pelas “formas temporais”. As categorias temporais são marcas do “tempo” no ato de fala, que se determinam com relação ao “eu”, centro da comunicação. A *dêixis* temporal também pode ser representada pelo sistema verbal da língua.

Para Cervoni (1989), a temporalidade expressa pelo verbo tem como ponto de referência o momento da enunciação. O presente é o tempo concomitante com a enunciação, porém, os dêiticos temporais não se limitam às formas do presente da enunciação. Mas também compreendem as marcas de passado e futuro em relação a esse presente.

Além disso, é importante ressaltar que o verbo também pode apresentar a categoria de pessoa, já que suas formas de conjugação podem se distinguir em três pessoas no singular, e no plural, em língua portuguesa¹. Logo, são exemplos de “tempo” no enunciado, advérbios (agora, hoje, ontem, etc.), locuções adverbiais (último mês, depois de amanhã, etc.) e alguns tempos verbais.

Deste modo, percebe-se que os dêiticos são elementos linguísticos que indicam os participantes de uma situação de produção do enunciado, ou indicam, ainda, o lugar e/ou o tempo em que o enunciado foi produzido. Os dêiticos não têm conteúdo semântico, mas são formas que se constituem como realidade do discurso.

¹ Neste caso, novamente, precisa-se destacar que a terceira pessoa é a forma não pessoal da flexão verbal, porque ocorre quando a pessoa não é designada e em casos de expressões impessoais.

Fiorin (1996) ressalta que é preciso levar em consideração que cada manifestação da *língua (langue)* coloca em jogo um enunciador e um enunciatário com seus pontos de vista ocorridos num espaço e num tempo determinados.

Metodologia e Corpus

A construção do *corpus* da pesquisa foi feita de forma qualitativa. Foram selecionados três textos de editoriais, extraídos da revista Superinteressante, começando pelo primeiro editorial que a revista lançou e seguindo as edições comemorativas de cada década de aniversário desse meio comunicativo, ou seja, os editoriais de aniversário de dez e vinte anos do veículo. Assim, os três textos selecionados podem ser considerados como um marco na história do próprio veículo, por representarem datas memorativas do mesmo.

No tratamento do *corpus*, levam-se em conta as categorias de pessoa, espaço e tempo, propostas por Benveniste (1988, 1989), para a análise das marcas de subjetividade nos textos. Por outro lado, também se procura encaixar uma leitura crítica de questões discursivas e situacionais para a observação dos textos².

Os textos que compõem o *corpus* são organizados a partir da ordem de publicação dos mesmos e são denominados de Ed. 1, 2 e 3. Todos se encontram em anexo a esse artigo.

Análise dos dados

A revista Superinteressante, da editora Abril, está em vigor no mercado editorial brasileiro desde setembro de 1987, tendo completado 25 anos de história. Essa é uma revista mensal, disponível em todos os estados brasileiros, que busca desde seu projeto inicial proporcionar aos leitores informações de fatos interessantes e curiosos, pertencente a qualquer área do conhecimento. Deste modo, a revista aborda assuntos muito diversificados como ciência, cultura, saúde, história e outros. Segundo informações da Editora, Superinteressante possui, atualmente, tiragem de mais de 440 mil exemplares, o que faz dela uma importante mídia a ser contemplada em estudos desenvolvidos em diversas áreas.

A seguir será feita uma análise de três textos dessa revista, especificamente os editoriais, intitulados “Carta ao leitor”, publicados em períodos diferentes, mas que versam entre si por

² É necessário ressaltar que o icônico das páginas não será analisado neste trabalho, mas não desprezamos sua importância.

serem sobre edições comemorativas do veículo. Essa análise tentará buscar indicações das categorias de pessoa, espaço e tempo para demarcar questões de subjetividade na linguagem.

1. Ed. 1 – Carta ao leitor, out. 1987, p. 5.

Sejam os enunciados:

- (a) *Numa tarde qualquer de junho de 1860, consternada ao ouvir dizer que pelas novas teorias postas a circular por Charles Darwin o homem era um simples descendente do macaco, a mulher do bispo anglicano de Worcester, Inglaterra, exclamou:* (linhas 01-04)
- (b) *“Barbaridade! Esperamos que não seja verdade mas, se for rezemos para que isso não se torne amplamente conhecido”.* (linhas 05-06)
- (c) *Nós, da Editora Abril, não partilhamos dessa opinião.* (linha 07)
- (d) *Por acreditarmos tanto no valor da descoberta e da acumulação do conhecimento científico e tecnológico quanto na importância de sua divulgação ao maior número de pessoas, estamos apresentando ao público brasileiro uma nova revista mensal.* (linhas 07-11)

Através do enunciado (a), percebe-se que o locutor se mostra como uma pessoa informada e conhecedora dos fatos históricos e de progressos científicos, pois, ele vai buscar um acontecimento marcante do passado para, então, defender a ampliação do conhecimento, já que no enunciado (c), ele contesta a opinião expressa em (b). Ainda assim, é importante destacar, que o locutor busca manter um distanciamento desse enunciado (b), utilizando-se do uso das aspas, demarcando a diferenciação da voz do outro³. O enunciado (d) também confirma a posição contrária do locutor. Dessa forma, o locutor se posiciona contrário ao fato de não se anunciar uma informação e vai construindo uma reflexão para ressaltar a importância da divulgação do conhecimento, ressaltando que esse é o tema proposto pela nova revista. Isso ajuda a construir uma imagem do lugar discursivo do locutor, na medida em que se mostra favorável à difusão do conhecimento e como uma pessoa informada.

³ A autora, Jaqueline Authier-Revuz, faz um estudo minucioso sobre o uso das aspas, considerando-as como uma heterogeneidade mostrada no texto. Para mais detalhes ver: AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-79.

Além disso, os enunciados (c) e (d) permitem identificar um locutor que se assume na “coletividade”, *nós*, remetendo a um *eu* que se associa ao grupo da Editora Abril, expresso em (c).

Flores *et. al.* (2008), no capítulo “Uma lingüística da enunciação”, explica que, como Benveniste considera o enunciado como um ato individual de tomada da palavra, não se pode considerar o *nós* como o somatório de vários “eu”, mas sim, o *nós* é uma indicação que se trata de *eu* e de *não-eu*. “Não há plural porque não há junções de iguais, mas de diferentes” (FLORES *et. al.*, 2008, p. 55).

Assim, observa-se que o locutor (o *eu* que fala – *editor-chefe*) se dilata incluindo um “não-eu”, *Editora Abril*, que não deixa de ser um processo para indicar relevância de *eu*. O uso do *nós* tem indicação de subjetividade para marcar uma relação com “eu”. (cf. FLORES *et. al.*, 2008, p. 55-56)

Deste modo, as pessoas gramaticais dos verbos referentes ao locutor, reafirmam esse posicionamento de “eu” e “não-eu”, ao longo de todo o texto: *partilhamos, acreditamos, estamos, enfrentamos, damos, descendemos, tenhamos* etc. O que também pode ser visto, como um posicionamento de defesa, já que estão apresentando um novo veículo de comunicação e a coletividade possibilita mais segurança e veemência ao veículo.

Como todo enunciado pressupõe a relação *eu – tu*, no caso deste editorial, o alocutário (*tu*) é demarcado já no título, *Carta ao leitor*, especificado como o “leitor” da revista. E assim, pensando em “carta” enquanto gênero textual, observa-se a constituição de uma mensagem escrita, fechada e assinada, expressando opiniões do seu remetente para uma ou várias pessoas destinatárias, neste caso, o(s) leitor(es) da nova revista. Nota-se, em Ed 1, que há pouca atribuição ao grau de presença do alocutário (*tu*), mesmo este sendo de fundamental importância.

Os enunciados (e) e (f), abaixo, ainda apresentam passagens em que há uma referência explícita ao(s) leitor(es) no texto, mas com fins de propagar os benefícios da revista aos mesmos:

(e) *Não por acaso ela se chama SUPERINTERESSANTE, pois oferecerá aos leitores uma visão ampla do que fez, do que se faz e – por que não? – do que se fará em termos de pesquisa e realização científica e tecnológica (linhas 15-19)*

(f) *De forma clara, direta, acessível ao mais leigo dos leitores, SUPERINTERESSANTE mostrará o conhecimento científico não como um tesouro a que só alguns*

privilegiados têm acesso, por sua cultura, mas como algo que passa pelo cotidiano de todos nós, influenciando e modificando até mesmo os momentos mais simples de nossa vida. (linhas 22-27) (grifos meu)

No enunciado (f) acima, ainda existe uma tentativa de aproximação do locutor com um *tu* instituído na sentença, o locutor se associa em *todos nós* e se assemelha em *nossa vida*, remetendo a um universo discursivo partilhado tanto pelo locutor quanto pelo alocutário, que seria a ideia de difusão do conhecimento. O pronome *nossa* também remete ao destinatário, o(s) leitor(es) da referida revista.

Assim, retomando o enunciado (a), ainda se observa nele a instauração da 3ª pessoa no enunciado, *a mulher do bispo anglicano de Worcester*, que é uma informação *não-identificável* pelo alocutário⁴. Coura-Sobrinho (2005) apresenta um estudo de Perret (1994)⁵, no qual se observa que o locutor tem duas maneiras de introduzir o objeto em seu discurso: de modo *identificável* e *não-identificável* pelo seu alocutário. Os objetos do mundo são não-identificáveis quando acompanhados por artigos (e/ou formas) indefinidos ou pelos numerais. Já os objetos identificáveis são referidos no interior do universo criado pelo discurso (referência co(n)textual – indicada por objetos indefinidos, e posteriormente por anáforas) ou na remissão à realidade externa (referência situacional – apresentada através de nomes próprios, objetos únicos, conceitos, datas e pela reação com o locutor através dos dêiticos).

Assim, outra instância em que é exposta como 3ª pessoa no texto é a revista, *Superinteressante*, constituindo-se como uma informação *identificável*, podendo perceber o destaque do nome próprio em letras de caixa alta e a construção da informação do meio de comunicação.

Há, ao longo do texto, alguns enunciados em que se observa o emprego do pronome *ele(a)*, que não se remetem só a essa duas referências de 3ª pessoa apresentadas acima. Eles vão retomar sintagmas diferentes recuperáveis dentro do contexto do enunciado, confirmando o posicionamento de Fiorin (1996) que explica que o pronome *ele* pode assumir vários sujeitos ao mesmo tempo e todos são objetos fora da locução.

A construção do “espaço”, em Ed 1, pode ser analisada, no primeiro enunciado (a), na referência espacial objetiva: *Worcester, Inglaterra*. Esse espaço apresenta uma mulher que

⁴ Apesar de a mulher ser apresentada como uma informação não-identificável, nota-se que ela possui um posicionamento de poder para expressar sua fala. Ela é simplesmente a mulher **do bispo anglicano de Worcester**.

⁵ PERRET, M. *L'énonciation en grammaire du texte*. Paris: Édition Nathan, 1994.

gostaria que a notícia da ancestralidade do macaco não fosse de conhecimento da humanidade. Dessa forma, a partir do enunciado (c), linha 07, esse espaço é desfeito e retomado já no final do texto,

(g) *Estamos certos de que se fosse nossa contemporânea e leitora de SUPERINTERESSANTE, aquela assustada matrona da Inglaterra vitoriana, mulher do bispo de Worcester, saberia que nós não descendemos do macaco, embora tenhamos com ele um ancestral em comum.* (linhas 32-36)

O locutor retoma o mesmo espaço discursivo expresso em (a), *Inglaterra*, no tempo *vitoriana*. Ainda se nota que o locutor apresenta um posicionamento de certeza, *Estamos certos*, que esse meio de comunicação tiraria a dúvida exposta em (b), e *aquela assustada matrona* ficaria intensamente *mais tranqüila* (linha 37). Novamente, apresenta uma segurança do locutor.

Nas demais situações do texto, entre as linhas 07 até 32, pode-se pensar na revista enquanto configuração espacial com a capacidade desse novo veículo.

(h) *Sua pauta de assuntos não terá limites, cobrindo, por exemplo, da Física à Pré-História, da Astronomia à Ecologia, da Informática à Psicologia ou à Religião.* (linhas 19-21)

(i) *E sem descuidar da precisão, o que significa dizer que em suas páginas não haverá lugar para as meias-verdades, o saber por ouvir dizer, a hipótese sem evidência que a legitime.* (linhas 27-30) (grifos meu)

Há em Ed 1, uma expressão dêitica espacial cuja interpretação se processa no contexto. Está no enunciado (c), no qual *dessa opinião* retoma a opinião da mulher. Mas, nesse texto não há muitas referências espaciais.

Já sobre a categoria temporal, percebe-se no início do texto uma expressão temporal, *Numa tarde qualquer de junho de 1860*, para se referir ao acontecimento da mulher. Apesar de *Numa tarde qualquer de junho de 1860* não corresponder a um dia específico daquele ano, aponta nitidamente para o passado. E outra expressão que pode ser vista como temporal, já mencionada anteriormente, seria *vitoriana*, que remete a um longo período de reinado da Rainha Vitória na Inglaterra.

Mesmo havendo essas referências ao passado, o centro dêitico de temporalidade de Ed 1 se fixa no agora do locutor, já que a maior parte dos verbos está no presente (*partilhamos, acreditamos*, dentre outros) para se referir à situação enunciativa em que o locutor se encontra no centro. Assim, pode-se pensar que ao longo de Ed 1, o locutor opera os seguintes movimentos no texto:

1º o distanciamento, referente à mulher que era contrária a difusão do conhecimento.

2º a aproximação, remetendo a revista que é idealizada como fonte multidisciplinar do conhecimento.

Prossigamos na análise do segundo texto.

2. Ed. 2 – *Carta ao leitor*, set. 1997, p. 4.

Nos enunciados:

(a) *Em meados de 1987, a então repórter Lúcia Helena de Oliveira, de 22 anos, tinha uma dúvida profissional. Ela fazia parte de uma nova revista da Editora Abril, a SUPERINTERESSANTE.* (linhas 01-04)

(b) *Mas aquela jovem repórter não estava tão animada.* (linha 08)

Percebe-se que o locutor inicia a narração de uma história, na qual ele se omite/disfarça para a propagação da referência de 3ª pessoa, *Lúcia Helena de Oliveira*. O locutor se mostra conhecedor, é íntimo da história em que narra. E todas as formas do uso do pronome de terceira pessoa *ele(a)*, neste texto, são referências a *Lúcia*, recuperadas dentro do contexto da enunciação.

(c) *Ela fazia parte de uma nova revista da Editora Abril, a SUPERINTERESSANTE.* (linhas 03-04)

(d) *Hoje, ela é uma das jornalistas mais respeitadas do país nas áreas em que se especializou: Medicina e saúde.* (linhas 18-20)

Neste caso, a referência de 3ª pessoa é sempre *identificável* pelo alocutário, já que é apresentada pelo nome próprio, sublinhado pelo locutor. Ainda se percebe que essa história está sendo construída pelo locutor para ressaltar a evolução da profissional. No enunciado (d), o dêitico temporal *hoje* a estabelece no tempo, o tempo presente da enunciação que não pode

ser recuperada, e o advérbio *mais* a intensifica numa posição privilegiada e de poder, *uma das jornalistas mais respeitadas do país*.

- (e) “*Eu achava que ciência não era a **minha praia** e que os assuntos seriam sempre aborrecidos*”, lembra *ela*. (linhas 09-10)
- (f) “***Minha praia é aqui mesmo***.” (linhas 17-18) (grifos meu)

Pelos exemplos expressos acima, observa-se que o locutor destaca a diferenciação da voz do outro pelo uso das aspas. E esses enunciados podem demonstrar um espaço, *aqui*, que é recuperado dentro do contexto como o ambiente da revista, no qual o locutor desses enunciados, *Lúcia*, identifica-se com ele. Essas composições remetem ao que Benveniste (1989) explica que numa enunciação escrita situam-se dois planos: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (p. 90).

Já na relação *eu – tu* em que todo enunciado estabelece, em Ed 2, novamente o alocutário (*tu*) é demarcado pelo “leitor”. Nesse texto, também prevalece o sentido de carta, demarcado no título e há pouca atribuição de presença ao alocutário. E como relação à Ed 1, a única diferença estabelecida é que Ed 2 não é assinada pelo locutor.

No enunciado abaixo aparece a única passagem em que há uma referência explícita ao(s) leitor(es), mas novamente com fins de propagar os benefícios da leitura da revista para os mesmos:

- (g) *Lendo-a, você vai conhecer, com detalhes exclusivos, a técnica brasileira que está revolucionando as cirurgias cardíacas*. (linhas 25-27)

A construção espacial de Ed 2 pode ser pensada na revista como um espaço de informação e como um ambiente de trabalho de inúmeros jornalistas como *Lúcia Helena*.

- (h) *No fundo do coração (veja **na página 82**), que une ineditismo e clareza*. (linhas 23-24)
- (i) *Coração: não poderia haver assunto mais perfeito para **a capa desta edição comemorativa**, cheia de emoções extraordinárias: são **muitas páginas a mais**, sem contar o pôster com a história de quatro séculos de ciência*. (linhas 28-32)

- (j) *Representados aqui nos dez anos de carreira da Lúcia Helena.* (linhas 33-34)
(grifos meu) (grifos meu)

No enunciado (j) o dêitico espacial, *aqui*, é recuperado dentro do contexto, e conforme o enunciado (f), ele demonstra como espaço o ambiente da revista.

Quanto à categoria temporal de Ed 2, nota-se que o processo de narrativa iniciado em (a) pelo locutor se passa no tempo passado, *Em meados de 1987*. Toda a construção temporal apresentada no texto gira em torno dos 10 anos da revista.

- (k) *Muita gente, naquela época, pensava a mesma coisa.* (linha 11)
(l) *Passados dez anos, a editora especial Lúcia Helena de Oliveira amadureceu bastante.* (linhas 12-14)
(m) *Neste mês de setembro, vai ser mãe pela primeira vez.* (linhas 35-36) (grifos meu)

Assim, o locutor busca no passado uma história de superação e destaque, de um personagem que faz parte da equipe da revista, nestes 10 anos, chegando a remetê-la no presente, *Neste mês de setembro*.

É importante ressaltar que em Ed 2, os verbos não apresentam categorias de pessoa, pois estão apresentados, em sua maioria, na forma de terceira pessoa. Flores *et. al.* (2008, p. 59) resalta que “tudo que não pertence a *eu – tu* recebe como predicado a forma verbal de terceira pessoa. A terceira pessoa pode eventualmente ser empregada em expressões de respeito ou de ultraje, segundo o desejo de reverenciar ou de anular alguém”. No caso deste texto, anular o próprio locutor para destacar a referência de 3ª pessoa, *Lúcia*.

Deste modo, o movimento que o locutor opera em Ed 2 é de aproximação com a história da *Lúcia*, destacando-a na equipe da revista e narrando sua história ao longo desses 10 anos do veículo.

Observemos o que o terceiro texto nos oferece.

3. Ed. 3 – [Agora escuta] direto da redação, set. 2007, p. 20.

Atentando-se aos enunciados:

- (a) *Quando fui convidado pelo então Diretor de Redação, Adriano Silva, para trabalhar na SUPER, senti como se tivesse recebido um convite para jogar futebol*

no time que eu torço (que não posso revelar sob risco de os palmeirenses pararem de comprar a revista). (linhas 01-06)

(b) *Eu lia a SUPER desde a edição número 1 e me permiti imaginar que trabalhar aqui era a realização de um sonho de criança. (linhas 07-10)*

(c) *Que um dia eu estaria escolhendo as capas da revista, que eu assinaria este espaço. (linhas 14-16)*

Observa-se, nos enunciados acima, que o locutor se mostra como uma pessoa feliz por principiar na nova posição que ocupa, é amante de futebol, além de sempre ter sido leitor da revista. Diferentemente dos outros textos, em Ed 3, o locutor se assume como *eu* ao longo de todo o texto, adotando uma individualidade se comparada aos textos analisados anteriormente. As próprias pessoas gramaticais dos verbos, em sua maioria, referem-se ao locutor: *fui, senti, refiro, assumo, acredito, adoro* e outros.

Entretanto, Ed 3 também se difere dos demais textos a partir da relação que o enunciado atribui entre o *eu – tu*. Neste texto, o alocutário (*tu*), que também é representado “pelo(s) leitor(es)”, tem um grau de presença maior. O locutor tenta constituir “uma espécie de interação” com o alocutário, uma aproximação e adulação para com o mesmo.

(d) *Eu sei (porque as pesquisas me contaram) que você usa a internet para se informar e tem intimidade com novas tecnologias – poucas revistas no Brasil têm leitores tão conectados quanto os nossos. (linhas 30-34)*

(e) *E, mesmo assim, você continua lendo a SUPER. (linhas 34-35)*

(f) *O que me faz concluir: quanto mais você se informa, mais você quer ler SUPER. (linhas 35-37)*

(g) *Não sei você, mas, quando vou ao estádio, adoro saber que o cara vestindo a camisa 10 estava sentado ao meu lado na arquibancada até outro dia (linhas 56-59)*

Assim, ainda há uma ocorrência que pode ser analisada como uma tentativa de aproximação do locutor com o alocutário:

(h) *E nunca na história desse mundo **nós** entramos em contato com tantos assuntos que precisam ser explicados. (linhas 38-41) (grifo meu)*

No enunciado (h), o locutor (*eu*) engloba “todas as pessoas” como o *não-eu* do pronome pessoal do plural, *nós*. Outro modo de intimidade é a forma como o locutor termina o texto: *Um grande abraço*, não tendo aparecido nos demais textos.

Ainda é importante ressaltar que em Ed 3 o título do editorial da revista muda para [*Agora escuta*] *direto da redação*. O novo título apresenta uma categoria temporal no *agora*, um espaço especificado pela expressão *direto da redação*, e *escuta* como um referente ao ato de escutar, ou ainda pode ser pensado como o imperativo do mesmo verbo, impondo uma ordem. Essa mudança do título pode ser vista como uma mudança da própria edição da revista. Explicada pelo locutor no enunciado:

- (i) *Para comemorar os 20 anos da revista, pedimos que o time de arte nos desenhasse uma roupa nova.* (linhas 47-49)

Neste texto também existe pouca referência de 3ª pessoa. Uma delas é apresentada de forma *identificável* pelo alocutário porque é citado o nome próprio dessa referência:

- (j) *O estilista-chefe foi designer Fabrício Miranda – outro dos nossos, fã da SUPER desde criancinha.* (linhas 51-54)

Deste modo, a construção espacial de Ed 3 também pode ser pensada na revista enquanto composição espacial, como na expressão *este espaço* em (c), *aqui*, em (b), ambos recuperados dentro do contexto. Além de outros enunciados abaixo:

- (k) *Se for verdade o que andam falando por **aí** (e por **aí** eu me refiro à **pág. 35 desta edição**), assumo a revista em um momento delicado do jornalismo.* (linhas 19-22)
- (l) ***Nas próximas páginas**, vai por mim, ele ficará ainda melhor.* (linhas 50-51)
(grifos meu)

Ainda se observa em (d) uma referência espacial objetiva *no Brasil*, demarcando a territorialidade de circulação do próprio meio de comunicação. E no enunciado (h), há a referência *desse mundo*. Mas apesar dessas outras formas de referências, a revista é a demarcação espacial que mais prevalece no texto.

Quanto às categorias temporais, assim como nos outros dois textos, esse se inicia no passado para depois estabelecer o presente. Em Ed 3, a referência temporal também remete aos 20 anos de aniversário, porém essas passagens são para ressaltar o locutor dentro dessa passagem de tempo, e ainda inserido no espaço da revista, conforme o exemplo no enunciado (b), *lia a SUPER desde a edição número 1*, e em:

(m)*E que tudo isso começaria exatamente na edição de aniversário de 20 anos.*
(linhas 17-18)

Dentre todos os textos, esse último apresenta o maior número de categorias dêiticas, e todas para ressaltar a subjetividade do locutor. O locutor desse texto apresenta um movimento de aproximação com a revista, remetendo a nova posição de destaque desse locutor perante o veículo.

Considerações Finais

Diante dos fatos apresentados, percebe-se que um estudo das categorias de pessoa, espaço e tempo nos permite contribuir com a dimensão discursiva da leitura dos textos. Em Ed 1, o locutor se posiciona na coletividade, não apresentando nenhuma forma individual na categoria de pessoa. O espaço pode ser pensado na construção da revista, prevalecendo o tempo presente.

Já em Ed 2, o locutor se disfarça na propagação da história de um membro da equipe da revista. Ele apaga os traços de subjetividade dos verbos, por exemplo, e se dedica a relembrar os fatos marcantes na vida desse colega de trabalho, ao longo dos 10 anos do veículo até o presente da enunciação. Além disso, a revista continua sendo construída como uma referência de “espacialidade” e prevalece o sentido de coletividade, de uma equipe em sua construção.

Enquanto em Ed 3, o locutor desfaz esse laço de coletividade e remete poucas atribuições ao grupo, ele constrói sua imagem em inúmeras referências dêiticas pessoais, expressas pelo uso direto do dêitico *eu* e também nas flexões pessoais dos verbos. Em Ed 3, diferentemente dos outros textos, o locutor atribui mais grau de presença ao alocutário, *leitor*, numa tentativa de “interação”. Nas categorias espaciais, novamente, pode-se destacar a

revista. E a temporalidade, remete aos 20 anos do meio de comunicação, mas para destacar a história do próprio locutor nesse período de tempo.

Deste modo, percebe-se nos editoriais analisados que as marcas de subjetividade presente nos primeiros textos caracterizam o locutor num sentido de coletividade para expressar a importância de uma equipe para construir a revista. Já o último texto destoa para a individualidade, mas sempre remetendo a opinião do próprio locutor ao prestígio do veículo.

Assim, a análise das categorias enunciativas, presentes nos textos analisados, permitiu-nos uma interpretação mais acurada dos editoriais, já que a investigação das marcas de subjetividade nos possibilitou demonstrar como o locutor se mostra (designa-se) neste sistema de linguagem. Com isso, observa-se que o sujeito está na língua e é compreendido em função do próprio ato enunciativo.

Referências

- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988. p. 284-293.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 81-91.
- CERVONI, Jean. A dêixis. In: *A enunciação*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 23-52.
- COURA-SOBRINHO, Jerônimo. A dimensão discursiva da dêixis. In: MELLO, R. *Análise do discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005, p.333-351.
- FIORIN, José Luiz. Dos princípios teóricos. In: *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 27-58.
- FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. Uma lingüística da enunciação. In: *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 49-76.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 14 ed. 279 p. Sao Paulo: Cultrix, 1988.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 001, out. 1987, p. 5.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 120, set. 1997, p. 4.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 243, set. 2007, p. 20.

ANEXOS

Ed. 1 – Carta ao leitor, out. 1987, p. 5.



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Directores: Roberto Civita, Angelo Rossi, Edgard da Silva Faria, Ika Zermati, José Augusto P. Moreira, Plácido Longgelo, Ricardo Fischer, Roger Korman, Thomas South-Corrie

SUPER INTERESSANTE

REDAÇÃO

Director: Almyr Gajardoni

Redator-Chefe: Luiz Witis
Editores e Reporteres: Claudia Bozza Fiszerech, Maria Inês Zanichetta, Martha San Juan Franco, Lídia Helena da Oliveira
Editor de Arte: Antonio Gonçalves Filho
Chefe de Arte: Mozart Latorre
Diagramadores: Marcelo da Rocha Coimbra, Paulo Norberto da Silva
Coordenador Gráfico: Miguel Gama Francisco
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Bacon, **Escritórios - Millie:** Rita de Lencastre, **Novo York:** Goffio Licini, **Paris:** Pedro de Souza
Departamento de Documentação - Gerente: Ana Rosa Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

PUBLICIDADE

Gerente: José Luiz Decourt Ricci

Comercialização publicitária a cargo da equipe da WEM
Director: Antonio Sabino de Souza
Gerente: Rivaldo Cassarini, **Representantes:** Antonio Carlos de Campos, Celso Machado, João Paulo P. de Oliveira, Miguel Angelo Castello
Projetos Especiais: Giovanna Esposito
Rio - Gerente: Paulo R. Avul, **Supervisor:** Claudio Barreto, **Representantes:** Márcio Antonio Santaverino, Paulo Maurício de Souza, Ronaldo Vilgali Lima
Belo Horizonte: Valder Cruz Gonçalves, **Brasília:** Gilberto Amaral de S. Carilho, **Angelo A. Costa, Florianópolis:** Geraldo Wilson da Azevedo, **Fortaleza:** Ana Maria de Oliveira, **Porto Alegre:** Elcineo Sngot, **Recife:** Edmilson R. Divisor, **Salvador:** Elizabeth Oliveira
Gerente da Produção de Publicidade: João Carlos de Oliveira

Director de Marketing Publicitário: Julio Cesar Jr.
Director de Escritório Rio: Selma Maria Martins
Director de Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tomes
Director de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares
Director de Criação e Projetos Especiais: Gerson Gury

CIRCULAÇÃO

Supervisora: Mariana Corvi-Cento

ASSINATURAS

Director: José Antonio Seler

Director de Vendas: Uri Hollander
Director de Marketing: Aza Moraes
Director de Criação: João Ventura Farnes Neto
Director Residência: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Director de Divisão: Ricardo Alberto Fischer
Director de Publicidade: Orlando dos Santos Marques
Director de Circulação: Fernando Costa
Director Administrativo: Marcus Vinícius Ramos Vieira
Directora de Propaganda: Elizabeth Stock Gajardoni

São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Rócio, 1021, São Paulo, CEP 04511, tel.: 011-505-8933, Telex: 0111 23227 23223 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegram: Editorial/Novissima Adm. **Integração:** r. Jaguaré, 213, CEP 02516, tel.: 011-558-4513, **Escritório - Belo Horizonte:** r. Miradouro, 228, 6.º e 7.º andares, Barro, Lousada, CEP 30736, tel.: 021-275-2388, Telex: 0211 038, **Brasília:** r. SCS - Quadra 1, Bloco 1, 4.º andar, Edifício Central, 13.º e 12.º andares, CEP 70804, tel.: 061-224-9150, Telex: 0611 1464, **Telegram:** Adbrilcom. **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 405, 2.º andar, salas 6 e 8, CEP 80000, tel.: 041-202-8070, Telex: 0411 5270, **Florianópolis:** r. Orla Curupa, 15, 5.º andar, sala 214, CEP 88000, tel.: 048-22-1805, Telex: 04811 684, **Fernandes:** av. Senador Dornelles, 3066, salas 418, 420 e 422, CEP 90000, tel.: 051-244-0410, Telex: 0502 1007, **Porto Alegre:** av. Carlos Neves, 751, 3.º andar, salas 201 a 208, CEP 91000, tel.: 051-23-2393, Telex: 0511 3382, **Telegram:** Adbrilcom. **Recife:** av. Dantas Barreto, 1188, 9.º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel.: 081-274-0097, Telex: 0811 1184, **Rio de Janeiro:** r. da Passarela, 123, 6.º ao 11.º andares, CEP 22206, tel.: 021-504-0202, Telex: 0211 22874, **Telegram:** Editorial/Adbrilcom. **Salvador:** r. Itabuna, 306, CEP 40000, tel.: 071-247-3999, Telex: 0711 1180, **Superintendente em Portugal:** Distribuidora Jardim de Psicologia Lda, Quinze de Novembro, Avenida dos Ferreiros, 2085, Carnaxide, Lisboa, **Milão:** International Business Centre, Camp Europe, 12, Phone: 02-56-90321 e 54-90212-20121, Milano, Telex: 213205 e 320209, **Novo York:** Lincoln Building, 40 East 47th Street, Suite 3423, New York, N.Y. 10160, Telex: 231870, Phone: 0212-567-5000-5993, **Paris:** 35, Rue de Valenciennes, 75002 Paris, France, Telex: 42-66 13-39, Phone: 43-66 31 31, Telex: 4374-24-66071

SUPERINTERESSANTE é uma publicação da Editora Abril S.A. 1987 G. e J. Editora S.A. "Má Interessante" Espanha. An. faz-se assinatura esta a credenciais de vendedor e pagar somente com cheque nominal a Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva de entrega das exemplares controlados, sem que para isso tenha sido motivo o próprio assinante, implicará a restituição de parte do preço total antecedentemente pago, correspondente aos exemplares que não tiverem sido entregues. Todos os direitos reservados. Distribuído em co-diversidade ao país pela OIVIP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **SUPERINTERESSANTE** - o melhor publicado nacionalmente. **IVZ**

IMP. DA DIV. GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTA AO LEITOR

Numa tarde qualquer de junho de 1860, consternada ao ouvir dizer que pelas novas teorias postas a circular por Charles Darwin o homem era um simples descendente do macaco, a mulher do bispo anglicano de Worcester, Inglaterra, exclamou: "Barbaridade! Esperemos que não seja verdade mas, se for, rezemos para que isso não se torne amplamente conhecido". Nós, da Editora Abril, não partilhamos dessa opinião. Por acreditarmos tanto no valor da descoberta e da acumulação do conhecimento científico e tecnológico quanto na importância de sua divulgação ao maior número de pessoas, estamos apresentando ao público brasileiro uma nova revista mensal.

É um novo desafio editorial que enfrentamos certos de que, com ele, damos mais uma contribuição à divulgação do conhecimento e também uma resposta otimista aos pessimistas que falam em crise e recessão. Não por acaso ela se chama SUPERINTERESSANTE, pois oferecerá aos leitores uma visão ampla do que se fez, do que se faz e — por que não? — do que se fará em termos de pesquisa e realização científica e tecnológica. Sua pauta de assuntos não terá limites, cobrindo, por exemplo, da Física à Pré-História, da Astronomia à Ecologia, da Informática à Psicologia ou à Religião.

De forma clara, direta, acessível ao mais leigo dos leitores, SUPERINTERESSANTE mostrará o conhecimento científico não como um tesouro a que só alguns privilegiados têm acesso, por sua cultura, mas como algo que passa pelo cotidiano de todos nós, influenciando e modificando até mesmo os momentos mais simples de nossa vida. E sem descuidar da precisão, o que significa dizer que em suas páginas não haverá lugar para as meias-verdades, o saber por ouvir dizer, a hipótese sem evidência que a legitime. São elas que fazem florescer aquelas opiniões preconceituosas de que não partilhamos. Estamos certos de que se fosse nossa contemporânea e leitora de SUPERINTERESSANTE, aquela assustada matrona da Inglaterra vitoriana, mulher do bispo de Worcester, saberia que nós *não* descendemos do macaco, embora tenhamos com ele um ancestral comum. E poderia, quem sabe, dormir mais tranqüila.

Victor Civita

Victor Civita

SUPER 5

CARTA AO LEITOR

Todos os motivos para festejar

Em meados de 1987, a então repórter **Lúcia Helena de Oliveira**, de 22 anos, tinha uma dúvida profissional. Ela fazia parte de uma nova revista da Editora Abril, a SUPERINTERESSANTE. O clima era de muito otimismo — o número zero da SUPER, que tinha circulado em setembro, como encarte nas maiores revistas da editora, havia sido um sucesso. Mas aquela jovem repórter não estava tão animada. “Eu achava que ciência não era a minha praia e que os assuntos seriam sempre aborrecidos”, lembra ela. Muita gente, naquela época, pensava a mesma coisa.

Passados dez anos, a editora especial **Lúcia Helena de Oliveira** amadureceu bastante. Cobriu sete congressos internacionais de Medicina, ganhou cinco prêmios de jornalismo, e já não tem dúvidas profissionais: “Minha praia é aqui mesmo.” Hoje, ela é uma das jornalistas mais respeitadas do país nas áreas em que se especializou: Medicina e saúde. O presente de Lúcia para o aniversário da SUPER é a reportagem **No fundo do coração** (veja na página 82), que une ineditismo e clareza. Lendo-a, você vai conhecer, com detalhes exclusivos, a técnica brasileira que está revolucionando as cirurgias cardíacas.

Coração: não poderia haver assunto mais perfeito para a capa desta edição comemorativa, cheia de emoções extraordinárias: são muitas páginas a mais, sem contar o pôster com a história de quatro séculos de ciência. Tudo isso nos festejos de 10 anos da SUPER. Representados aqui nos dez anos de carreira da Lúcia Helena. Ela, aliás, tem um motivo ainda melhor para estar feliz. Neste mês de setembro, vai ser mãe pela primeira vez.



AMBIENTE
Terra de contrastes
O espetáculo das forças naturais em paisagens impressionantes.

52



NATUREZA
Cores mortíferas
A ciência está descobrindo em sapos venenosos os tons e as formas mais elegantes da natureza.

96



GEOPLÍTICA
Micronações Unidas
No mundo inteiro, os micropaises estão se unindo para defender seus direitos.

100



INSETO
Caçadores de cupins
A praga causa um prejuízo de 10 bilhões de dólares por ano. É preciso erradicar.

61



AMBIENTE
A operação tapa-buraco
A emissão de substâncias que destroem a camada de ozônio está diminuindo.

44



SUPER SETEMBRO 1997



Fotos Patricia Stavris - Produção Cláudio Silva


Vida longa à Super!

Quando fui convidado pelo então Diretor de Redação, Adriano Silva, para trabalhar na SUPER, senti como se tivesse recebido um convite para jogar futebol no time que eu torço (que eu não posso revelar sob risco de os palmeirenses pararem de comprar a revista). Eu lia a SUPER desde a edição número 1 e me permiti imaginar que trabalhar aqui era a realização de um sonho de criança – na verdade, quando pequeno eu sonhava em ser jogador de futebol, a paixão pelo jornalismo é coisa mais recente. De tão feliz com o convite, eu nem sonhava que as coisas ainda podiam melhorar. Que um dia eu estaria escolhendo as capas da revista, que eu assinaria este espaço. E que tudo isso começaria exatamente na edição de aniversário de 20 anos. Uau!

E que medo. Se for verdade o que andam falando por aí (e por aí eu me refiro à pág. 35 desta edição), assumo a revista em um momento delicado do jornalismo. O mo-

mento em que a internet e sua enorme oferta de informações coloca em xeque a sobrevivência da indústria de... informações. Pode até ser verdade. Mas eis o motivo pelo qual eu acredito que esse assunto não diz respeito à SUPER: esta é uma revista inteligente feita para leitores inteligentes. Eu sei (porque as pesquisas me contaram) que você usa a internet para se informar e tem intimidade com novas tecnologias – poucas revistas no Brasil têm leitores tão conectados quanto os nossos. E, mesmo assim, você continua lendo a SUPER. O que me faz concluir: quanto mais você se informa, mais você quer ler a SUPER. Porque nossa missão é explicar o mundo. E nunca antes na história desse mundo nós entramos em contato com tantos assuntos que precisam ser explicados.

Meu otimismo tem outros motivos. Primeiro deles: estou cercado por uma equipe talentosíssima, tão apaixonada pela SUPER

quanto eu. E isso dá para perceber em cada matéria que publicamos. Veja o caso do design. Para comemorar os 20 anos da revista, pedimos que o time de arte nos desenhasse uma roupa nova. O resultado você já começou a ver. Nas próximas páginas, vai por mim, ele ficará ainda melhor. O estilista-chefe foi o designer Fabrício Miranda – outro dos nossos, fã da SUPER desde criança. Meu otimismo vem também do que eu contei antes. De eu estar jogando para o time que torço. Não sei você, mas, quando vou ao estádio, adoro saber que o cara vestindo a camisa 10 estava sentado ao meu lado na arquibancada até outro dia – e que ele é capaz de entender o quanto aquilo tudo é importante para mim. 

Um grande abraço,

Sérgio Gwercman
Redator-Chefe
sgwercman@abril.com.br

A EXPLICITAÇÃO COMO TRAÇO DE UM HABITUS TRADUTÓRIO PARA BRASILEIRISMOS TERMINOLÓGICOS EM LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO NO CORPUS DA OBRA *O POVO BRASILEIRO* DE DARCY RIBEIRO

Talita Serpa*

Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo*

Resumo: O principal objetivo deste trabalho é investigar o comportamento linguístico-social (o *habitus*) de um tradutor diante dos limites culturais na tradução, analisando, para isso, o uso de *traços* de explicitação no processo tradutório para o inglês de *brasileirismos terminológicos* desenvolvidos por Darcy Ribeiro. Para tanto, nos valem de um corpus paralelo composto pela obra *O povo brasileiro* (1995) e pela respectiva tradução, realizada por Rabassa. A metodologia utilizada foi dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1993, 1995, 1996, 2000; CAMARGO, 2005, 2007), da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004) e da Terminologia (BARROS, 2004). No tocante à análise dos dados, adotamos a Sociologia da Tradução (SIMEONI, 1998, 2007; GOUANVIC, 1995, 1999), além do conceito de *habitus*, proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1980). Acreditamos que, como aponta Baker (1996), a explicitação é uma tendência ou uma conduta do tradutor, o qual explicita, no texto traduzido, trechos que se apresentam implícitos no texto original. Notamos que essa disposição pode ser encontrada na tradução do texto de Ribeiro, evidenciando possíveis dificuldades de conceituar o universo brasileiro em língua inglesa.

Palavras-Chave: Estudos da Tradução Baseado em Corpus. Linguística de Corpus. Explicitação. Darcy Ribeiro. Antropologia. Brasileirismos Terminológicos.

Abstract: The main purpose of this article is to investigate the social and linguistic behaviors (the *habitus*) of a translator in face of cultural barriers in translation, analyzing the use of explicitation aspects in the translational process into English of the *terminological Brazilianisms* developed by Darcy Ribeiro. With this aim, we used a parallel corpus composed by the work *O povo brasileiro* (1995) and by its respective translation, performed by Rabassa. The methodology used is that of Corpus-Based Translation Studies (BAKER, 1993, 1995, 1996, 2000; CAMARGO, 2005, 2007), Corpus Linguistics (BERBER SARDINHA, 2004) and Terminology (BARROS, 2004). For data analysis, we adopted Sociology of Translation theories (SIMEONI, 1998, 2007; GOUANVIC, 1995, 1999), as well as the *habitus* conception, proposed by the sociologist Pierre Bourdieu (1980). We believe that, as pointed by Baker's theories (1996),

* Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (IBILCE/UNESP) São José do Rio Preto SP/Brasil. Professora titular do curso de Letras Tradutor e Intérprete da União das Faculdades dos Grandes Lagos – (UNILAGO) São José do Rio Preto SP/Brasil. talitasrp82@gmail.com.

* Professora Convidada do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista - (IBILCE/UNESP) São José do Rio Preto SP/Brasil. divaccamargo@gmail.com.

explicitation is a translator's tendency or procedure, which explains, in the translated text, parts of the original text that have been left implicit by the author. Results show that this action may be found in Ribeiro's translated texts, indicating the difficulty of conceptualizing the Brazilian universe in English.

Keywords: Corpus-Based Translation Studies. Corpus Linguistic. Explicitation. Darcy Ribeiro. Anthropology. Terminological Brazilianisms.

Introdução

As chamadas Ciências Sociais tiveram seu início com as primeiras tentativas de análise da organização dos seres humanos em sociedade. Por volta do século XIX, a preocupação com ordenar de modo coerente todos os questionamentos e ideias sobre os temas sociais possibilitou o reconhecimento de uma proposta teórico-metodológica autônoma, a qual se tornou mais clara após a publicação de trabalhos como os de Auguste Comte (1852), Émile Durkheim (1893), Karl Marx (1841; 1843) e Max Weber (1895; 1904). As Ciências Sociais, então, expandiram-se e ramificaram-se em várias subáreas como a Antropologia, a Ciência Política, a Economia e a Sociologia, entre outras.

No que diz respeito à compreensão dos construtos culturais de formação da humanidade, a Antropologia destacou-se como importante vertente, a qual se dedica a explorar teorias sobre a origem e a diferenciação entre homens e sociedades.

No início do século XX, surge, então, o interesse de um novo grupo de pesquisadores, formado por autores como Radcliffe-Brown (1930; 1952) e Lévi-Strauss (1949), respectivamente de linha inglesa e francesa, por identificar as funções e as estruturas capazes de proporcionar o conhecimento de costumes e representações sociais de tribos nativas. A compreensão de tradições, mitos e cultos permitiu a esses pesquisadores descobrir a dinâmica de certas construções culturais, as quais, uma vez institucionalizadas, regulavam e davam sentido a práticas sociais complexas (MICELI, et.al., 1989).

Dessa forma, no intuito de delimitar as linhas estruturais das culturas e sociedades da América Latina, assim como de difundir as proposições teóricas dos maiores antropólogos europeus nos países em desenvolvimento, os governos e instituições de pesquisa das antigas metrópoles coloniais promoveram a elaboração de um trabalho científico interacional nas nações ameríndias. Com isso, tornou-se iminente um intenso processo tradutório com o objetivo de adequar os textos originais (TOs) às novas necessidades contextuais de

investigação, alterando não somente os elementos linguísticos, mas também as relações entre os povos envolvidos e elevando a tradução a um caráter de ato cultural.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa antropológica no Brasil, este se consolidou com a criação do curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) e na Escola de Sociologia e Política (ESP), na década de 1930. Nesta época, as investigações realizadas no país ainda eram baseadas em teorias europeizadas e tinha por principal material os registros etnográficos de estudiosos franceses e ingleses.

Em oposição às perspectivas analíticas pré-concebidas, antropólogos brasileiros, como Darcy Ribeiro, propuseram a elaboração de uma teoria que se concentrasse na construção de uma avaliação das condições típicas do Brasil.

A esse respeito, Darcy Ribeiro (1995) enfatiza que:

[...] nos faltava uma teoria geral, cuja luz nos tornasse explicáveis em seus próprios termos, fundida em nossa experiência histórica. As teorizações oriundas de outros contextos eram todas elas eurocêntricas demais e, por isso mesmo, impotentes para nos fazer inteligíveis. Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum. (RIBEIRO, 1995, p.13).

O autor trabalha uma multiplicidade de personagens brasileiros, o que lhe permite concentrar a análise antropológica nacional em dois focos principais: a questão dos índios e negros e a formação da identidade do povo brasileiro, criando, assim, uma série de seis livros intitulada *Antropologia da Civilização* (doravante AC)¹.

Ribeiro desenvolveu uma teoria que promove novos parâmetros para observação da sociedade enquanto objeto, cria novos termos e recategoriza hipóteses precedentes, adaptando-as à proposta de uma Antropologia Brasileira, feita por pesquisadores brasileiros imersos no contexto social de origem.

Diante de tal abordagem que explora a formação da identidade do povo da maior nação latino-americana, a tradução, na direção português → inglês, dessa nova teorização faz-se necessária, com o objetivo de proporcionar a divulgação dos trabalhos deste autor em nível internacional, elevando a categoria da produção científica de antropólogos brasileiros fora do país.

¹ As publicações compreendem os trabalhos: *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural* (1968); *As Américas e a civilização* (1970); *Os índios e a civilização* (1970); *O dilema da América Latina* (1971); *Os brasileiros* (1972); e *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995).

Dentro desse quadro, o presente trabalho busca observar o comportamento linguístico² de um tradutor, principalmente no que diz respeito ao conceito de *traços* de explicitação apresentado por Baker (1993, 1995, 1996), ao lidar com dificuldades oriundas do processo tradutório de uma obra darcyniana, a qual apresenta como característica marcante o uso de uma terminologia relacionada à formação da Cultura Brasileira. Para tanto, apresentamos os resultados da pesquisa realizada a partir do TO em português *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), e do texto traduzido (TT) para o inglês *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*, por Gregory Rabassa (2000).

Por fim, por meio do reconhecimento de tais *traços*, no que tange aos contextos de expressões e termos antropológicos marcados por valores socioculturais brasileiros presentes nos corpora do TO e do TT da subárea de AC, ou seja, aos *brasileirismos terminológicos*, objetivamos desvendar, com o auxílio da Linguística de Corpus (BERBER-SARDINHA, 2000, 2004), mecanismos de reinterpretação cultural por meio da prática tradutória. Nesse sentido, valemo-nos, também, das teorias postuladas pela Sociologia da Tradução (SIMEONI, 1998, 2007; GOUANVIC, 1995, 1999, 2002, 2005), com o propósito de descobrir se há a ocorrência de um *habitus* tradutório para a tradução intercultural de textos seminais de Darcy Ribeiro, associada à frequente disposição do tradutor de optar por explicitar valores e atribuições socioculturais presentes no léxico de especialidade da AC.

Os Estudos da Tradução Baseados em Corpus e a Linguística de Corpus

Este trabalho baseia-se na abordagem teórico-metodológica de Mona Baker (1993, 1995, 1996, 1999) para os Estudos da Tradução Baseados em Corpus. A proposta da autora, no tocante à investigação de TTs, fundamenta-se nos Estudos Descritivos da Tradução, com base nos trabalhos de Even-Zohar (1978) e, principalmente, de Toury (1978). A autora também se apoia nas investigações de Sinclair (1991), quanto ao aporte teórico da Linguística de Corpus.

Baker (1995) considera a análise de corpus uma rica fonte de material descritivo-comparativo que pode auxiliar na percepção de diferenças entre a linguagem da tradução e a dos textos originalmente escritos em uma dada língua. Apresenta sua concepção de corpus, na qual explicita a preferência pela análise por meio de computador:

² Entende-se por comportamento linguístico as escolhas léxico-semânticas e sintáticas adotadas pelos tradutores na composição de seus textos traduzidos.

[...] corpus é um conjunto de textos naturais (em oposição a exemplos/sentenças), organizados em formato eletrônico, passíveis de serem analisados, preferencialmente, em forma automática ou semi-automática (em vez de manualmente).³ (BAKER, 1995, p.226; traduzido por Camargo, 2007, p.18).

O consenso no uso de corpora para a análise da tradução contribui para o desenvolvimento da disciplina como uma área autônoma. Autores como Tymoczko (1998) corroboram o emprego de corpora para a prática e estudo da tradução. A autora destaca como principais vantagens: a) a integração de abordagens linguísticas e de estudos culturais à tradução; b) a obtenção de resultados teóricos e práticos; c) o potencial de se investigar as particularidades de fenômenos específicos da linguagem; d) a flexibilidade e adaptabilidade dos corpora.

A Linguística de Corpus, portanto, caracteriza-se por seu caráter transdisciplinar e pela possibilidade de análise de grandes quantidades de informações. Fundamenta-se a partir de uma base empirista e considera a linguagem como um sistema probabilístico. Para Berber-Sardinha (2004) “[...] a visão da linguagem como sistema probabilístico pressupõe que, embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 30).

A frequência de ocorrência dos *traços* apresenta certa regularidade, o que permite que seja mapeada de acordo com o contexto de uso. Dessa forma, no âmbito da tradução, é possível delinear, por meio da análise de corpora, quais os *traços* mais recorrentes no processo tradutório de uma língua à outra. Isso significaria dizer que a linguagem é padronizada e não um conjunto de escolhas aleatórias de indivíduos isolados.

Traços de Explicitação

No âmbito dos trabalhos que enfocam o processo tradutório com base em corpora, Baker (1995, 1996, 2007) identifica quatro características que apresentam uso recorrente e que são resultantes da interferência de sistemas linguísticos específicos, os quais se apresentam tipicamente nos TTs, mas não nos TOs (BAKER, 1996, p. 180-184). São eles: a explicitação, a simplificação a normalização e a estabilização. Entre estes, avaliaremos o primeiro:

³ *Corpus mean[s] any collection of running texts (as opposed to examples/sentences), held in electronic form and analysable automatically or semi-automatically (rather than manually).*

Explicitação: tendência geral em explicar e expandir dados do texto original (TO), por meio de uma linguagem mais explícita, mais clara para o leitor do texto traduzido (TT). Manifestações dessa tendência podem ser expressas sintática ou lexicalmente, e podem ser observadas habitualmente, em relação aos TOs, como a maior extensão dos TTs, o emprego exagerado de vocábulos e de conjunções coordenativas explicativas (CAMARGO, 2007, p. 31).

Para a pesquisadora, os *traços* não apresentam fronteiras bem estabelecidas, podendo inter-relacionar-se e sobrepor-se. A simplificação, por exemplo, pode indicar que o tradutor estaria buscando tornar o TT mais simples para o leitor da cultura de chegada; esses traços também poderiam mostrar que o tradutor procurou adequar o TT às estruturas da língua de chegada.

A recorrência com que um tradutor faz uso de uma dada estratégia revela um padrão em sua conduta de tradução. Acreditamos que essa utilização regular de determinadas estratégias permite a formulação de dado *habitus* para o processo tradutório. A seguir, apresentamos os principais conceitos de Terminologia adotados para a realização deste trabalho, assim como as interrelações com os pressupostos da Sociologia da Tradução.

A Terminologia e a Tradução

O tradutor que procura trabalhar com uma área de especialidade inevitavelmente utilizará em seu trabalho termos específicos e a linguagem adequada ao campo escolhido. Adota dicionários e glossários especializados com o objetivo de produzir um texto final adequado aos padrões e à tipologia da área de especialidade. Nesse momento, Tradução e Terminologia se entrecruzam favorecendo a prática tradutória.

A Terminologia fornece o material necessário à Tradução para o acesso rápido aos termos apropriados da área. Cabré (1999) assegura que a Tradução necessita da Terminologia para expressar o conhecimento especializado com adequação. O estudo terminológico é uma atividade que procura compilar e apresentar os termos de um dado campo a fim de que seu uso torne-se parte do comportamento comum aos seus especialistas.

Em nosso trabalho, consideramos, ainda, que, de acordo com Barros (2004), “termos” caracterizam-se por designarem conceitos específicos de um domínio de especialidade. Baker (1992) considera “expressões fixas” como expressões consagradas de um determinado campo

de análise, permitindo pouca ou nenhuma variação. No caso das “expressões semifixas”, Camargo (2005) aponta que estas apresentam maiores variações e carregam consigo todo um contexto, podendo ser consideradas específicas de determinada língua de especialidade. Assim, a Terminologia tem um papel importante, dado que fornece a base teórica para a identificação de termos das Ciências Sociais que nos propusemos a analisar.

A tradução antropológica no Brasil

Em sua obra *Curso básico de terminologia* (2004), Barros afirma que cada povo recorta a realidade objetiva de maneira distinta e que os conceitos que representam a sociedade são designados por unidades lexicais que, consideradas como signos de domínios específicos da atividade da comunidade sociocultural, podem ser afirmadas como unidades terminológicas.

Os conceitos em Antropologia, Sociologia, Ciência Política etc. possuem determinados aspectos condicionantes que os diferem das demais áreas de especialidade. De acordo com Pathak (1998), o campo concernente às Ciências Sociais, de modo geral, apresenta diversos termos que podem designar um mesmo conceito, como, por exemplo, o termo simples “nacionalização” e a expressão “área sob domínio governamental”. Podemos também salientar que um mesmo termo pode designar diferentes conceitos, no caso de “socialização” que se aplica às subáreas de Antropologia, Economia e Sociologia em diferentes contextos. Outros fatores observados são que os cientistas sociais associam conceitos distintos a um único termo; os conceitos são geralmente expressos por palavras de uso cotidiano, e, em Ciências Sociais, os termos não são formulados em linguagem simbólica.

No caso das pesquisas realizadas no Brasil podemos considerar esses fatores como *brasileirismos*, os quais, de acordo com Coelho (2003) podem ser considerados como índices linguísticos da identidade do povo brasileiro. Para Faulstich (2004), algumas destas entidades linguístico-culturais assumem um quadro conceitual que é mais de natureza terminológica do que da linguagem comum, compondo os chamados *brasileirismos terminológicos*. Admite-se, com isso, que estas unidades lexicais constituem um caráter funcional em contextos científicos específicos. A teórica define os *brasileirismos terminológicos* como “palavras, locuções e outra estrutura sintagmática criada e formada no Brasil, que tenha significado

autônomo e esteja encerrada num conceito de especialidade, que possibilite reconhecer a área a que pertence” (FAULSTICH, 2004, p.1)⁴.

Segundo Heim & Tymowski (2000), o processo tradutório de tal repertório terminológico precisa seguir algumas diretrizes metodológicas, visto que os textos das áreas antropológica, sociológica etc. são distintos dos demais textos científicos por não poderem ser generalizados e estarem submetidos a contextos sociais, políticos e culturais distintos, de acordo com o país e as tradições e costumes que o constituem. Os autores afirmam que:

Um termo-chave que ocorre mais de uma vez pode ser traduzido pela mesma palavra sempre, mas o tradutor precisa primeiramente determinar se o significado é de fato o mesmo. Se não for, o tradutor deve escolher outra palavra, mas a decisão precisa ser consciente. Para estabelecer consistência à tradução, o editor pode sugerir que os tradutores elaborem um glossário de termos-chave quando trabalham com um texto específico⁵ (HEIM & TYMOWSKI, 2006, p.10).

Os cientistas sociais, ao introduzirem novos conceitos, geralmente atuam para que as palavras ou expressões empregadas sejam aceitas pela comunidade científica e se universalizem dentro desse público, passando a constituir termos. É importante para o tradutor que se depare com um texto científico a ser traduzido estar familiarizado com esse tipo de redação e também com os termos mais adequados a cada subárea das Ciências Sociais.

Uma possível relação de interdisciplinaridade entre pressupostos do *habitus* e os Estudos da Tradução

Entre as décadas de 1970 e 1980, o sociólogo francês Pierre Bourdieu lançou mão do conceito de *habitus*, o qual, adequado à proposta concernente à Tradução, permite compreender que a linguagem assume uma posição dentro da relação de trocas e que o léxico constitui-se como bem simbólico com valores adequados à comunicação de cada grupo social.

De acordo com Bourdieu (1972, 1980), entende-se por *habitus* um conhecimento adquirido em sociedade que permite a regulação das práticas sociais. Esta consciência integra o conjunto das disposições que constituem a competência para que os agentes (tradutores)

⁴ Palestra apresentada na Jornada sobre “Variacion Geolectal i Terminologia”, Red Panlatina de Terminologia Realiter. Disponível em: <http://realiter.net/spip.php?article209>. Acesso em: 20 fev.2012.

⁵ [...] a key term that occurs more than once should be translated by the same word each time, but the translator must first determine whether the meaning is in fact the same. If it is not, the translator may choose another word, but the decision must be a conscious one. To foster consistency, the editor can suggest that translators create a personal glossary of key terms as they work through a text.

tenham acesso a estratégias adequadas e possam obter maiores possibilidades de lucro (sucesso). O *habitus* é constituído, na realidade, por todas as medidas, padrões de ação ou percepção que os indivíduos adquirem por meio de sua experiência social. Ao socializarem-se, os homens incorporam maneiras de pensar, sentir e agir, que são sustentadas pelo coletivo. Bourdieu (1972, 1980, 1982, 1984) considera que estas disposições são a fonte de práticas futuras dos indivíduos.

No entanto, o *habitus* é mais do que apenas o condicionamento que leva a reproduzir mecanicamente o que foi conquistado. Não se trata de um hábito que realizamos automaticamente. As disposições do *habitus* são os padrões de percepção e ação que possibilitam ao indivíduo produzir um conjunto de práticas adaptadas ao novo mundo social onde ele está localizado, bem como gerar um número infinito de novas práticas.

Notamos que a ação tradutória pode ocorrer, portanto, no interior dos campos em que é gerada pelos TOs, primeiramente, havendo uma atividade constante de adaptação, negociação e reinserção dos dados linguísticos e extralinguísticos em um ciclo de cooperação e desenvolvimento. Os tradutores são agentes envolvidos nestes procedimentos, de modo a operarem e transformarem o processo tradutório por meio do trabalho de seus *habitus*.

O produto de uma tradução constitui uma vasta área de análise da interação social, o que nos permite ampliar nosso ponto de vista sobre características e valores das sociedades de partida e de chegada. Podemos identificar, por meio de um olhar sociológico, alguns condicionantes sociais que delimitam o *habitus* tradutório contido no léxico terminológico, assim como reconhecer as estratégias de exposição de dados culturais em outras sociedades.

Neste âmbito, por meio da análise de corpus, é possível verificar as recorrências lexicais e terminológicas como tendências à obediência das condutas tradutórias ou à assimilação de um *habitus* recorrente que acaba sendo reconhecido pela observação do produto, ou seja, o TT. A proposta de *traços* tradutórios corrobora, por conseguinte, a visão sociológica de que os tradutores assumem uma dada postura e que se adequam a comportamentos semelhantes.

Material e Método

Para esta investigação, foram compilados os seguintes corpora: 1) um corpus de estudo paralelo constituído pela obra: *O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil*, de autoria de Darcy Ribeiro, publicada originalmente em português no ano de 1995 (total de itens: 115.474), e a respectiva tradução para o inglês, realizada por Gregory Rabassa sob o

título *The Brazilian People: formation and meanins of Brazil*, publicada em 2000 (total de itens: 139.858).

Para o levantamento dos dados, foram utilizadas as ferramentas *WordList* e *Concord*, do software *WordSmith Tools*, as quais facilitam a compilação dos termos e de seus cotextos⁶.

Levantamento dos *traços* de Explicitação

Para a identificação dos *traços* de explicitação no TT em relação ao TO do corpus de estudo, comparamos os dados das listas de frequência de palavras e as estatísticas simples fornecida pelas ferramentas *WordList* para o subcorpus do TO em relação aos dados das listas extraídas para o subcorpus do TT. A partir dos dados referentes ao número de vocábulos (*types*), bem como da razão forma/item (*type/token ratio*) e, sobretudo, da razão padronizada (*standardised type/token ratio*), observamos se os valores obtidos no TT seriam maiores ou menores que no TO. No caso de ocorrerem valores maiores de itens (palavras) para o TT, a interpretação dos resultados mostraria haver um maior uso de palavras e, em decorrência, confirmaria o princípio de explicitação.

A seguir, procedemos ao alinhamento do TO e do TT para que ficassem com o mesmo número de parágrafos correspondentes. Ao alinharmos as sentenças, procuramos facilitar a análise dos fragmentos contendo *traços* de explicitação, tais como mudanças sintáticas e lexicais no TT.

Análise e Discussão dos Resultados

A investigação dos termos simples na obra *O povo brasileiro* foi realizada com a seleção dos vocábulos mais representativos de base substantival e adjetival. Para a análise de *traços* de explicitação no contexto de termos culturalmente marcados, apresentamos, abaixo, as Tabelas 1 e 2, com as palavras de maior frequência no TO e no TT do corpus de estudo:

1. Índios (448)	4. Social (174)	7. Gente (152)	10. Povo (144)
2. População (286)	5. Sociedade (167)	8. Produção (145)	
3. Trabalho (207)	6. Negros (164)	9. Terras (145)	

Tabela 1: Lista das dez palavras mais frequentes no subcorpus de estudo da obra *O povo brasileiro*

⁶ Cotexto: ambiente imediato estritamente lingüístico que acompanha uma unidade lexical (BERBER SARDINHA, 2000, p. 338).

1. Indians (468)	4. Social (208)	7. Slaves (177)	10. Plantation (133)
2. People (464)	5. Society (187)	8. Blacks (168)	
3. Population (265)	6. Work (178)	9. Cultural (155)	

Tabela 2: Lista das dez palavras mais frequentes no subcorpus de estudo da obra *The brazilian people*

Das palavras presentes na Tabela 1, oito encontraram correspondentes na Tabela 2: “índios” → *indians*; “população” → *population*; “trabalho” → *work*; “social” → *social*; “sociedade” → *society*; “negros” → *Blacks*; “gente” → *people*; e “povo” → *people*. As outras duas palavras que não constaram entre as dez primeiras (“produção” → *production* e “terras” → *lands*) apareceram entre as cem palavras mais frequentes na lista de palavras do subcorpus do TT.

Notamos que, nesta obra, de modo geral, houve um aumento no uso dos vocábulos considerados correspondentes no subcorpus da tradução. Também verificamos que a frequência da palavra *people* em língua inglesa é elevada devido a sua utilização para corresponder a quatro termos em língua portuguesa, a saber: “povo”, “gente”, “gentio” e “pessoas”. Aparece, também, como tradução para o termo “população” em uma proporção menor. Outro aumento no número de ocorrências está no vocábulo em inglês *Indians*, que corresponde ao uso, em português, de dois elementos gramaticais distintos, ora ao adjetivo no plural “indígenas” ora ao substantivo no plural “índios”.

Observamos que a frequência do uso do vocábulo *work* no TT correspondente ao termo “trabalho” é menor devido à possibilidade de traduzir o mesmo termo pela opção em língua inglesa *labor* (frequência: 98). Dessa forma, se somarmos a frequência de ambas as possíveis traduções, teremos 276, mostrando maior ênfase nos processos e ferramentas de trabalho no TT.

O termo *plantation*, que aparece na lista de dez palavras mais frequentes em língua inglesa, aplica-se à tradução dos termos “fazenda”, “plantação” e também “terra”, que aparecem no TO. Com isso, os dados apontam para a comprovação do traço de explicitação. No tocante à variação vocabular na tradução, utilizamos a função *Estatísticas* nos subcorpora de estudo. Apresentamos a Tabela 3 com os dados da obra *O povo brasileiro*:

TO		TT	
Itens	115.474	Itens	139.858
Formas	45.478	Formas	40.990
Razão forma/item	13,57	Razão forma/item	8,44
Razão forma/item padronizada	51,22	Razão forma/item padronizada	45,87

Tabela 3: Estatísticas simples a partir do corpus de estudo da obra *O povo brasileiro* e respectiva tradução

Com base na tabela acima, observamos que uma maior variação lexical na tradução é evidenciada pelo maior número de palavras que passam de 115.474 no TO para 139.858 no TT, apontando para um aumento de 24.384 itens. No âmbito dos vocábulos, pelo contrário, houve uma diminuição de 45.478 no TT para 40.990 no TO, contabilizando 4.488 palavras a menos. A razão forma/item também variou de 13,57 para 8,44, sugerindo a não confirmação do princípio da explicitação. Notamos, também, que o tradutor apresenta uma frequência menor de mudança em relação ao texto de Darcy Ribeiro, visto que, no TO, a razão forma/item padronizada foi de 51,22 e no TT a variação foi de 45,87.

Podemos, com isso, observar que o número de palavras no TT e no TO confirma a hipótese da explicitação, a qual pode ser observada em determinados trechos do trabalho de Rabassa. Como estudioso dos elementos culturais presentes no processo tradutório, a reflexão do tradutor sobre o TO de Darcy Ribeiro recai, em âmbito linguístico, na opção por explicar os conceitos contidos em termos simples e expressões fixas e semifixas, de maneira bastante recorrente. Apresentamos, abaixo, alguns exemplos de explicitação, no que concerne à conceituação contida em termos simples e *brasileirismos* no TT de Rabassa:

(TO) O negro transita, assim, da condição de **boçal** – preso ainda à cultura autóctone e só capaz de estabelecer uma comunicação primária com os demais integrantes do novo contorno social - à condição de ladino –[...]

(TT) In that way the black passed from the condition of **boçal (ignorant, uncouth)** — still held in his autochthonous culture and capable only of establishing elementary communication with the others who made up his new social surroundings— to that of ladino (astute, clever) [...]

(TO) Era também legal e até meritório comprar meninos trazidos por **bugreiros** ou regatões, para instruí-los na fé cristã, o que sucede até hoje nos cafundós da Amazônia.

(TT) Legal, too, and even meritorious was the purchase of children brought in by **Indian trackers** or traders to be instructed in the Christian faith, a practice that is still going on today in the backwaters of the Amazon.

(TO) Essas **ilhas-Brasil** operaram como núcleos aglutinadores e aculturadores dos novos contingentes apresados na terra, trazidos da África ou vindos de Portugal e de outras partes, dando uniformidade e continuidade ao processo de gestação étnica, cujo fruto é a unidade sociocultural básica de todos os brasileiros.

(TT) These **islands that make up Brazil** worked as agglutinating and acculturating nuclei for the new contingents captured in the new land, those brought from Africa, or those coming from Portugal and elsewhere, lending uniformity and continuity to the process of ethnic gestation, the fruit of which has been the basic sociocultural unity of all Brazilians.

No âmbito das expressões fixas e semifixas, encontram-se similaridades:

(TO) Sua única eficácia se deve ao mercúrio com que envenenam as águas, os peixes e a **população ribeirinha**.

(TT) Their only method is based on mercury, which as noted poisons the water, the fish, and the **population along the riverbanks**.

(TO) Enquanto povo das Américas contrasta com os **povos testemunhos**, como o México e o altiplano andino, com seus povos oriundos de altas civilizações que vivem o drama de sua dualidade cultural e o desafio de sua fusão numa nova civilização.

(TT) As a people of the Americas they stand in contrast to those **peoples who have watched the intrusions without losing their former cultural integrity altogether**, like Mexicans and those of the Andean highlands, whose peoples came from high civilizations and have lived the drama of cultural duality and the challenge of fusion into a new civilization.

Observamos que Rabassa utiliza-se de *traços* de explicitação, principalmente em trechos da obra em que a terminologia antropológica e *brasileirismos* são usados por Darcy Ribeiro no TO. O tradutor apresenta uma tendência para explicitar termos simples principalmente por meio de:

- 1) apostos, como em: “boçal” → *boçal (ignorant, uncouth)*;

- 2) adjetivações de termos consagrados das Ciências Sociais, como em: “bugreiro” → *Indian tracker*;
- 3) pronomes relativos em orações restritivas, como: “ilhas-Brasil” → *islands that make up Brazil*;
- 4) preposições que, junto a substantivos, designam adjunto restritivo de conteúdo ou acessórios, por exemplo: “jangadeiro” → *raftman with their jangada craft*;
- 5) preposições que, junto a substantivos, designam posse, finalidade, destino, origem, uso, composição, conteúdo e propósito, como em: “sertanista” → *man of sertão superior*; e
- 6) associação entre sentidos, com o uso da partícula *or* como elemento que indica semelhança, como: “mucamas” → *personal slave girls or mucamas*.

Notamos que o número de ocorrências de explicitação no TT de Rabassa é muito grande, assim como verificamos que as estruturas linguísticas escolhidas pelo tradutor para elucidar elementos da Cultura Brasileira são bastante complexas e diversificadas.

No que diz respeito às expressões, observamos que a necessidade de explicitar ocorre com menor frequência, acontecendo, principalmente, nos contextos de uso de *brasileirismos*. Nesse caso, Rabassa trabalha, na sua maioria, com:

- 1) orações explicativas reduzidas de participio, como em: “povos avassalados” → *people held in vassalage*;
- 2) pronomes relativos em orações restritivas, como: “povos testemunhos” → *peoples who have watched the intrusions without losing their former cultural integrity altogether*; e
- 3) preposições que, junto a substantivos, designam posse, finalidade, destino, origem, uso, composição, conteúdo e propósito, como em: “sertanejo arcaico” → *traditional man of the sertão*.

Verificamos, ainda, que o tradutor faz uso do que acreditamos ser uma explicitação conceitual por meio do uso de diferentes vocábulos na Língua Meta (LM), os quais tendem a formular as concepções darcynianas em etapas ao longo da produção textual da Tradução. Abaixo, apresentamos alguns exemplos deste comportamento tradutório:

CHIMARRÃO

(TO) A roda de **chimarrão** se faz como sempre e (TT) The **maté-drinking** circle is always a part of it é o círculo de convívio social do gaúcho, and is the circle of the gaúcho's social

frequentado às vezes pelo patrão para ali controlar a execução de suas ordens e distribuir novos encargos.

(TO) As regalias destes diminuem e, com elas, a ração da carne para o churrasco e de mate para o **chimarrão**.

(TO) A influência gaúcha em toda essa imensa área é visível no uso do **chimarrão**, no gosto pelo churrasco de costelas e no linguajar entreverado da fronteira.

companionship, sometimes joined by the boss to see that his orders are carried out and to assign new duties.

(TT) The benefits for the latter lessened along with his ration of meat for barbecues and mate for his **gourd**.

(TT) The gaúcho influence is visible in the whole area with the use of **mate**, the taste for barbecued ribs, and the particular regional accent of the border country with its overlay of Guarani words.

TRONCO TUPI

(TO) Para tanto aqui se somam à língua falada pelos neobrasileiros, o *nheengatu*, que era uma variante do **tronco tupi**; a fórmula ecológica específica de sobrevivência nos trópicos, com base na agricultura deles, que era também tupi;

(TO) Apesar da unidade lingüística e cultural que permite classificá-los numa só macroetnia, oposta globalmente aos outros povos designados pelos portugueses como *tapuias* (ou inimigos), os índios do **tronco tupi** não puderam jamais unificar-se numa organização política que lhes permitisse atuar conjugadamente.

(TO) Os grupos indígenas encontrados no litoral pelo português eram principalmente tribos de **tronco tupi** que, havendo se instalado uns séculos antes, ainda estavam desalojando antigos ocupantes oriundos de outras matrizes culturais.

(TT) Notable in this regard were the language spoken by the neo-Brazilians, *nheengatu*, which was an offshoot of the **Tupi trunk**; the specific ecological formula for survival in the tropics, based on their agriculture, which was also Tupi;

(TT) In spite of the linguistic and cultural unity that allows these groups to be classified as a single macroethnicity in opposition overall to the other peoples designated by the Portuguese as *Tapuias* (or enemies), the Indians of the **Tupi branch** were never able to unite in any political organization that would have permitted them to act in consort.

(TT) The indigenous groups found along the coast by the Portuguese were mainly tribes of **Tupi origin** who, having settled there centuries before, were still dislodging earlier occupants of other cultural matrices.

Vimos que, para Bourdieu (1972, 1980), o *habitus* é um conhecimento adquirido em sociedade e que permite a regulação de normas sociais. Constitui-se, principalmente, pelos padrões de ações que os indivíduos adquirem por meio de sua experiência social.

No caso da prática tradutória, tais padrões podem ser representados pelos *traços* apontados por Baker (1993, 1995, 1996, 1999), entre os quais escolhemos para análise a explicitação.

Nesse sentido, averiguamos a percepção de Rabassa diante da possibilidade que o TO darcyniano apresenta para a adequação da terminologia a um novo mundo social onde os tradutores estão inseridos, o que favorece, ainda, a geração de inúmeras novas práticas, por parte de outros tradutores e mesmo de novos cientistas sociais.

No plano do linguístico, Bourdieu (1982) aponta a capacidade humana de reconhecer as possibilidades oferecidas pela língua e de avaliar as várias ocasiões em que podem ser utilizadas.

Por meio da investigação dos *traços* de explicitação, por conseguinte, notamos claramente como as escolhas lexicais e sintáticas compõem um *habitus* tradutório e como o comportamento do tradutor obedece a certas regulações sociais, visto que recorre aos mesmos *traços*. Notamos que os valores diferentes no TO e no TT permitem que as condições sociais que normatizam a produção da teoria por Darcy Ribeiro no Brasil influenciem diretamente nas condições de produção do TT e no valor dos conceitos utilizados pelo tradutor. Poderíamos dizer que, dessa maneira, a independência do TT estaria intimamente vinculada à apreensão dos *habitus* anteriormente mencionados, o que levaria à formulação de um comportamento próprio no âmbito das trocas linguístico-sociais das traduções.

Com base nas análises, também pudemos observar como o *habitus* antropológico contido no léxico pode influenciar na formação e na leitura dos tradutores de maneiras diferentes e conduzir a produções terminológicas variadas. Com isso, o processo tradutório atua efetivamente na constituição da AC em LM, rompendo os limites geográficos das ideias e teorias de Darcy Ribeiro e permitindo aos antropólogos estrangeiros conhecerem os valores sociais da visão dos brasileiros pelos brasileiros.

Ao trabalharmos com a tradução da obra *O povo brasileiro*, compreendemos que os valores e os conhecimentos culturais apresentados por Darcy Ribeiro são entendidos, por Rabassa, como uma nova posição do *habitus* antropológico, a qual engloba o *brasilianismo* na concepção dos conceitos e das teorias da área da AC. Em decorrência dessa inserção de novas práticas antropológicas, como a identificação do autor com seu objeto de análise, o povo brasileiro, o tradutor depara-se com muitos *brasileirismos*. Verificamos, assim, que a alteração que se realizou na forma de traduzir textos de Antropologia permitiu um maior número de empréstimos e também a recorrência ao *traço* da explicitação com o objetivo de expor concepções relacionadas ao contexto social brasileiro.

Notamos que o tradutor apreende os comportamentos do antropólogo Darcy Ribeiro por meio de suas escolhas no âmbito da linguagem de especialidade, e permite que as condutas terminológicas variáveis do autor repercutam na formação do *habitus* tradutório, o qual, em um ciclo de desenvolvimento constante, irá gerar novas terminologias e variações no TT, que irão, por sua vez, agir ativamente na compreensão teórica por parte do público alvo. Conseguimos, pois, observar como o processo e o produto tradutórios repercutem na

constituição da linguagem da AC e como a variação nas escolhas do léxico pode também alterar os conceitos e promover novas interpretações.

Considerações Finais

Ao considerarmos a abordagem interdisciplinar proposta pelos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (Baker, 1995, 1996; Camargo, 2005, 2007), foi-nos possível comparar, de modo empirista, os dados estatísticos do TO e do TT e verificar quais *traços* de explicitação estavam presentes na tradução produzida por Rabassa.

As características salientadas neste trabalho não correspondem a generalizações dos processos utilizados pelo tradutor. Confirmam-se algumas evidências em relação aos *traços* propostos por Baker, embora não possamos afirmar que esta seja uma constante de textos de Ciências Sociais, visto que nosso corpus é de porte pequeno-médio. Acreditamos que as evidências encontradas servirão para futuros contrastes em trabalhos dessa natureza.

Notamos que Rabassa costuma trabalhar com estruturas sintáticas e lexicais no TT bastante próximas do respectivo TO. As análises revelaram algumas alterações em relação à escolha lexical, o que poderia apontar para a explicitação, principalmente na obra *The Brazilian People*.

De maneira geral, a tradução dos termos simples ocorrentes nos textos de Darcy Ribeiro, assim como seus contextos de uso, apresentou *traços* de explicitação, sendo que a única alteração mais visível foi a inserção de possíveis termos em inglês que seriam explicativos em relação aos termos em língua portuguesa, assim como o uso de alguns empréstimos para o uso de empréstimos em língua portuguesa.

Ao analisarmos estes elementos, notamos que a Tradução constitui-se como ato social, perpassando fatores linguísticos e atribuindo às palavras, e mais precisamente aos termos, valores a serem negociados entre as comunidades de partida e de chegada.

Por fim, partindo da terminologização das ideologias sociais da AC, por meio da qual Darcy Ribeiro propunha a constituição de uma investigação cultural nacionalista por pesquisadores formados no país, observamos como seria possível formular um *habitus* para a Antropologia Brasileira. Assim, após depreendermos os constituintes dessa conduta do autor para sua subárea de especialidade, com base nas teorias propostas por Bourdieu (1980), Simeoni (1998, 2007) e Gouanvic (2005), notamos quais os fatores observados pelo tradutor para compor seu próprio comportamento e, conseqüentemente, o *habitus* tradutório.

Acreditamos que os resultados obtidos mostram que a articulação das diferentes áreas que compõem o estudo produziu um trabalho que poderá fornecer subsídios a futuras pesquisas voltadas, também, para a formação do tradutor. Tais pesquisas, por sua vez, possibilitarão uma reflexão teórica sobre os Estudos da Tradução e uma abordagem empírica envolvendo os Estudos da Tradução Baseados em Corpus.

Referências

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. London and New York: Routledge, 1992.

_____. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Org.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins. 1993, p. 233-250.

_____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7. n2. 1995, p. 223-243.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, Herald. (Ed). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering: in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins. 1996, p. 177-186.

_____. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, M. A. P. (Org). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucena. 1999, p. 15-34.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz, 1972.

_____. *Le sens pratique*. Paris: Éd. de Minuit, 1980.

_____. *Questions de sociologie*. Paris : Éd. de Minuit, 1980.

_____. *Ce que parler veut dire*. L'économie des échanges linguistiques. Paris : Fayard, 1982.

CABRÉ, M.T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.

CAMARGO, D. C. de. *Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 512 f. Tese (Livre-Docência em Tradução) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Unesp, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

_____. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Alameda Acadêmica/São José do Rio Preto: Laboratório Editorial. (Coleção Brochuras,v.1) 2007.

COELHO, O. Léxico, Ideologia e a Historiografia Linguística do Século das Identities. *Revista Letras*, n.61, p.153-166, Editora UFPR. Curitiba, 2003.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polisystem. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, R. (Ed.). *Literature and translation*. Leuven, 1978, p. 83-100, [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000, p.198-211]

FAULSTICH, E. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 24, n.3, p.281-288, 1995.

_____. Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*. São Paulo,v.7, p. 11-40, 2001.

_____. Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia. In: RAMOS,G.G.; LAGOS, M.F.P. (Coord.) *Panorama actual de La terminologia*. Granada: Interlúngua, Editorial Comares, 2002, p. 65-91.

_____. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FAULSTICH,E.; ABREU,S.P. de (Orgs.) *Linguística aplicada à Terminologia e à Lexicologia: cooperação internacional Brasil e Canadá*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003, p. 11-31.

_____. *Duas questões em discussão: o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos?* In: Jornada sobre “Variacion Geolectal i Terminologia” Red Panlatina de Terminologia Realiter/IULAterm/Institut Universitari de Linguística Aplicada. Barcelona, Espanha, 24 de novembro de 2004.

GOUANVIC, J. Pour une sociologie de la traduction: le cas de la littérature américaine traduite en France après la Seconde Guerre mondiale (1945-1960). In : SNELL-HORNBY, M.; JETTAROVÁ, Z.; KAINDL, K. (Eds). *Translation as Intercultural Communication : selected papers from the EST Congress Prague*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 33-44.

_____. *Sociologie de la traduction: la science-fiction américaine dans l’espace culturel français des années 1950*. Arras : Artois Presses Université, 1999.

_____. The Stakes of Translation in Literary Fields. *Across Languages and Cultures*, 3 (2), 2002, p. 159-168.

_____. A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances: Field, ‘Habitus’, Capital and ‘Illusio’. 11 (2), 2005, p. 147-166.

HEIM, M. H.; TYMOWSKI, A. *Guidelines for the Translation of Social Science Texts*. Nova Iorque: American Council of Learned Societies, 2006.

PATHAK, L.P. *Sociological Concepts and Terminology*. New Delhi: Anmol Publications PVT.Ltda., 1998.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*, Translated by Gregory Rabassa. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

SIMEONI, D. The Pivotal Status of the Translator's Habitus. *Target* 10 (1), 1998, p. 1-39.

_____. Translation and Society: The Emergence of a Conceptual Relationship. In: ST-PIERRE, P.; KAR, P.C. *In Translation: Reflections, Refractions, Transformations*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2007, p. 13-27.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance and collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J; VAN DEN BROECK, R. (Eds.). *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978. p. 83-100 [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000, p. 198-211].

TYMOCZKO, M. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. *Meta*, Montreal, v.43, n.4, p. 652-659, 1998.

PLURILINGUISMO, MULTILINGUISMO E BILINGUISMO: REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE LINGUÍSTICA MOÇAMBICANA

Leonarda Jacinto José Maria Menezes¹

Resumo: Moçambique é um país plurilíngue e pluricultural. Esta situação linguística e cultural decorre de fatores históricos e sociais. No país coexistem várias línguas étnicas de origem bantu com a Língua Portuguesa, além de línguas transplantadas por imigrantes que se instalaram no país, diversidade linguística que faz de Moçambique uma sociedade plurilíngue e pluricultural, resultado de convivências com várias etnias, várias línguas e várias culturas. A situação de plurilinguismo no país remete-nos para a relação língua e sociedade, questão objeto de estudos da Sociolinguística, ciência que se preocupa em explicar a variabilidade linguística e sua relação com diversos fatores linguísticos e sociais, buscando também relacionar variação e mudança linguística. As variações em língua portuguesa em Moçambique incluem aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e retóricos.

Palavras-chave: Línguas Bantu. Moçambique. Plurilinguismo. Variação Linguística.

Abstract: Mozambique is a multilingual and multicultural country. This linguistic and cultural situation comes from historical and social factors. Coexist in the country several ethnic languages of Bantu origin with the Portuguese language, and languages transplanted by immigrants who settled in the country, linguistic diversity that makes Mozambique a linguistic environment and multicultural society, the result of cohabitation with multiple ethnicities, many languages and many cultures. The situation of multilingualism in the country send us the link to language and society, subject matter of Sociolinguistics studies, science that is concerned with explaining the linguistic variation and its relationship with various linguistic and social factors, also seeking to relate variation and language change. Variations in the Portuguese language in Mozambique include aspects of phonetics, phonology, morphology, syntactics, semantics, pragmatics and rhetorics.

Keywords: Bantu Languages. Mozambique. Multilingualism. Linguistic Variation.

Na África, independentemente da dimensão geográfica e da densidade demográfica, todos os países são plurilíngues e multiculturais, situação linguística e cultural que decorre de

¹ Leonarda Jacinto José Maria Menezes, Avenida Vladimir Lenine, nº 565, 41, Maputo – Moçambique. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia - Brasil, docente da Universidade Eduardo Mondlane. O artigo se insere na Área de Descrição e Análise Linguística, Linha de Pesquisa – Aquisição e Ensino de Português e na subárea do Ensino Bilingue.
Leonarda_menezes@yahoo.com.br

fatores históricos e sociais particulares a cada país. A situação linguística de Moçambique não foge a esse cenário. Assim, em seu território coexistem várias línguas étnicas com a Língua Portuguesa, além de línguas transplantadas por imigrantes que se instalaram no país, diversidade linguística que faz de Moçambique uma sociedade plurilíngue e pluricultural, resultado de convivências com várias etnias, várias línguas e várias culturas. Este cenário de plurilinguismo remete-nos para estudos sobre o bilinguismo e educação bilíngue. Fatores históricos, sociais e culturais também devem ser atentados para que os estudos linguísticos realizados no país sejam representativos da realidade local, dado que esses fatores concorrem para a representação da identidade do indivíduo moçambicano, na sociedade, na comunidade, independentemente da sua língua, sua cultura e sua etnia. No entanto, esta situação de plurilinguismo em Moçambique faz com que se verifique a possibilidade de opção por códigos distintos por parte da população, o que significa que o uso do português acarreta uma escolha significativa, reforçando a posição político-ideológica do indivíduo.

As línguas africanas concorrem num mesmo território com as línguas anglófonas ou lusófonas, línguas do ex-colonizador, como é o caso de Moçambique, Angola, Tanzânia, África do Sul, Zâmbia, e outros, dando lugar a situações de plurilinguismo ou multilinguismo. Assim, é importante tecermos considerações teóricas acerca do plurilinguismo, fenômeno linguístico que é observado em Moçambique e em vários outros países africanos.

De acordo com o Quadro Comum Europeu, o conceito de plurilinguismo está ligado ao ensino de línguas estrangeiras. Este conceito difere do multilinguismo, na medida em que este se refere basicamente à oferta de diferentes línguas estrangeiras para a aprendizagem e ao processo de motivação dos alunos para a aprendizagem de diferentes línguas, enquanto que o plurilinguismo não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também à estreita relação entre língua e cultura.

Afirma o Documento:

A competência plurilíngue e pluricultural refere-se à habilidade de usar línguas para propósitos de comunicação e tomar parte em interação intercultural, onde uma pessoa vista como um agente social tem proficiência, de níveis variados, em diversas línguas e experiência de diversas culturas (CONSELHO da EUROPA, 2001, p. 168).

Sobre o assunto, Gonçalves e Andrade (2007, p. 64), argumentam que desenvolver a competência plurilíngue é valorizar a construção da identidade através do contato com outras línguas e culturas pela promoção de uma educação para a cidadania de abertura e respeito pela

diferença. Para estas autoras, o contato com outras vivências e outros modos de ser e estar na vida promove o enriquecimento humano e fomenta uma maior abertura de espírito, condições fundamentais para a construção de uma competência plurilíngue e intercultural que conduza à compreensão e aceitação de outras maneiras de pensar, de encarar a realidade e de agir. Deste modo, e tendo em conta o objetivo acima mencionado, as autoras afirmam que as práticas de educação em línguas terão que se reconceitualizar “preocupando-se em fazer do sujeito não um bilíngue perfeito, mas alguém dotado de uma competência que evolua no sentido de uma competência plurilíngue” (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 64).

Assim, a competência plurilíngue designa a capacidade de cada falante ativar capacidades e conhecimentos que possui, ou seja, diz respeito ao repertório linguístico de que o falante dispõe, de forma a ser capaz de comunicar e compreender mensagens numa dada situação de comunicação que se constrói pela presença de mais de uma língua, conforme argumentam as autoras já citadas:

esta competência é relativamente autônoma face aos conteúdos e materiais escolares, já que se estrutura e evolui para além da escola, noutros contextos que são os contextos de vida e de formação dos próprios sujeitos, afirmando-se como uma competência plural, evolutiva e flexível, necessariamente desequilibrada e aberta ao enriquecimento de novas competências em função de novas experiências verbais (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 66).

A competência plurilíngue compõe-se de quatro dimensões: socioafetiva; gestão dos repertórios linguístico-comunicativos; gestão dos repertórios de aprendizagem; e a gestão de interação (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 66).

As autoras, ainda discutindo a competência plurilíngue, destacam estratégias que podem auxiliar os aprendizes a desenvolvê-la:

construir a sua identidade cultural e linguística através da integração nessa construção da experiência diversificada do outro; e a desenvolver a sua capacidade para aprender, através de uma mesma experiência diversificada de relacionamento com várias línguas e culturas (GONÇALVES E ANDRADE, 2007, p. 70).

Assim, a função do professor passa a ser não só ensinar uma língua particular, mas possibilitar a construção e o desenvolvimento da competência plurilíngue, respeitando, valorizando e incluindo outras línguas na sua prática curricular.

Fontão (2011, p. 4) afirma, em relação ao plurilinguismo e apoiando-se no Quadro Europeu Comum de Referências (QECR), que o plurilinguismo decorre direta ou indiretamente das competências de intercompreensão e de comunicação intercultural. Esse conceito se assenta, sobretudo, na necessidade de dar resposta à diversidade linguística e cultural de um país e de comunicar eficazmente numa sociedade que é, cada vez mais, multilíngue e multicultural.

O plurilinguismo, segundo o autor acima citado, admite uma dimensão intercultural que, na prática, se traduz pela interação e/ou mediação sócio comunicativa. Desse modo, a educação em matéria de línguas constitui-se, sobretudo, como um espaço privilegiado de objetivos políticos consignados para a cidadania democrática (FONTÃO, 2011, p. 5).

Essa definição de plurilinguismo acentua o fato de que a experiência pessoal de um indivíduo, no seu contexto cultural, se expande para a sociedade em geral e, depois, para as línguas de outros povos (aprendidas na escola, na universidade) ou por experiência direta. Essas línguas e culturas não ficam armazenadas em compartimentos mentais rigorosamente separados. Ao contrário, constrói-se uma competência comunicativa, para a qual contribuem todo o conhecimento e toda a experiência das línguas, bem como a compreensão de como as línguas em questão se inter-relacionam e interagem (FONTÃO, 2011, p. 5).

A seguir, passamos a apresentar o ponto referente à variação sociolinguística em Moçambique.

A variação sociolinguística em Moçambique

Para melhor entendermos a diversidade linguística de Moçambique, cabe-nos definir o que é bilinguismo e o que é ser bilíngue em países com contextos plurilíngues.

Segundo Câmara Júnior (1974, p. 94), bilinguismo é a capacidade de um indivíduo de usar duas línguas distintas, como se ambas fossem a sua língua materna, optando por uma ou por outra, conforme a situação social em que no momento se ache. Esta definição não se diferencia muito da de Hamers e Blanc (1989, p. 6), segundo a qual o bilinguismo é o controle de duas línguas equivalente ao controle de que o falante nativo dessas línguas é capaz. Para estes autores, o sujeito bilíngue é aquele que funciona em duas línguas em todos os domínios, sem apresentar interferência de uma língua na outra.

No entanto, esta definição de bilinguismo é contestada por Cavalcanti (2007, p. 72), que problematiza a questão de definir “quem é o falante nativo que é tomado como modelo e qual é o seu controle linguístico”. Ela afirma que, no conjunto dos falantes nativos de uma dada língua, sempre se encontra uma variedade imensa de comportamentos linguísticos, a depender da procedência, da faixa etária, do gênero, da ocupação, do nível de escolarização. Entende-se daí que o falante nativo e sua competência sejam uma abstração. Para alguns autores, há a noção de que o sujeito bilíngue seria a somatória perfeita de dois monolíngues igualmente perfeitos - o que quer que isso signifique. Tal situação nos remete à noção de bilinguismo equilibrado, defendido por investigadores como Grosjean (1982, p. 91) e MacSwan (2000, p. 37), que alertam para o fato de que o “bilíngue verdadeiro”, não o idealizado, não exhibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. Sua proficiência depende do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão. A depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala², ele é capaz de usar melhor uma língua do que outra e, até mesmo, de comunicar-se melhor em apenas uma delas em certas práticas comunicativas. Assim, a competência comunicativa de um sujeito bilíngue só pode ser compreendida e avaliada quando se consideram as funções que ambas as línguas de seu repertório verbal têm para ele.

Diferentemente do sujeito monolíngue, cuja carga funcional da linguagem está inteiramente alocada em uma única língua, o bilíngue tem esta mesma carga distribuída em duas e, por isso, avaliar um comportamento exclusivamente em uma delas é avaliá-lo apenas parcialmente. Sabe-se que as competências do sujeito bilíngue não são fixas, estáveis. À medida que as exigências para cada língua mudam, muda a configuração do repertório do bilíngue, modificando, também, o falante.

O funcionamento discursivo do sujeito bilíngue prevê a utilização de mudança de código (*code switching*) e empréstimos linguísticos (*borrowings*) em sua gramática³. Segundo Gumperz (1982, p.75), o *code switching* é um fenômeno linguístico natural que consiste no uso alternado de dois ou mais códigos nas interações conversacionais entre indivíduos bilíngues. O mesmo autor ressalta que a escolha não marcada do código na conversação é feita de maneira suave e quase que instantânea, não havendo, portanto, negociações abertas a respeito da língua a ser utilizada, uma vez que há uma ‘partilha de códigos e princípios de interpretação’ e ‘pressuposições tácitas’ entre os participantes. Assim, mesmo que os falantes

² Questões que envolvem a necessidade ou o desejo de reafirmação de identidade étnica ou social frequentemente afetam o grau de competência exibida pelo bilíngue.

³ Ver a este respeito Baker (1993, p. 102), Romaine (1989, p. 99) e Gumperz (1982, p.75)

sejam livres em relação à sua escolha de código, a interpretação de tal escolha é restrita. Relativamente aos empréstimos linguísticos, sabe-se que estes ocorrem quando uma língua integra uma palavra existente em outra língua, sendo que a palavra não sofre grandes alterações e mantém o mesmo sentido. Algumas dessas palavras emprestadas de outras línguas no português passam por um processo de aportuguesamento que não deixa claro para o emissor que se trata de uma verdadeira influência que outras línguas exercem sobre a mesma. Este processo ajuda na ampliação do léxico, adotando e adaptando um termo de outra língua qualquer em determinado momento histórico. Sabe-se também que os empréstimos fazem parte dos neologismos formais. No Português de Moçambique (PM), o processo de formação de novas unidades lexicais passa por procedimentos normais de criação lexical, quer através da forma, quer através do sentido, embora saibamos que não podemos confundir neologismos com empréstimos e ‘estrangueirismos’, conforme aponta Vilela (1995, p.23). No entanto, para o caso do PM que se encontra em contato permanente com as línguas bantu, os empréstimos estão muitas vezes integrados aos neologismos formais, como podemos ver nos exemplos de Silva (2009, p.113), quando demonstra que foram criados, no poema de Craveirinha⁴, neologismos a partir tanto do léxico português como do *ronga* que foram lexicalizados no PM, como é o caso das palavras “inconstruir” (cidades inconstruídas) no poema “Hino à minha Terra” ou “timbileiros”, tocadores de timbila (a maviosa velha canganhica dos timbileiros/acaba os ócios) no poema “Timbileiro” em (Karingana wa Karingana), de José Craveirinha. Existem ainda no léxico do PM algumas palavras que provêm das línguas bantu ou do inglês, palavras que entraram na língua, mas que mantiveram a sua forma original, ainda que sejam de uso corrente, como é o caso das palavras *Shopping Center, show, compact disc, feedback, workshop, nice, background*, (que provêm do inglês) e *txova-xitaduma, dumba-nengue, tchungamoio, vunar*, etc (que provêm das línguas bantu).

Entretanto, Cavalcanti (2007), ao abordar a questão do *code switching*, afirma que um bom bilíngue transita de uma língua para outra justamente porque, diferentemente do monolíngue, tem competência nas duas línguas. O *code switching* não é falta de competência, mas sinal de competência bilíngue, algo que faz muito sentido quando consideramos que a mudança de código não se dá através de misturas *ad hoc*. Esses procedimentos são, para o bilíngue, recursos comunicativos poderosos dos quais ele lança mão com frequência para,

⁴ José Craveirinha é um escritor e poeta moçambicano que publicou várias obras quando em vida.

pragmáticamente, atribuir sentidos vários aos seus enunciados, para expressar a afetividade⁵, relação de poder, mudança de tópico, identidade social e/ou étnica, dentre outras possibilidades. Não se trata de um *deficit*, mas de um recurso sofisticado com que somente os bilíngues podem contar. Por essa razão, os bilíngues se sentem mais à vontade na companhia de outros bilíngues, pois na interação com monolíngues não podem lançar mão de todas as habilidades comunicativas que têm à sua disposição (CAVALCANTI, 2007, p. 75)⁶.

O estudo do bilinguismo remete-nos para a relação língua e sociedade, questão objeto de estudos da Sociolinguística.

Para Lopes (2001, p. 84), o objeto de estudo da Sociolinguística é a fala viva em seu contexto real, não apenas a língua idealizada, objeto de outros tipos de estudo. Afirma ainda que a Sociolinguística é uma ciência que estuda fatos linguísticos propriamente ditos em contextos sociais específicos, buscando descrever e interpretar as relações que tais fatos mantêm com o contexto social de sua produção. Assim, a Sociolinguística preocupa-se em explicar a variabilidade linguística e sua relação com diversos fatores linguísticos e sociais, buscando também relacionar variação e mudança linguística. Desse modo, a Sociolinguística considera a heterogeneidade como uma situação natural ou normal da língua (LOPES, 2001, p. 84).

Lopes (2001, p. 84) afirma também que a heterogeneidade linguística é vista como ordenada. Sendo parte integrante da economia linguística da comunidade, a heterogeneidade é necessária para satisfazer a demandas linguísticas da vida cotidiana e deve ser entendida como distinta da variação livre. Para a autora, a ocorrência de variantes relaciona-se a traços do ambiente interno e a características externas, do falante e da situação (estilo contextual, *status* e mobilidade social, etnicidade, sexo, idade). Assim, a escolha de variantes identifica o falante, seu grupo social, sua faixa etária, sexo etc. As pressões sociais operam continuamente sobre a linguagem, não apenas em um passado remoto, mas como uma força dinâmica que atua constantemente no presente (LOPES, 2001, p. 85).

Segundo Tarallo (2007, p. 6), a cada situação de fala em que nos inserimos e de qual participamos, notamos que a língua falada é heterogênea e diversificada. É essa situação de heterogeneidade que deve ser estudada através de uma teoria da variação linguística em todas

⁵ Veja-se o caso do bilíngue em Moçambique, que é falante de duas línguas maternas (a do pai e da mãe) e que, para evitar conflitos familiares, fala numa determinada língua materna numa situação de conversação com a avó materna e noutra língua com a avó paterna, para que todas compreendam o discurso.

⁶ Veja-se, a título de exemplo, os estudantes estrangeiros em países monolíngues, que são bilíngues ou falantes de mais de duas línguas, que se veem, por vezes, impotentes em uma situação de comunicação, quando querem expressar-se em suas línguas maternas, para melhor explicarem os seus sentimentos, ou traduzirem expressões com exemplos que só nas suas línguas maternas seriam possíveis e com maior impacto comunicacional.

as sociedades, particularmente as plurilíngues, como Moçambique, em que a maioria da população é, pelo menos, bilíngue. Esta teoria é um modelo teórico-metodológico que, segundo Tarallo (2007, p. 7), assume o ‘caos’ linguístico como objeto de estudo. Este modelo seria meramente social, pois “no meio social as variantes coexistem em seu campo natural de batalha” (TARALLO: 2007, p. 7).

Sabe-se que em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação, denominadas ‘variantes’. Assim, consideram-se como ‘variantes linguísticas’ as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’ (TARALLO, 2007, p. 8). De acordo com a Teoria da Variação, toda e qualquer variante de uma língua é adequada linguisticamente e é inapropriado dizer-se que há variantes piores ou melhores. É nesta sequência de ideias que Silva (2009, p. 18) afirma:

Além de não haver língua melhor ou pior, não há línguas primitivas ou evoluídas – toda língua permite a expressão de qualquer conceito. Caso seja necessário incorpora-se vocabulário novo ampliando-se o léxico da língua em questão. Todas as línguas mudam continuamente (SILVA, 2009, p. 18).

Contudo, não é o que se tem verificado no dia-a-dia em relação à língua, principalmente em contextos plurilíngues. Sabe-se que falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes, a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas e/ou construídas. Trata-se de variantes de prestígio e variantes estigmatizadas e, conseqüentemente, as variantes padrão e as variantes não padrão que, ou são relacionadas com a classe de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes, ou se desviam desses parâmetros (SILVA, 2009, p. 12).

Esta classificação das variantes vale para todos os países em que, juntamente com a língua padrão, coexistem outras línguas, como é o caso de países plurilíngues, à semelhança do português falado em Moçambique que, para uma grande maioria de falantes de algumas regiões deste país, é marcado pelo sotaque/pronúncia das línguas nacionais desses falantes.

As variações em língua portuguesa em Moçambique abrangem dimensões linguísticas, que incluem aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-pragmáticos e retóricos. Apresentamos, em seguida, alguns exemplos dessa variação, que marcam o estado de ‘nativização’ do português em Moçambique. Um fator evidente que dá um aspeto único ao português falado em Moçambique é a variação do sotaque que aparece em todas as línguas

maternas de origem bantu e que, muitas vezes, surge em conexão com uma transferência de propriedades dessas línguas. Entre os traços que mostram este tipo de transferências incluem-se os seguintes:

a) Ensurdecimento das oclusivas sonoras, típicas dos falantes nativos do *emakhuwa*. O sistema fonológico do *emakhuwa* só contém oclusivas surdas e, por isso, não contempla uma distinção fonológica entre oclusivas sonoras e surdas, como o português faz.

Ex. (PE: [bɔla] ‘bola’; PM: [bɔla]; Emakhuwa: [pɔla]

(PE: [buru] ‘burro’ PM) [buru]; Emakhuwa: puru]

b) traços lexicais: surgem através de empréstimos lexicais das línguas maternas no português falado em algumas zonas de Moçambique:

Ex. *Dumba-nengue*, palavra de origem ronga, língua moçambicana, que literalmente significa ‘confie nas suas pernas’, uma expressão usada em referência a um tipo de mercado informal, na zona sul de Moçambique. A palavra é uma combinação de «*ku-dumba*», ‘confiar’ e «*nengue*», ‘pé/perna’. Indica o fato de que os mercados informais são ilegais e, por isso, os vendedores têm que fugir constantemente da polícia, confiando nas suas pernas.

Ex. *Tchova-xitaduma*, que literalmente significa ‘vá empurrando, que vai pegar’, usada em referência a um tipo de carroça que é empurrada por um homem. A palavra é uma combinação de «*ku-tchova*», ‘empurrar’, e «*ku-duma*», ‘o pegar de um motor’.

Ex. *Tchungamoio*, que literalmente significa ‘aperta coração’ isto é, palavra usada no PM para significar mercado informal, mercado repleto de malfeitores, oportunistas e saqueadores de bolsas das senhoras desatentas. Esta palavra é transferida para o PM, em toda a cidade da Beira, zona centro de Moçambique.

Ex. *Mukhero*, que significa ‘contrabando’ – ‘fuga ao fisco na importação e exportação de mercadorias. Trata-se de um mercado informal, realizado nas fronteiras dos países vizinhos de Moçambique. Esta palavra entrou no PM por via da língua *changana*. O termo *mukhero* designa uma prática exercida pelos residentes das vilas fronteiriças e consiste no transporte de mercadorias em pequenas quantidades, tantas vezes quantas as necessárias de e para cada um dos lados da fronteira com a condescendência das autoridades alfandegárias. O indivíduo que pratica o *mukhero* é designado de *mukherista*.

Ex. *Chima*, que significa “pirão de farinha de milho, ou de outro cereal, que geralmente acompanha os pratos de peixe ou carne”. Esta palavra entrou no PM por via das línguas *emakhuwa*, *cisena* e *cinyngwe*, zonas norte e centro de Moçambique.

De um modo geral, em Moçambique, a população é bilíngue no contexto das línguas *bantu* moçambicanas, que são cerca de vinte, cada uma possuindo normalmente certo número de dialetos. Às vezes, existem falantes de duas ou mais línguas dentro do mesmo grupo linguístico. Entretanto, para fins educativos, as comunidades são consideradas e definidas como linguisticamente homogêneas, dado que, de um modo geral, há uma língua que é o principal meio de comunicação local e, no caso de programas de educação bilíngue, é a língua usada como meio de ensino nas primeiras classes. Os contextos urbanos são linguisticamente heterogêneos devido à afluência de falantes de diversas línguas nos mesmos locais.

Estudos de Lopes (2004, p. 27), Firmino (2000, p. 33), Ngunga (1992, p. 7), Gonçalves (1999, p. 36) e Katupha (1988, p. 12), sociolinguistas moçambicanos, e os dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação (2007) feito pelo Instituto Nacional de Estatística, em Moçambique, mostram que, numa população de cinco anos de idade ou mais, os que sabem falar português nas zonas urbanas equivalem a uma percentagem de 72.4% e, nas zonas rurais, de 25.4%, dos quais 15.6% são mulheres. Entretanto, os que têm o português como língua materna equivalem a 17% nas zonas urbanas e representam 2% nas zonas rurais.

Assim, para o contexto educacional, vislumbra-se um cenário deveras preocupante, já que, quando ingressa no ensino primário, a maioria dos alunos não fala o português. Tal situação se afigura ainda mais grave no que tange aos alunos do meio rural, onde o português é praticamente língua estrangeira, ouvida pela primeira vez em contexto de sala de aula, devido à quase inexistência de meios de comunicação que possam difundir esta língua.

Assim, o fato de o português em Moçambique ser para a maioria da população moçambicana língua segunda (L2) e/ou língua estrangeira (LE), e o fato de a maioria da população ser bilíngue fazem com que o setor da educação passe por avaliações regulares dos programas de ensino, particularmente na busca de melhores metodologias de ensino do português, principalmente na educação primária. Outrossim, são regulares a idealização e implementação de estratégias do ensino do português, assim como a procura de melhores atitudes a tomar face às diferentes variantes do português em Moçambique, quando se toma como parâmetro o português-padrão europeu, usado como norma.

Após estas reflexões sobre a situação linguística de Moçambique, cabe dizer que as línguas moçambicanas que se encontram em contato permanente com a língua portuguesa, língua de unidade nacional e língua de comunicação interétnica, falada pela maioria da população como segunda língua e/ou língua estrangeira, criam situações de variação, principalmente a variação do sotaque, que marcam o estado de ‘nativização’ do português em

Moçambique em todas as regiões do país. Essa variação aparece em todas as línguas maternas de origem bantu que surge em conexão com uma transferência de propriedades dessas línguas, independentemente se o falante tem o português como L1, L2 e/ou LE.

Referências

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*. 6ª ed. J. Ozon, Rio de Janeiro: 1974.

CAVALCANTI, Marilda Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (orgs.). *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FIRMINO, Gregório. *Situação Linguística de Moçambique*. Maputo: INE, 2000.

FONTÃO, Manuel Fonseca. “Multiculturalismo e Plurilinguismo”. In *Quiosque das Letras*, 2011, disponível em www.quiosquedasletras.blogspot.com/...multiculturalismoeplurilinguismo acesso em 07. abr. 2012.

GONÇALVES, Maria de Lurdes e ANDRADE, Ana Isabel. “Disponibilidades e auto-implicação: desenvolvimento profissional e plurilinguismo”, in *Educação*, Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3(63), p. 457-477, set/dez, 2007, disponível em www.plurilinguismo.pdf-adobreader acesso em 04. abr. 2012.

GROSJEAN, François. *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HAMERS, Josiane e BLANC, Michel. *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KATUPHA, José Mateus. *O panorama linguístico de Moçambique e a contribuição da linguística na definição de uma Política Linguística Apropriada*. Maputo: Lua Nova, Letras, Artes e ideias, 1988, pp. 33-37.

LOPES, Norma da Silva. *Concordância Nominal, Contexto Linguístico e Sociedade*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2001.

LOPES, José de Sousa Miguel. *Cultura Acústica e Letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural*. São Paulo: EDUC, 2004.

NGUNGA, Armino Saúl Atelela. *Breves notas sobre a situação linguística de Moçambique*. Maputo: *Notícias*, de 28 de fevereiro de 1992.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9.ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1995.

UMA DESCRIÇÃO DAS EXPRESSÕES CRISTALIZADAS E O PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO

Alzira da Penha Costa Davel¹

Resumo: O presente estudo analisa o processo de construção de expressões cristalizadas, com a estrutura Verbo + Nome, observando a extensão do sentido metafórico que contribui para a compreensão do significado de textos, tendo como principal aporte teórico os pressupostos da teoria do Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1984). Para a identificação das estruturas, são aplicados alguns critérios formais de ordem morfossintático-semântica e de transformação, cujo propósito é o de manter o sentido inicial da sentença. Esses critérios facilitam a averiguação do linguista em relação à delimitação de determinados itens quando se depara com aspectos relacionados à composicionalidade e à ambiguidade, além da intuição linguística que pode interferir no julgamento da aceitabilidade. Tais procedimentos de averiguação oferecem maior segurança para formalização e processamento automático das expressões na elaboração de um dicionário eletrônico.

Palavras-chave: expressões cristalizadas; morfossintaxe; semântica; não-composicionalidade; ambiguidade.

Abstract: The present study analyses the construction of crystallized expressions with Verb + Noun structure observing the extension of the metaphoric sense contributing to the understanding of the meaning of texts, based mainly on the Lexic-Grammar Theory (GROSS, 1975, 1984). For the identification of structures, some formal, morphosyntactic-semantic and transformation criteria are applied for the main purpose of maintaining the initial sense of the sentence. Those criteria make the linguist's inquiry about the delimitation of certain items easier, whenever facing aspects of compositionality and ambiguity, besides the linguistic intuition that can interfere on the acceptability scrutiny. Such investigation proceedings provide higher security for automatic formalization and processing of expressions in the elaboration of an electronic dictionary.

Keywords: crystallized expressions; morphosyntax; semantics; non-compositionality; ambiguity.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo apresentar uma descrição de expressões cristalizadas do português do Brasil, para o processamento automático da linguagem natural. Deu-se ênfase ao estudo de expressões, tendo em vista que, de acordo com as divergências acerca das terminologias e a falta de critérios de análise adequados, essas expressões são consideradas

¹ Mestre em Estudos Linguísticos na área de estudos analítico-descritivos da linguagem, pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES.

pelos estudos tradicionais como objetos linguísticos excepcionais, não sendo integradas na gramática da língua, por não serem inseridas nas “regras gerais”.

Nas últimas décadas, mudanças significativas aconteceram no campo computacional, em especial, o estudo das línguas naturais, possibilitando a obtenção de informações a respeito do funcionamento/regularidade da língua em suas diferentes construções. Sendo assim, o objetivo da linguística computacional é construir programas, com a capacidade de interpretar informações fornecidas pela linguagem natural. Para isso, são necessários os conhecimentos referentes à língua para construção de sistemas e técnicas que possam realizar o processamento dos níveis linguísticos de uma língua, como a morfologia, a sintaxe, a semântica e também os discursos (pragmática) que podem trazer significado no uso.

Sabe-se que é comum o falante seguir determinadas convenções da língua que lhe permitem reconhecer se determinadas palavras ou expressões são válidas. É a intuição linguística relacionada à competência comunicativa dos nativos que governam essas regras. No Processamento das Línguas Naturais, essa função compete aos analisadores sintáticos, e, para isso, é preciso que a língua seja especificada por um léxico e por uma gramática.

Para o processamento da linguagem natural, além da língua escrita, a linguística computacional também tem como objeto de estudo a língua falada. Por isso, precisa de uma tecnologia especial para interpretar a fala por meio da manipulação da representação do conhecimento fonético-fonológico.

Com referência às questões do significado, expressas por meio dos sistemas do falante em relação ao ouvinte, é necessário que se recorra a mecanismos que representem o conhecimento de mundo. Além disso, esses mecanismos proporcionam relações entre os vários componentes e segmentos de um texto ou discurso que, do ponto de vista semântico, podem estar envolvidos tanto na construção de um modelo de interpretação de um texto quanto no reconhecimento de um sentido específico, dentro de um contexto, em casos de palavras ambíguas, como, por exemplo: **manga** de camisa ou **manga** como fruta, ou ainda **manga** como coletivo de porcos.

A língua natural tem sempre seu significado relacionado à situação de uso, e a semântica caracterizou-se como uma área de estudo que considera o significado das expressões linguísticas de modo dependente de quem as usa e de como são usadas. No entanto, as questões ligadas ao uso da linguagem estão associadas ao domínio da pragmática, cuja consideração para as análises centra-se no contexto linguístico, na interpretação das expressões linguísticas. O contexto linguístico é mais facilmente tratado pela linguística computacional, uma vez que se refere ao que está explicitado no texto.

A mente humana e a inteligência artificial

O objetivo maior da linguística computacional é promover, cada vez mais, a interação entre o homem e o computador. A Inteligência Artificial tem como finalidade imitar, por intermédio de máquinas eletrônicas, o máximo possível, a atividade mental e, conseqüentemente, talvez, trazer alguma melhoria para a capacidade humana. Segundo Winston (1987), a “Inteligência Artificial é o estudo de conceitos que permitem aos computadores serem inteligentes”. O estudo da robótica, por exemplo, procura atender às exigências da indústria, relacionadas a aparelhos para realizar tarefas “inteligentes”, que até então exigiram a intervenção humana. Há também interesse no desenvolvimento dos sistemas especializados, nas profissões da medicina, do direito, entre outras.

Nesse sentido, surgem, inclusive, questionamentos se o conhecimento e a experiência dos seres humanos seriam substituídos pela “máquina”. É preciso considerar que esse aspecto traria implicações sociais mais abrangentes. A psicologia, e talvez a filosofia, nesse caso, trariam relevantes contribuições, pois, na tentativa de imitar o comportamento humano por meio de um recurso eletrônico, é possível que se aprenda algo sobre o funcionamento do cérebro humano. No entanto, embora a Inteligência Artificial já tenha obtido inúmeros avanços, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas, no que diz respeito à capacidade de o computador interpretar certos comportamentos do cérebro humano. Em outros termos, pense-se a possibilidade de o computador trabalhar à semelhança do cérebro humano e, com isso, ocorra um processo reverso de entendimento, já que o cérebro é uma “engrenagem” complexa.

O Léxico-Gramática

Para a descrição das expressões cristalizadas, toma-se como base a teoria do Léxico-gramática (GROSS, 1975), que é também um método para descrição lexical de uma língua, cuja orientação é a aceitabilidade de frases como fonte básica para o conhecimento linguístico. A análise é feita sob o ponto de vista sintático-semântico, observando as restrições paradigmáticas, por meio das inserções e/ou substituições de elementos, que indicam maior ou menor nível de fixidez.

As abordagens do Léxico-gramática, acima mencionado, são ancoradas na teoria transformacional de Harris (1970) que, muitas vezes pode relacionar-se com a Gramática Gerativa; porém, caracteriza-se de modo diferente, pois os postulados do Léxico-Gramática baseiam-se nos procedimentos empíricos. Por esta razão, Gross (1975) tem pontos de vista bem diversos dos estudos gerativistas, uma vez que seus princípios fundamentais são os de construção de ‘modelos’, que não consideram a real produtividade na língua. A teoria do Léxico-Gramática assume uma postura taxonômica e a Gramática Gerativa caracteriza-se pelo método hipotético-dedutivo.

Os estudos sobre a fixidez de estruturas² têm sido desenvolvidos nos últimos 30 anos por esse autor, juntamente com sua equipe de linguística, tendo como base a unidade de significado das frases simples. Para tanto, o método adotado consiste em estabelecer classes, cujos elementos possuam características sintáticas semelhantes.

Gross (1986) estabelece também uma classificação que separa as expressões verbais de acordo com a estrutura interna: os continentes fixos e os constituintes livres. Pode-se, então, observar que as expressões são em número bem maior do que se costuma supor nos estudos linguísticos e que, em geral, são tratadas como ‘exceções’. De acordo com essas investigações, o autor já elaborou vários trabalhos sobre as ECs verbais em diferentes línguas.

² No decorrer do estudo são adotados diferentes termos: construção, estrutura, sequência, mas todas eles referem-se à “expressão”.

Nesse aspecto, embora as expressões fixas tenham sido relegadas pelos estudos gramaticais e sintáticos a uma zona de indefinição, tem-se assistido, nos últimos tempos, a um crescente interesse por esses objetos linguísticos ‘anômalos’, sobretudo na área do Processamento das Línguas Naturais. As formas fixas, ou seja, as sequências de elementos lexicais que não possuem as propriedades combinatórias tal como era suposto, são tão numerosas em qualquer tipo de texto que não podem ser ignoradas.

Bechara (2001, p. 603), por sua vez, menciona essas expressões na subsecção “Anomalia da Linguagem”, definindo-as como: “Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto”. Em geral, isso ocorre também com muitos outros itens e/ou expressões que frequentemente ocorrem no uso da língua, mas que não receberam a devida atenção dos estudiosos e que não foram sistematizados pelos estudos gramaticais.

Segundo Ranchhod (1999), baseando-se em Gross (1996), embora já existam muitos estudos relacionados às expressões fixas, na noção de fixidez ainda há lacunas para um consenso, tanto na perspectiva analítica e conceptual como do ponto de vista da terminologia. A esse respeito, a definição das ECs é, às vezes, polêmica por existirem, na literatura, vários termos para essa designação. Assim, acabam por ocupar uma posição indesejada, uma vez que não podem ser definidas por aplicação de um modelo criterial único de análise e, conseqüentemente, são subestimadas pelo interesse linguístico.

Essa última citada dota a designação de ‘Frasas Fixas’ para estruturas em que existem fortes restrições lexicais e sintáticas entre um verbo e, pelo menos, um dos seus argumentos. São registros que possuem características comuns de combinações de **verbo + nome**, que não têm possibilidades produtivas, distribucionalmente, e nem podem ser interpretadas do ponto de vista composicional. Esse tipo de estrutura tem recebido diferentes denominações, tais como Fraseologias, Idiomatismos, Lexias Complexas, Expressões Fixas, Expressões Cristalizadas, entre outras.

Nesse sentido, Vale (2001) faz uma observação importante quando diz que, no aspecto sintático, as expressões cristalizadas³ são frases aparentemente semelhantes às comuns, mas

³ O autor usa a caracterização Expressões Cristalizadas para as expressões fixas.

no aspecto semântico são, em geral, interpretadas pelos falantes com seu significado idiomático, e não pela soma dos sentidos literais das palavras que as compõem. Assim como esse autor, adota-se, neste estudo, a última denominação (ECs), conforme vem sendo mencionada.

Considerando o posicionamento de Smarsaro (2002, p. 84), do ponto de vista da reprodutividade, há vulnerabilidade e divergência no conceito de estruturas composicionais, porque podem ser avaliadas de acordo com nossa intuição. Ao observar essas flutuações de avaliações, pode-se dizer que existem diferentes graus de composição.

Assim, os significados, tanto do ponto de vista composicional como do uso idiomático das expressões, dependem do conhecimento de mundo dos falantes, que podem produzir sentidos múltiplos, diferenciados e até mesmo antagônicos.

A composicionalidade e a não-composicionalidade

A concepção de composicionalidade relaciona-se à possibilidade de poder extrair/deduzir o significado de uma sequência a partir dos significados dos componentes. Em outros termos, significa que é possível deduzir o significado de cada elemento que compõe a expressão, o que possibilita o cálculo de um processo a ser formalizado. Para isso, é necessário que haja certa transparência semântica, bem como produtividade. Produtividade essa que pode ser aplicada a inúmeras construções sintáticas com o mesmo padrão, como no caso de sequências (palavras compostas) como **guarda-chuva, guarda-roupa**, entre outras. De acordo com Vale (2001, p. 72), “o entendimento da transparência é observado de acordo com a maior proximidade do cálculo do significado total da expressão por seus componentes, enquanto que a opacidade seria a total impossibilidade desse cálculo”.

Nesse sentido, a não-composicionalidade relaciona-se à falta de transparência semântica, ou seja, não é possível a apreensão do significado dos elementos que compõem a expressão, mas da expressão como um todo, como, por exemplo, as sequências, mencionadas mais adiante, **Dar zebra, Engolir sapo, Ser galinha** etc, que, a partir de uma construção (V+Nome), não podem ser entendidas como construções transparentes e sim totalmente opacas, porque o significado não pode ser obtido por meio do significado de cada constituinte

das expressões. Os critérios para classificação dessas expressões se assemelham aos de algumas palavras compostas porque possuem certa transparência semântica, mas não apresentam produtividade distribucional.

Dependendo do contexto, embora essas ECs possam ser intercaladas por um advérbio, um artigo, flexão de número etc (dar muita zebra), (ser um galinha), (ser uma anta), por analogia, não há possibilidade de substituição, por exemplo, do Nome (Dar macaco), (Engolir mosquito), (Ser frango). Sobretudo para os falantes da língua, elas ganhariam um novo sentido e perderiam o significado metafórico que caracterizam as Expressões Cristalizadas. Mais adiante, poderá ser percebido que algumas dessas substituições e/ou inserções são possíveis, sem que haja perda do caráter metafórico, indicando menor grau de fixidez, ou seja, menor grau de cristalização, portanto.

As expressões idiomáticas e suas extensões metafóricas

Desde a antiguidade, o homem, conforme sua evolução, é definido como um ser racional; no entanto, mais recentemente, percebeu-se, com maior clareza, que ele é também emocional. Pesquisas demonstram que o ser humano se emociona por meio de ideias, quando razões e emoções se misturam no cérebro, construindo imagens que dialogam entre si em forma de metáforas.

Ao longo do tempo, várias foram as concepções discutidas e revistas sobre o entendimento da metáfora. Segundo a visão da retórica clássica, a metáfora é considerada como figura de linguagem e definida como substituição de uma palavra por outra, quando existe uma relação de similaridade. Devido à insuficiência dessa caracterização, ela passa a ser considerada como constituição de sentido, ou seja, outra possibilidade criada pelo contexto de leitura (FIORIN, 2002, p. 86).

Estudos mais recentes mostram que a metáfora trata-se de um processo cognitivo, que estabelece semelhanças entre o novo e as experiências; e ainda, que exerce a função de propiciar a extensão da capacidade de conceituar e, conseqüentemente, de tornar mais fácil a

comunicação, pois institui o jogo entre o concreto e o abstrato que perpassa o processo mental na comunicação linguística. É um processo que perpassa nosso sistema conceitual, de modo que “tentamos, por meio de exemplos, dar algumas indicações do papel considerável da metáfora na maneira como agimos, falamos, vivemos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 205).

Na verdade, percebe-se que são vários os fatores que contribuem para as construções de sentido da linguagem: as diversas relações que se estabelecem de ordem histórico-social e cultural, o lugar da interlocução, o conhecimento compartilhado dos falantes de determinada língua.

São fatores importantes a serem levados em consideração para o tratamento das expressões idiomáticas que são também estruturas compostas de várias palavras, adicionando, porém, o fato de que uma análise lexical é exigida para a representação do significado dos itens complexos. Esse entendimento aplica-se também às expressões constituídas de **V + SN** (verbo+nome de animal, inseto) que não apresentam alta produtividade do ponto de vista morfossintático, mas sim, sob o aspecto da fala cotidiana da língua portuguesa, considerando que os termos adquirem valores semânticos opostos entre si, conforme seus ambientes linguísticos, havendo alternância entre o denotativo e o metafórico nos processos comunicacionais.

Para o caso do processamento automático desse tipo de expressões para elaboração de um dicionário eletrônico, é preciso seguir alguns caminhos para a descrição:

- a) apresentar critérios linguísticos que propiciem a identificação das expressões;
- b) relacionar as expressões;
- c) descrever as relações morfossintáticas, bem como o processo de flexão;
- d) formalizar o conhecimento linguístico sobre as expressões de maneira a serem utilizadas por sistemas de processamento automático.

Seguindo esses critérios, esse estudo auxiliará, de algum modo, a posterior formalização e o processo de automatização das expressões a seguir relacionadas:

1) Soltar os cachorros

Flexão verbal

1.a) Mário **soltou os cachorros** na secretária.

Nessa sequência, há possibilidade de flexão do verbo **soltar**, com a manutenção do sentido metafórico da expressão, porém, dependendo do contexto de uso, pode haver ambigüidade, pois é possível imaginar que Mário soltou os ‘animais’ para atacar a secretária.

Ambigüidade

1. b) *? Mário **soltou os cachorros** no quintal.

“**Soltar os cachorros**” sem o complemento-adjunto “no quintal” torna a informação ambígua, tendo em vista que são possíveis outras leituras. Dependendo da ambiência linguística em que ocorre, o verbo **soltar** perde o significado de libertar, e **cachorro** deixa de significar ‘um animal mamífero’. A perda do sentido literal de cada termo é que evidencia a existência de uma expressão que constrói o seu valor a partir do sentido global dos elementos **soltar os cachorros**, portanto, significa ter um comportamento explícito. Nos dois casos, a natureza dos nomes que compõe o adjunto (secretária e quintal), é relevante para a alteração do sentido.

Substituição lexical do nome

1. c) * Mário **soltou os gatos** na secretária.

Quando uma sequência, como **soltar os cachorros**, é fixa, não se pode fazer substituição lexical do nome, no caso, **cachorros**. A substituição de **cachorros** por **gatos** não é possível, considerando que altera o sentido da expressão.

Variação de número

1. d) * Mário **soltou o cachorro** na secretária.

A variação de número da expressão também revela fixidez, por exemplo, **soltar o cachorro** no vizinho muda o sentido metafórico da expressão.

Inserção de advérbio

1. e) * Mário **soltou pouco/muito os cachorros** na secretária.

A inserção os advérbios de intensidade **pouco/ muito** não é permitida, pois levaria a expressão a ter um sentido literal.

Variação de gênero do nome

1. f) *Mário **soltou as cachorras** na secretária.

Não há possibilidade de variação de gênero **as cachorras**. O índice de fixidez não permite, pois a expressão perderia o sentido metafórico.

Apassivação

1. g) *Os cachorros **foram soltados** por Mário.

Não admite apassivação, pois o sentido passaria a ser literal, como se os animais tivessem sido ‘libertados’ por Mário. Há, nesse caso, um bloqueio distribucional.

Redução do determinante e do nome

1. h) *Mário **soltou na secretária**.

Não há possibilidade de omitir/reduzir termos da sequência, uma vez que se tornaria sem sentido nas formas usadas por falantes da língua portuguesa.

2) Lavar a égua

Acréscimo do adjunto adverbial

2. a) Mário **lavou a égua** com a venda de dois cavalos.

Essa expressão permite o acréscimo de outros elementos, pois o sentido metafórico é mantido, denotando que a pessoa tirou proveito (teve ganhos) ao fazer uma negociação. Contudo, esse tipo de sequência não permite certas modificações (substituições e/ou inserções) de itens, podendo causar o comprometimento do sentido metafórico, como:

Substituição verbal

2. b) *Mário **esfregou a égua no quintal**.

Observa-se um bloqueio distribucional, porque não admite substituição verbal **esfregar**, pois a expressão ganharia um sentido literal. Além disso, a expressão passaria a ter um caráter ambíguo devido ao emprego do adjunto adverbial de lugar **no quintal**. Poderia se imaginar o fato de **Mário** estar no quintal e lá, ter lavado o animal.

Apassivação

2. c) ***A égua foi lavada** por Mário.

Não admite a forma passiva porque a expressão perderia o caráter metafórico, uma vez que o nome **égua** estaria sendo empregado no sentido denotativo (um animal).

Substituição lexical

2. d) *Mário **lavou a burra** no jantar.

Não admite a substituição do nome por outro como **burra/cavalo/cachorra**, mesmo sendo do mesmo campo lexical.

Redução do artigo

2. e) *Mário **lavou égua** no jantar.

Não aceita a perda do determinante, pois, além de ficar mal estruturada, essa forma não é comumente usada.

Inserção de complemento

2. f) *Mário **lavou a égua** com sabonete.

Não admite o acréscimo do adjunto, caracterizado por material, que poderia também ser **com detergente, com sabão** etc., permitindo várias possibilidades de substituições, o que caracteriza uma sequência livre. Percebe-se, então, um bloqueio distribucional, cuja explicação é feita de modo inverso de uma expressão cristalizada.

Acréscimo/ inserção de adjunto adverbial

2. g) *Mário **lavou a égua** no lava-jato, com shampoo.

Novamente, a sequência não admite o acréscimo do adjunto adverbial de lugar devido a sua natureza, além do complemento **com shampoo** ser caracterizado por material. Isso influencia o sentido da expressão para literalidade, em que o nome **égua** assume um sentido propriamente de animal.

2. h) *Mário **lavou muito/ pouco a égua** no jantar.

Da mesma forma, não é admissível a intercalação dos adjuntos **muito/ pouco**, na expressão, assim como não é possível a substituição do determinante **a** por outros elementos, como:

2. i) Mário lavou (***umas** + ***várias** + ***algumas** + ***todas** + ***estas**) éguas. Além disso, a flexão do nome **égua(s)** comprometeria o sentido.

Em todas as construções que apresentam asteriscos há um bloqueio distribucional, pois, ao se introduzir determinados elementos, perde-se o sentido metafórico e as sequências passam a ser livres.

3) **Dar zebra**

Inserção de determinantes

- 3. a) **Deu uma zebra** lá em casa hoje!
- 3. b) **Deu a zebra** no concurso.
- 3. c) **Deu umas zebras** no concurso de hoje.

Nessa sequência é permitida a inserção dos determinantes **uma, a, umas**. Embora possam adquirir nuances diferentes, pelo acréscimo contextual, o sentido metafórico é preservado. Em (3. a) pode-se entender que um fato desagradável aconteceu; em (3.b) remete à ideia de que já se esperava algum problema no concurso, referindo-se a um conhecimento partilhado, e em (3.c) remete à ideia de que alguns problemas aconteceram no concurso.

Inversão dos termos

- 3. d) O concurso **deu zebra**.

Percebe-se, nesse exemplo, a possibilidade de inversão dos termos (inserção do determinante + nome), que funciona como sujeito, mantendo o mesmo sentido da expressão cristalizada.

Inserção de adjuntos

- 3. e) **Deu muita/pouca zebra** no concurso.

Admite a inserção dos adjuntos **muita/pouca** porque não acontece a perda do caráter metafórico da expressão. Contudo, o sentido metafórico se desfaz se forem realizadas as alterações seguintes:

Substituição de item lexical

- 3. f) ***Deu girafa** no concurso.

Não há possibilidade de substituição do elemento lexical **zebra** por **girafa** (mesmo sendo do mesmo campo semântico), devido ao bloqueio distribucional.

Apassivação

3. g) ***Zebra foi dada** no concurso.

Da mesma forma não admite a formação da passiva, pois há um índice de fixidez elevado. Trata-se de uma expressão mais flexível que admite algumas inserções/ substituições e outras, não, como em (f-g).

4) Engolir sapo

4. a) Às vezes, é preciso **engolir simplesmente** sapo.

Observa-se que é possível inserir o adjunto adverbial de modo **simplesmente**, sem que haja perda da extensão metafórica.

Substituição de item lexical

4. b) ***Engoli um mosquito** no trabalho hoje.

Não há aceitação da substituição lexical do mesmo campo semântico, pois a estrutura ficaria no sentido literal de realmente engolir um inseto.

Flexão verbal

4. c) **Engolimos sapo** no trabalho sempre.

Nesse exemplo, é possível a flexão verbal em número, sem a perda do sentido metafórico, que remete à ideia de se ter, normalmente, problemas que causam aborrecimento no trabalho.

Inserção de advérbio

4. d) **Engoli muito** sapo no meu trabalho.

Admite a inserção do advérbio de intensidade, sem que haja perda do sentido metafórico. Remete à ideia de que o indivíduo, no ambiente de trabalho, teve que ouvir coisas desagradáveis e manter-se calado.

Inserção de determinante

4. e) Sempre **engolimos uns sapos** no trabalho.

Esse item admite a inserção do determinante **uns** mantendo, ainda, a extensão do sentido metafórico, pois leva à ideia de que sempre passamos por aborrecimentos no trabalho, sem poder reagir.

Inserção de pronome

4. f) Mário **engoliu aquele sapo**.

Há possibilidade da inserção do pronome demonstrativo **aquela**, uma vez que a expressão mantém o seu sentido figurado. Pode-se imaginar que **Mário** já esperava pelo constrangimento pelo qual iria passar, ou ainda, para dar realce à determinada situação discursiva, de conhecimento partilhado.

Apassivação

4. g) ***O sapo foi engolido** por Mário.

Não admite apassivação, uma vez que a expressão poderia adquirir um sentido literal. A característica do verbo remete à ideia de que realmente **Mário** ingeriu o animal.

Substituição lexical

4. h) *Mário **engoliu jacaré**.

Não aceita a substituição do nome por outro do mesmo campo semântico, como **engolir peixe**, **engolir porco** etc., pois haveria a perda do sentido metafórico e passaria a ser literal, constituindo-se um bloqueio distribucional da expressão, devido à baixa produtividade e ao alto índice de fixidez.

Variação de grau

4. i) * **Engoli um sapinho** no trabalho essa semana.

Não aceita a variação de grau no diminutivo, pois perderia o sentido metafórico. Além disso, não é usada pelos falantes.

5) Ser galinha

Inserção de determinante

5. a) Mário **é um galinha**.

A sequência admite a inserção do determinante **um**, sem alteração do sentido, denotando que Mário é um promíscuo, vulgar. Nota-se que aqui não é possível eliminar o determinante **um**, como **Mário é galinha**.

Flexão do determinante

5. b) **Maria é uma galinha**.

Nesse caso, é admissível a flexão do determinante **uma** antes do nome **galinha**, mantendo o sentido metafórico, o quer dizer que **Maria** é uma pessoa vulgar.

Flexão verbal

5. c) **Somos galinha**.

Esse item admite a flexão do verbo **ser**, podendo continuar com o mesmo sentido da expressão original, **ser galinha**. Nesse caso, o nome **galinha** é, normalmente, usado no singular, pois, se for usado no plural, perde o sentido metafórico da expressão.

Substituição verbal

5. d) **Mário ficou um galinha**.

Admite a substituição verbal de **ser** por **ficar** sem modificar o sentido, significando que **Mário** tornou-se uma pessoa vulgar.

Substituição lexical

5. e) ***Mário é um frango**.

Nesse caso, a expressão não admite a substituição do nome por outro do mesmo campo semântico. Existe aqui um índice de fixidez e um bloqueio distribucional, pois perderia o sentido figurado e passaria para o sentido literal.

Flexão de grau

5. f) ***Mário é um galinhão**.

Esse item não admite a flexão do grau aumentativo, uma vez que perderia o sentido figurado e passaria a ter um sentido literal.

6) Ser anta

Inserção de determinante

6. a) Mário é **uma anta**.

Admite a inserção do determinante **uma**, sem a perda do sentido metafórico, que remete à ideia de alguém que é bobo, tolo. Da mesma forma poderíamos dizer que **Maria é uma anta**, o que possibilita a substituição do nome (sujeito) **Mário** por **Maria**.

Flexão verbal

6. b) **Nós somos umas antas**.

Permite a flexão do verbo **ser** (somos), e do determinante **umas**, mantendo o caráter metafórico da expressão, cujo significado é: **nós somos uns bobos**.

Inserção de advérbio

6. c) Mário é **muito anta**.

Essa sequência permite a inserção do advérbio de intensidade **muito**, em que o sentido metafórico se mantém, indicando a ideia de que Mário é muito bobo.

Inserção de adjetivos

6. d) *Mário é uma **anta grande/inteligente**.

Há um bloqueio distribucional porque após o nome **anta** não é possível o acréscimo de adjetivos **grande, inteligente** etc., mostrando que a expressão **ser anta** possui maior grau de fixidez.

7) Acertar na mosca

Flexão verbal

7. a) Mário **acertou na mosca** com aquela compra.

Admite a flexão verbal, uma vez que se mantém o sentido metafórico, denotando que Mário agiu acertadamente. Em contrapartida, não admite as seguintes modificações: Flexão nominal

7. b) ***Mário acertou nas moscas**.

A flexão da locução **nas moscas** não é permitida, pois o sentido passaria a ser literal, como se **Mário** tivesse matado os insetos.

Substituição lexical

7. c) *Mário acertou **no mosquito**.

A substituição do nome **mosca** por **mosquito** deslocaria o sentido para a literalidade, além do bloqueio distribucional existente.

Apassivação

7. d) *A **mosca foi acertada** por Mário.

A apassivação também alteraria o sentido metafórico, como se “Mário tivesse realmente matado a mosca”.

8) Cantar de galo

Flexão verbal

8. a) Mário **cantou de galo** hoje.

Essa sequência admite a flexão do verbo **cantar**, mantendo o sentido metafórico da expressão, denotando que Mário se portou como ‘um valentão’. No entanto, não aceita as modificações seguintes:

Inserção de advérbios

8. b) Mário **canta (*bem + *mal + *muito + *bastante) de galo**.

A expressão, com a inserção desses advérbios, além de comprometer o sentido, não é usada pelos falantes.

Substituição lexical

8. c) *Mário **canta de pavão**.

Não admite substituição do nome por outro do mesmo campo semântico, **pavão**, causando uma ruptura paradigmática. Esse item apresenta bloqueio distribucional e um alto grau de fixidez. Aliada a isso, também, a falta de transparência faz com que a expressão fique no sentido literal.

Variação de grau

8. d) *Mário canta de galinho.

Também não admite variação de grau no diminutivo, pois não é normalmente usada, e, além disso, não permitiria manter o sentido original da expressão cristalizada.

9) Cair do cavalo

Inserção do determinante

9. a) *Mário **caiu de um cavalo**.

Não admite inserção do determinante **um**, pois a sequência se tornaria ambígua, logo, passaria a ter um sentido literal de que Mário realmente caiu de um cavalo, isto é, sofreu um acidente.

Inserção de adjunto adverbial

9. b) Mário **caiu (*sempre + *muito) do cavalo** com essas coisas.

A inserção dos adjuntos adverbiais **sempre**, **muito** possibilitaria também a ambiguidade. Dependendo do ambiente sintático em que se encontra, pode ser considerada sequência livre ou composta, podendo, ainda, assumir um sentido conotativo/ literal. Essa expressão apresenta, portanto, um bloqueio, não sendo possível aplicar um paradigma distribucional com o nome **cavalo**, ou seja, não poderia haver substituição lexical por outro nome, como **caiu (*do burro + *do boi + *do bode)** etc.

Observa-se, então, que nas sequências (7), (8) e (9) há um bloqueio distribucional, devido à baixa produtividade e maior índice de fixidez entre os elementos das expressões, entre a preposição e o nome: **na mosca**, **de galo** e **do cavalo**, denotam sentidos metafóricos usados pelos falantes de um idioma e que representam determinados comportamentos. Se em tais expressões fossem substituídos os elementos (nomes), por outros do mesmo campo lexical, como: acertar **no mosquito**, cantar **de pavão** e cair do **burro**, elas passariam a ter outro sentido.

Conclusão

No decorrer deste estudo foi possível observar o comportamento de algumas expressões, sobretudo quando modificadas pela substituição e/ou pela inserção de certos itens lexicais. Esse procedimento evidencia as restrições distribucionais que ocorrem entre os

verbos e os nomes e entre as preposições e os nomes, mostrando a fixidez interna entre esses elementos.

Observou-se também que algumas delas apresentam elevada fixidez, o que implica a não-composicionalidade dos seus significados, apontando para o fato de que sejam reconhecidas como um ‘bloco’, funcionando como um só item lexical. No caso daquelas que permitem a inserção e/ou a substituição de itens (sem bloqueio distribucional), sem alteração de sentido, são mais flexíveis, podendo ser consideradas menos cristalizadas.

Importante se faz ressaltar que este estudo centrou-se na análise descritiva, tendo sido apresentados somente alguns exemplos das expressões, como forma de demonstrar que elas têm alto teor de produtividade na vida cotidiana dos falantes brasileiros e é necessário que recebam um tratamento especializado. Dentre os critérios utilizados, destacam-se a verificação do caráter de fixidez e da desambiguação dos enunciados, aspectos fundamentais que devem ser observados na definição de entradas lexicais. Porém, para que constem de um dicionário eletrônico, é preciso ainda que essas expressões sejam representadas e formalizadas de modo a melhorar a qualidade dos programas computacionais do processamento da linguagem natural.

Conforme o posicionamento de alguns linguistas, as expressões cristalizadas não devem ser tratadas como anomalias linguísticas, mas sim inseridas no léxico computacional de um programa que trabalhe com o processamento da linguagem natural e implementadas em um dicionário eletrônico. Isso não só possibilita maior abrangência do léxico como também beneficia a questão da tradução de itens lexicais complexos como um todo, em vez de serem resolvidos por fragmentos sintáticos.

Referências

BAPTISTA, J.; CORREIA, A.; FERNANDES, G. *Léxico-gramática das frases fixas do português europeu*. Universidade de Algarve. Faculdade de ciências humanas e sociais: cadernos de fraseologia galega, n. 7, 2005, p. 41-53.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística I - Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 226.

GROSS, G. *Les expressions figées du français*. Paris: Ophrys, 1996.

GROSS, M. *Méthodes empiriques em syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

RABUSKE, R. A. *Inteligência artificial*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

RANCHHOD, E. M. *Tratamento das línguas por computador: uma introdução à linguística computacional e suas aplicações*. Lisboa, dez. 1999.

SMARSARO, A. *Um estudo sobre composição*. Revista Fala Palavra, n. 2, Outubro, 2002.

VALE, O. *Expressões Cristalizadas do português do Brasil: uma Proposta de Tipologia*, Tese de doutoramento, Araraquara: UNESP. 2001.

VIEIRA, R.; LIMA, V. L. S. *Linguística computacional: princípios e aplicações*. In: IX Escola de informática da SBC-Sul. Passo Fundo, Maringá-São José, SBC-Sul, 2001.

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista *PER*ursos Linguísticos publica trabalhos inéditos (artigos, resenhas e entrevistas) sobre fenômenos linguísticos de pesquisadores doutores (brasileiros e estrangeiros), pós-graduandos e alunos de Iniciação Científica (neste caso, com certificação do professor orientador).

Os trabalhos são apreciados por dois membros do Conselho Editorial. Havendo divergência entre eles na indicação para publicação, o trabalho é submetido à avaliação de um terceiro parecerista, na qual a Comissão se baseará para decisão final sobre a publicação.

A Equipe Editorial científicará os autores sobre o conteúdo total ou parcial dos pareceres emitidos sobre o trabalho, garantindo o anonimato dos pareceristas, uma vez que os pareceres são de uso interno da Equipe. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa dos seus artigos.

Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês, espanhol ou francês. Os dados e conceitos contidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências, serão de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Os originais apresentados não devem ter sido submetidos a outro periódico simultaneamente.

Os direitos autorais referentes aos trabalhos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à revista *PER*ursos Linguísticos, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98. O trabalho publicado poderá ser acessado pela rede mundial de computadores, sendo permitidas, gratuitamente, a consulta e a reprodução de exemplar do trabalho para uso próprio de quem o consulta. Essa autorização de publicação não tem limitação de tempo, ficando o site da revista responsável pela manutenção da identificação do autor do artigo. Casos de plágio ou quaisquer ilegalidades nos textos apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O trabalho deve ser digitado em *Word for Windows*, versão 6.0 ou superior, em papel A4 (21 cm X 29,7 cm), com margens superior e esquerda de 3 cm e direita e inferior de 2 cm, sem numeração de páginas. A fonte deverá ser Times New Roman, tamanho 12, em espaçamento 1,5 entre linhas e parágrafos, com alinhamento justificado. Entre texto e exemplo, citações, tabelas, ilustrações, etc., utilizar espaço duplo.

Os trabalhos devem ter extensão mínima de 10 e máxima de 20 páginas, incluindo todos os dados, como tabelas, ilustrações e referências.

O trabalho deve obedecer à seguinte estrutura:

- *Título*: centralizado, em maiúsculas com negrito, na fonte 14, no alto da primeira página.
- *Nome do(s) autor(es)*: por extenso, com letras maiúsculas somente para as iniciais, em fonte 12, duas linhas abaixo do título, alinhado à direita, com um asterisco que remeterá ao pé da página para identificação da instituição a que pertence(m) o(s) autor(es).
- *Filiação institucional*: em nota de rodapé, puxada do sobrenome do autor, na qual constem o departamento, a faculdade (ou o instituto, ou o centro), a sigla da universidade, a cidade, o estado, o país e o endereço eletrônico do(s) autor(es).
- *Resumo*: em português e inglês (abstract) para os textos escritos em português; na língua do artigo e em português para artigos escritos em língua estrangeira. Precedido desse subtítulo e de dois-pontos, em parágrafo único, de no máximo 200 palavras, justificado, sem adentramento, em espaçamento **simples**, duas linhas abaixo do nome do autor.
- *Palavras-chave e keywords*: no mínimo três e no máximo cinco; precedidas desse subtítulo e de dois-pontos, com iniciais maiúsculas, separadas por ponto, fonte normal, em alinhamento justificado, espaçamento simples, sem adentramento, com um espaço simples após o resumo.

- *Texto do artigo*: iniciado duas linhas abaixo das palavras-chave e *keywords*, em espaçamento 1,5 cm. Os parágrafos deverão ser justificados, com adentramento de 1,25 cm na primeira linha. Os subtítulos correspondentes às seções do trabalho deverão figurar à esquerda, em negrito, sem numeração e sem adentramento, com a inicial da primeira palavra em maiúscula. Os subtítulos obrigatoriamente utilizados (**Resumo, Palavras-chave, Abstract, Keywords, Referências**) também se submetem a essa formatação. Deverá haver espaço duplo de uma linha entre o último parágrafo da seção anterior e o subtítulo. Todo destaque realizado no corpo do texto será feito em itálico. Exemplos aos quais se faça remissão ao longo do texto deverão ser destacados dos parágrafos que os anunciam e/ou comentam e numerados, sequencialmente, com algarismos arábicos entre parênteses, com adentramento de parágrafo.

- *Referências*: precedidas desse subtítulo, alinhadas à esquerda, justificadas, sem adentramento, em ordem alfabética de sobrenomes e, no caso de um mesmo autor, na sequência cronológica de publicação dos trabalhos citados, duas linhas após o texto. Para referências em geral (de livro, de autor-entidade, de dicionário, de capítulo de livro organizado, de artigo de revista, de tese/dissertação, de artigo/notícia em jornal, de trabalhos em eventos, de anais de evento, de verbete, de página pessoal), seguir a NBR 6023 da ABNT. Os *documentos eletrônicos* seguem as mesmas especificações requeridas para cada gênero de texto, dispostos em conformidade com as normas NBR 6023 da ABNT; no entanto, essas referências devem ser acrescidas, quando for o caso, da indicação dos endereços completos das páginas virtuais consultadas e da data de acesso a arquivos *on line*.

Para citações, seguir NBR 10520 da ABNT. Ressalte-se que as referências no texto devem ser indexadas pelo sistema autor-data da ANBT: (SILVA, 2005, p. 36-37). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses, deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.

No caso de haver transcrição fonética e uso de fontes do IPA, é necessário usar somente um tipo de fonte: **silDoulosIPA**, tamanho 12. A fonte pode ser obtida gratuitamente por meio do *site*: <http://scripts.sil.org/DoulosSIL_download>.

- *Anexos*, caso existam, devem ser colocados após as referências, precedidos da palavra **Anexo**, em negrito, sem adentramento e sem numeração.

Os trabalhos que não se enquadrarem nas normas aqui expostas serão recusados.

O trabalho (um e somente um por grupo ou por autor) deverá ser enviado para endereço eletrônico <percursoslinguisticos@hotmail.com> em dois arquivos digitais, em formato *Word for Windows* (versão 6.0 ou superior), conforme as normas aqui divulgadas. No texto do **primeiro arquivo**, em uma folha que anteceda o artigo, devem constar os seguintes dados: nome e endereço completo do(s) autor(es), com telefone, fax e e-mail; formação acadêmica; instituição em que trabalha; especificação da área em que se insere o artigo. No texto do **segundo arquivo**, deverá ser omitida qualquer identificação de seu(s) autor(es), constando apenas o texto do artigo propriamente.

Serão devolvidos aos autores trabalhos que não obedecerem tanto às normas aqui estipuladas quanto às normas de formatação.

PERcursos Linguísticos

Equipe editorial

A/C Ana Regina Seno (coordenadora)

Débora Aparecida Furieri

Filipe Siqueira Fermino

Larissa Picoli

Maria Carolina Porcino

Patrick Rezende

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910

Vitória – ES

Tel: 0 XX 4009-2801

E-mail: percursoslinguisticos@hotmail.com